

Universidade Federal do Amazonas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Doutorado em Antropologia Social

**O GRITO SILENCIOSO, UM LABIRINTO ESCURO E A NOITE ESCURA DA ALMA
DO POVO HUPD'ÄH DO IGARAPÉ JAPU DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA-
AM**

Liliane Lizardo Salgado

MANAUS – AM

2025

Liliane Lizardo Salgado

**O GRITO SILENCIOSO, UM LABIRINTO ESCURO E A NOITE ESCURA DA ALMA
DO POVO HUPD'ÄH DO IGARAPÉ JAPU DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA-
AM**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, como requisito para obtenção do título de Doutor em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Davi Vieira Gonçalves

MANAUS – AM

2025

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo (a) autor (a).

- S164g Salgado, Liliane Lizardo
 O grito silencioso, um labirinto escuro e a noite escura da alma do
 Povo Hupd'äh do igarapé Japu de São Gabriel da Cachoeira – AM/
 Liliane Lizardo Salgado. – 2025.
 132 f.: il., color.; 31 cm.
- Orientador (a): Luiz Davi Vieira Gonçalves.
 Tese (doutorado) – Universidade Federal do Amazonas,
 Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Manaus – AM,
 2025.
1. Suicídio. 2. Espíritos. 3. Pajelança. 4.hupdah. 5. Alto rio negro.
 I. Gonçalves, Luiz Davi Vieira. II. Universidade Federal do
 Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.
 III. Título

Dedico este trabalho a meus avós Lucrécia e Antônio que já ancestralizaram, a minha mãe Lilia, a meus filhos Icaro e Lorena e a todos os Hupd'äh, em especial aqueles que perderam a vida para o suicídio.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me dar saúde e a oportunidade de estar aqui concluindo o Doutorado, pois a metade do Doutorado cursei passando por uma pandemia e estar aqui hoje agradecendo é muito importante para mim.

Agradeço a meu orientador Dr. Luiz Davi Vieira Gonçalves por todo apoio, dedicação para me orientar, fazer as leituras e correções do corpo da tese, sou muito grata por me direcionar na escrita da tese nesse período de construção, foi essencial as dicas para seu desenvolvimento, pois ele me pegou quando eu estava caindo, sem rumo, perdida, mais com suas dicas encontrei direcionamento e segui até aqui.

Agradeço a minha mãe Lilia Lizardo por tudo, por sempre me apoiar nos meus estudos, sendo indígena e com pouco estudo sempre estava ali do meu lado torcendo por mim nas minhas decisões, disponível para ficar com meus filhos para seguir atrás de um sonho de chegar a esse nível de escolaridade, tudo foi essencial para que eu conseguisse, os conselhos de uma mulher indígena Baré foi importante, sei que hoje se sente orgulhosa da única filha mulher e caçula.

A meus filhos Icaro e Lorena que foram sempre o motivo de eu estudar e sempre querer subir mais um degrau nesse mundo acadêmico que não acaba na graduação, pois isso eu passo sempre para eles, a sempre estudarem e correrem atrás de seus diplomas que isso é nosso maior orgulho, como diria minha avó, podem nos tirar tudo menos nosso estudo e nosso conhecimento.

Agradeço a meus avós maternos, mesmo que não estejam mais nesse mundo, foi quem me incentivou desde antes de saber se iria um dia entrar em uma Universidade. Minha avó sempre me falava “estuda, que é pra ti mesmo”, só depois que entendi essa frase tão poderosa que foi o que me incentivou a correr atrás de um sonho que era apenas cursar uma graduação e não imaginaria estar concluindo uma tese de Doutorado.

Agradeço a CAPES pelo período da bolsa em plena pandemia, isso foi essencial para continuar nos estudos.

Agradeço aos enfermeiros Sediell Ambrósio e Jonathan Machado por me ajudarem com informações necessárias na construção da tese.

Agradeço ao Sr. Adão Meira pela correção da gramática e aos conselhos para nunca desistir e sempre me incentiva no meu doutorado e mesmo eu ainda estudando ele me chamava de Dr. Yaci e isso que incentivava a continuar na batalha do percurso.

Agradeço aos Hupd'äh do Igarapé Japu, desde benzedores, familiares que perderem parente para o suicídio e aos que tentaram o suicídio, por terem disponibilizados tempo para conversas e por permitirem pesquisar e falar sobre o assunto tão sensível com eles, sou inteiramente grata.

Aos professores Dr. Gleen, Dr. Bruno Marques, Dr. Miguel Aparício, Dr. Sofia, pelas orientações realizadas na banca de qualificação. Por falarem coisas que eu poderia inserir na tese, sobre uma indígena escrever sobre outro povo da mesma região.

À Banca examinadora da defesa, Prof. Dr. Joao Paulo Lima Barreto, Prof. Dr. Justino Sarmiento Rezende, Profa. Dra. Rute Moraes Souza e Profa. Dra. Eliene dos Santos Rodrigues por aceitarem o convite a participarem desse momento tão importante na minha vida.

A todos meus sinceros agradecimentos.







Liliane Lizardo Salgado

O grito silencioso, um labirinto escuro e a noite escura da alma do povo

Hupd'äh do igarapé Japu de São Gabriel da Cachoeira - AM

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Doutor em Antropologia Social.

BANCA EXAMINADORA

	Documento assinado digitalmente LUIZ DAVI VIEIRA GONCALVES Data: 02/09/2025 17:23:50-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br	
<hr/>		
Professor Dr. Luiz Davi Vieira Gonçalves		
Orientador		
	Documento assinado digitalmente JOAO PAULO LIMA BARRETO Data: 02/09/2025 17:19:19-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br	
<hr/>		
Professor Dr. João Paulo Lima Barreto		
Examinador/a 1		
	Documento assinado digitalmente JUSTINO SARMENTO REZENDE Data: 02/09/2025 15:12:31-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br	
<hr/>		
Professor Dr. Justino Sarmento Rezende		
Examinador /a 2		
	Documento assinado digitalmente RUTE MORAIS SOUZA Data: 02/09/2025 07:10:23-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br	
<hr/>		
Professora Dra. Rute Morais Souza		
Examinador/a 3		
 		
Documento assinado digitalmente ELIENE DOS SANTOS RODRIGUES Data: 02/09/2025 13:53:23-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br		
<hr/>		
Professora Dra. Eliene dos Santos Rodrigues		
Examinador/a 4		

Aprovada em 29 de agosto de 2025.

Local: **Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, Campus
Universitário/UFAM, Setor Norte, Pavilhão Prof. Eulálio Chaves

RESUMO

A presente tese apresenta os resultados da pesquisa etnográfica sobre o grito silencioso, um labirinto escuro e a noite escura da alma do povo Hupd'äh do igarapé Japu de São Gabriel da Cachoeira - AM, desenvolvida entre 2020 – 2025. O suicídio começou a acontecer de alguns anos para cá, onde espíritos perseguem jovens indígenas. Esta pesquisa fala sobre os sinais que os Hupd'äh apresentam antes de cometerem o suicídio, tais como os sonhos, visão e vozes que escutam, e que com o *bi'in* é possível afastar os espíritos que aparecem em sonhos que em alguns casos são de parentes ou amigos próximos. Os espíritos de pessoas que se suicidaram, segundo os Hupd'äh não vão embora, ficam andando na terra ou se transformam em bichos, que atormentam e perseguem os vivos com intuito de levar eles junto através do suicídio, os jovens por possuírem espíritos mais fracos são a grande maioria das vítimas do suicídio, em que em um momento de raiva aproveitam para criar coragem de cometer o ato, outros em momento de uso de caxiri e outros não sabem como tentou o suicídio, alegando ter uma força sobrenatural mais forte que eles induzindo ao suicídio. Neste trabalho, a partir da pesquisa pude perceber a importância da pajelança para proteção em um modo geral. Quando se perde o futuro e a vontade de viver, sentem vontade de morrer, portanto, o suicídio é o resultado de quem o perde. É de suma importância falar que todos os casos de suicídio, independente da forma e motivo, precisa de empatia. Por fim, é necessária a implementação de mais melhorias nessas aldeias, como a inclusão de mais políticas públicas para esse povo. Portanto o suicídio em São Gabriel da Cachoeira desde a época de 2004, vem crescendo, diversas famílias perderam pessoas para o suicídio. Os espíritos que voltam para levar mais jovens com eles estão em quase toda parte nessa região, inclusive no Japu.

Palavras-chave: suicídio; espíritos; pajelança; Hupd'äh; Alto Rio Negro.

ABSTRACT

This thesis presents the results of ethnographic research on the silent scream, a dark labyrinth and the dark night of the soul of the Hupd'äh people of the Japu stream of São Gabriel da Cachoeira - AM, carried out between 2020 and 2025. Suicide has been occurring for some years now, with spirits haunting young indigenous people. This research discusses the signs that the Hupd'äh present before committing suicide, such as dreams, visions and voices they hear, and that with blessing it is possible to ward off the spirits that appear in dreams, which in some cases are of relatives or close friends. According to the Hupd'äh, the spirits of people who commit suicide do not go away. They remain on the earth or transform into animals that torment and persecute the living with the intention of taking them with them through suicide. Young people, because they have weaker spirits, are the vast majority of suicide victims. In a moment of anger, they take the opportunity to summon the courage to commit the act, others use caxiri, and others do not know how they attempted suicide, claiming to have a supernatural force stronger than them, inducing them to commit suicide. In this work, based on the research, I was able to perceive the importance of shamanism for protection in general. When you lose your future and your will to live, you feel like dying, so suicide is the result of those who lose it. It is extremely important to say that all cases of suicide, regardless of the form or reason, require empathy. Finally, it is necessary to implement more improvements in these villages, such as the inclusion of more public policies for these people. Therefore, suicide in São Gabriel da Cachoeira has been increasing since 2004, with several families losing people to suicide. The spirits that return to take more young people with them are almost everywhere in this region, including in Japu.

Keywords: suicid; spirits; shamanism; Hupd'äh; Alto Rio Negro.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Mapa da localização de São Gabriel da Cachoeira – Alto Rio Negro

LISTA DE FOTOS

Foto 01: Aldeia Santa Rosa

Foto 02: Igarapé Japu

Foto 03: Atravessando um igarapé no meio da trilha para a aldeia

Foto 04: Descanso no meio do caminho para a aldeia Hupd'äh

Foto 05: Igarapé Japu quando esta seco

Foto 06: Evento sobre políticas afirmativas na UFAM

Foto 07: Defesa da dissertação de Mestrado

Foto 08: Presidente do CONDISI, Presidente da FOIRN e Coordenadora do DSEI

Foto 09: Aldeia Hupd'äh Santa Rosa

Foto 10: Igarapé no meio da trilha para as aldeias Hupd'äh

Foto 11: Igarapé Japu com arvores caídas

Foto 12: Mulher Hupd'äh tecendo o *aturá* ao lado de seus filhos

Foto 13: Pesquisadora ministrando palestra sobre os Hupd'äh no DSEI ARN

Foto 14: Igarapé Japu na seca

Foto 15: Técnico de enfermagem cortando os galhos para travessia do bote

Foto 16: Hupd'äh ajudando no retorno da equipe

Foto 17: Aldeia Hupd'äh

Foto 18: Jovens Hupd'äh com a pesquisadora

Foto 19: Centro Social da Aldeia Santa Rosa

Foto 20: Ipadu consumido pelos pajés Hupd'äh

Foto 21: Pesquisadora junto com os benzedores Hupd'äh comendo Ipadu com o uso do tabaco

Foto 22: Pesquisadora e benzedores Hupd'äh comendo *ipadu* com o uso do tabaco

Foto 23: Pesquisadora em uma reunião com os Hupd'äh e a liderança Hupd'äh

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Distribuição de povos por famílias linguísticas

Tabela 02: Distribuição de Hupd'äh nos polos base do Dsei ARN

Tabela 03: Óbitos por suicídio de Hupd'äh

Tabela 04: Tentativa de suicídio entre os Hupd'äh

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CASAI - Casa de Saúde do Índio

CAPS - Centro de Apoio Psicossocial

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CRAS – Centro de Referência de Assistência Social

CREAS - Centro de Referência Especializado de Assistência Social

CONDISI – Conselho Distrital de Saúde Indígena

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

COPIISO - Coordenação de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas Isolados e de Recente Contato

CVV – Centro de Valorização da Vida

DAPS – Departamento de Atenção Primária à Saúde Indígena

DSEI -Distrito Sanitário Especial Indígena

EAF – Escola Agrotécnica Federal

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

EMSI – Equipe Multidisciplinar de Saúde Indígena

FEPI – Fundação Estadual dos Povos Indígenas

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro

FSDB – Faculdade Salesiana Dom Bosco

HGU – Hospital de Guarnição

IAEPI – Atenção Especializada aos Povos Indígenas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICOT – Instituto de Cooperação Técnica Intermunicipal

MEIAM – Movimento Estudantil Indígena do Amazonas

ONG – Organização Não Governamental

OMS – Organização Mundial de Saúde

PIRC - Programa de Povos Indígenas de Recente Contato

PPGAS – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

SASI – Subsistema de Atenção à Saúde Indígena

SESAI – Secretária de Saúde Indígena

SIASI – Sistema de Informação de Atenção à Saúde Indígena

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

UNB – Universidade Nacional de Brasília

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 A TRAJETÓRIA DE VIDA: O ENCONTRO COM A ANTROPOLOGIA SOCIAL E COM OS HUPD'ÄH	18
1.2 DO SERVIÇO SOCIAL À ANTROPOLOGIA SOCIAL	22
1.3 A PESQUISA DE CAMPO	26
1.4 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO SUICÍDIO	30
1.5 METODOLOGIA	34
2 OS HUP'DAH DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA	39
2.1 Breviário histórico do município de São Gabriel da Cachoeira	39
2.2 Alto Rio Negro	43
2.3 Contextualização histórica dos Hupd'äh	46
2.4 Saúde indígena no Alto Rio Negro	57
3 SUICÍDIO ENTRE OS HUP'DAH	65
3.1 O suicídio e seus gatilhos	70
3.2 Os sinais	74
3.2.1 O sonho	79
3.2.2 Visão e vozes	83
3.2.3 Caxiri e os gatilhos	85
3.3 Formas de suicídio: corda e timbó	90
3.4 O luto	94
4 A PAJELANÇA COMO FORMA DE PROTEÇÃO	98
4.1 Conceitos de saúde entre os Hupd'äh	99
4.2 A pajelança e os espíritos	103
4.3 Prevenção	106
4.4 O Dsei e suas implementações como forma de prevenção	113
4.5 Programa medicina indígena	116
5 CONCLUSÃO	120
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	124
ANEXOS	129

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi realizada no município de São Gabriel da Cachoeira – AM, na região do Alto Rio Negro. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística de 2024 - IBGE, o município possui 56.406 habitantes. Onde são 95% de indígenas, distribuídos nas 23 etnias existentes na região. No local, são faladas mais de 20 línguas, sendo quatro delas consideradas como línguas oficiais do município, a saber: Yëgatu, Baniwa, Tukano e Yanomami ao lado do português. E é nesse complexo da diversidade de povos, línguas e concepções sobre o mundo, que optei em trabalhar sobre o suicídio entre os Hupd'äh do rio Médio Walpés.

O interesse na pesquisa antropológica sobre o suicídio entre os Hupd'äh se deu, principalmente, a partir das idas às aldeias Hupd'äh do igarapé Japu e Vila Fátima, quando trabalhava como antropóloga no Distrito Sanitário Especial Indígena – DSEI Alto Rio Negro em 2019. Pois na época, existia um grande número de suicídio entre esse povo de recente contato que fica isolado no meio da floresta, gostaria muito de entender os motivos que levavam esse povo a atentar contra a própria vida e assim trabalhar com os profissionais de saúde do Dsei, para montar estratégias que minimizariam o suicídio entre os Hupd'äh.

É de suma importância um indígena de um povo pesquisar outros povos, pois o Alto Rio Negro é rico em diversidade cultural, muitas culturas, línguas e costumes diferentes. Então para uma antropóloga indígena Baré conhecer e aprofundar estudos com o povo Hupd'äh que mora no meio da floresta é de extrema estima. Entender e compreender o pensamento e modo de agir do povo Hupd'äh abre pensamentos do modo de pensar Baré, incluindo a troca de saberes e práticas tradicionais que se consolidam.

Durante a pesquisa de campo, a minha maior dificuldade foi o acesso às aldeias Hupd'äh, ficam localizadas no interior da floresta. Pois além de sair das margens do rio Walpes e entrar no igarapé Japu, onde há várias árvores caídas dificultando a entrada da voadeira¹, é necessário levar motor serra para cortar essas árvores caídas, para liberar a entrada e chegar no caminho que levará até as aldeias.

¹Transporte fluvial



Foto 01: Aldeia Santa Rosa
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2020.



Foto 02: Igarapé Japu
Fonte: Jonata Machado, 2020.

Além disso, há aldeias como Santa Rosa que além de chegar no porto, é necessário andar em média 4 (quatro) horas para chegar à comunidade, sendo que o chão é composto por raízes das árvores que machucam o pé mesmo usando sandália ou tênis, tem pessoas que adquiriram calos no pé, dificultando chegar ao destino. Há

momentos que deve atravessar igarapé andando em árvores caídas, como mostra a imagem abaixo.



Foto 03: Atravessando um igarapé no meio da trilha para aldeia.

Fonte: Adilson Joel, 2020.

Em determinados locais no trajeto até as comunidades havia igarapé, e era necessário atravessar por cima de um tronco de árvore caída que servia como uma ponte, exigindo equilíbrio para passar por ela e não cair na água. Os caminhos na floresta não eram tão limpos, eram bem cheios de mato, correndo o risco de ter cobras ou outros animais peçonhentos.

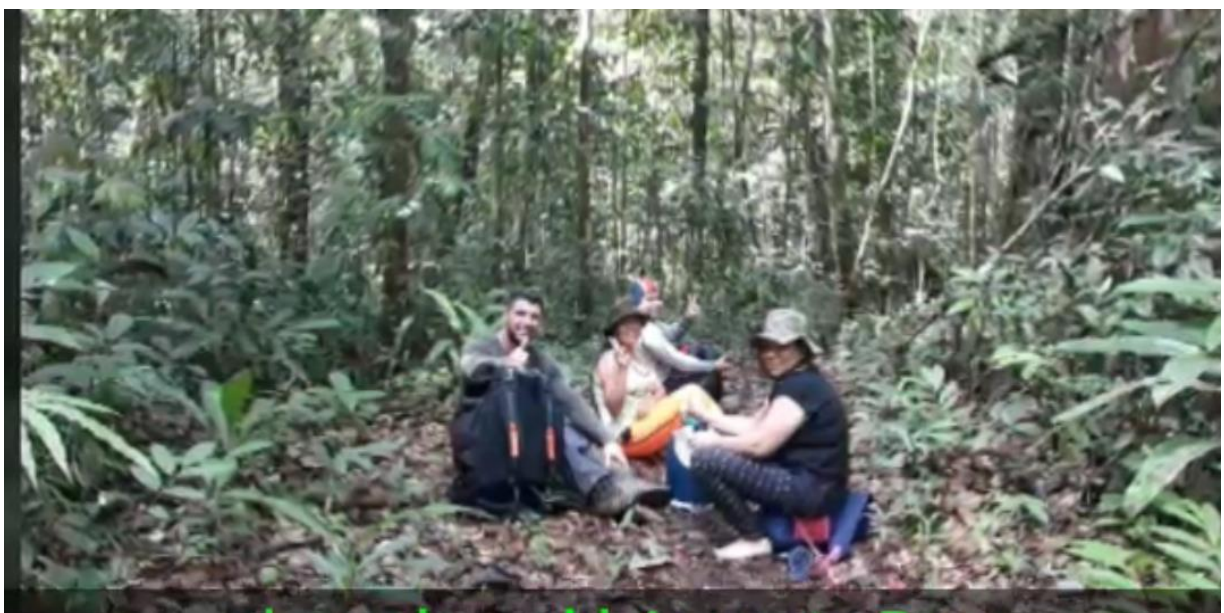


Foto 04: Descanso no meio do caminho para aldeia Hupd'äh.

Fonte: Adilson Joel, 2020.



Foto 05: Igarapé Japu quando está seco.

Fonte: Jonata Machado, 2023.

É impossível entrar no igarapé Japu quando ele está muito seco, pois a água ficava bem rasa, dificultando a passagem de bote voadeira, pois atolava e todos tinham que sair para empurrar.

1.1 A trajetória de vida: o encontro com a antropologia social e com os Hupd'äh

Sou indígena do povo Baré, filha e neta de indígenas Baré, nasci e me criei no município de São Gabriel da Cachoeira na região do Alto Rio Negro que é o município mais indígena do Brasil, nesse local, a infância da grande maioria das crianças indígenas era dividida entre escola, laser e atribuições culturais.

Lembro das férias da escola em que a minha avó materna se juntava com suas irmãs e íamos para casa de forno, era bem divertido porque reuníamos com outros primos que possuíam as mesmas obrigações e as mesmas brincadeiras.

A rotina no sítio era ao acordar tomar o café coletivo, onde minha avó fazia mingau de farinha, mingau de tapioca, café, macaxeira frita, cará frito, bolinho de tapioca frito e *quinhãpira*² com *beiju*. Após alimentados, seguíamos o caminho rumo a roça, onde tínhamos que arrancar a mandioca para começar o processo de fazer a

² Peixe com pimenta e tucupi

farinha, que creio que nenhum Gabrielense consegue fazer suas refeições sem o uso da farinha.

Na roça, cada criança e adolescente tinha seu próprio *aturá*³ com o tamanho adequado para carregar a mandioca nas costas pelo caminho até onde estava a canoa. Algumas mandiocas eram deixadas de molho em uma canoa amarrada na beira do rio para dias depois elas serem descascadas, que minha avó chamava de mandioca mole, que deveria ser misturada com as mandiocas duras que eram raladas por um ralo manual feita por indígenas e assim continuar com o processo de fabricação de farinha, tapioca, beiju, curada e tucupi.

As crianças sempre estavam ali ajudando a descascar a mandioca, lembro que eu tinha meu banquinho feito de *molongo*⁴ e tinha uma faquinha pequena para facilitar quando descascava a mandioca dura. Para espremer o líquido da mandioca, ela colocava no *tipiti* e pedia para eu sentar lá até espremer e sair todo o líquido que seria usado para fazer o tucupi.

Após todo o trabalho, estávamos liberados, íamos para o rio tomar banho e brincar de diversas brincadeiras como “briga de galo”, em que cada dupla tinha uma pessoa sentada no pescoço e quem derrubava a outra dupla primeira, ganhava a brincadeira, pulávamos das árvores no rio, remávamos até as margens do rio e fazíamos com que entrasse água na canoa para se “alagar”.

Fazíamos barquinho de *molongo*, amarrávamos com linha de tucum e uma vara de talho de pé de açaí, brincávamos de esconde-esconde e quando cansávamos a noite, sentávamos no clarão da lua em forma de roda e contávamos historinhas com diversos temas até nossos avós nos chamarem para entrar em casa. À noite, minha avó contava muitas histórias que aconteceram em outros sítios, citava exemplos de pessoas que foram levados por encantados, o caso de mulheres que iam tomar banho no rio menstruadas e sobre os seres encantados do mato, lembro que eu ficava com medo e rapidinho dormia.

Nos dias de folga da fabricação de farinha, cada um pegava uma canoa e apostávamos quem chegava primeiro do outro lado do rio nos “*cabibi*”⁵, passávamos por correntezas do rio em uma canoinha pequena, lembro que eu era criança, em

³ Cesto grande e alto, que os indígenas carregam nas costas para transportar mandiocas, frutas etc.

⁴ Árvore que tem sua madeira utilizada para produção de artesanato.

⁵ Árvores pequenas que nasciam nas pedras no meio do rio.

média uns 10 anos, eu e meu primo não tínhamos medo de atravessar o rio em uma canoinha pequena.

Além de aprender a cultura da família Baré, minha avó pedia para eu ir à escola das freiras, para aprender o português e demais disciplinas da escola, pois ela só falava nheengatu e castelhano. Lembro que ela queria muito que eu estudasse, dos afazeres domésticos me liberava, caso eu fosse fazer tarefa, estudar para provas ou fazer leituras, e isso me incentivava a querer estudar e ter no futuro uma profissão. Um episódio que aconteceu comigo que sempre lembro, foi quando eu e meus irmãos estávamos embaixo de uma árvore, para aproveitar a sombra, enquanto minha avó plantava maniva na roça, de repente, um “macaco sebo” entrou no meu olho e chorei porque minha avó falava que ele mijava lá dentro do olho e por isso ardia muito. Nisso que ela viu eu chorando, ela deixou as manivas no chão e foi em minha direção para saber o que tinha acontecido, foi quando disse que o “bicho” tinha entrado no meu olho, imediatamente ela assoprou no meu olho para retirá-lo, e depois falou “estuda minha filha, estuda, é pra ti mesmo”, se retirou e voltou a plantar mandioca. Na época, não entendi o que ela quis dizer com isso, mais na frente entendi perfeitamente.

Desde o Pré II até o término do Ensino Fundamental, eu estudei em Colégio Salesiano, que era dirigido por freiras. Quando conclui o Ensino Fundamental, fiz a prova para entrar na Escola Agrotécnica Federal EAF - SGC, onde cursei o técnico em Zootécnica, para aprofundar os conhecimentos sobre criação de animais, naquela época, era comum indígenas de São Gabriel da Cachoeira cursar os técnicos oferecidos que eram Zootecnia, Agricultura e Piscicultura, assim de manhã estudava o Ensino Médio e a tarde estudava o curso Técnico.

Porém, quando cursava o último ano do Ensino Médio, uma amiga informou sobre o vestibular do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, pois naquela época não se falava de vestibular, pelo menos entre meus familiares e amigos próximos não, pois em São Gabriel, naquela época, não existia celular e muito menos internet para saber das informações. No Enem, acabei adquirindo uma nota boa e assim ganhei uma bolsa 100% integral para estudar o curso de Bacharelado em Serviço Social na Faculdade Salesiana Dom Bosco – FSDB e a partir daí começa outro desafio na minha vida.

Tive que me mudar para a capital amazonense para conquistar o sonho de cursar um nível superior, no início, minha mãe alugou um quarto, onde iniciei com um colchão no chão, um ventilador pequeno, um fogão de duas bocas e umas panelas

que minha mãe mandou de São Gabriel. O curso supracitado veio para ajudar a obter conhecimentos sobre os direitos garantidos.

Quando cursava o segundo período da faculdade no início de 2006, consegui estágio remunerado na Fundação Estadual dos Povos Indígenas - FEPI, em que agradeço ao Senhor Bonifácio Baniwa que na época era o Diretor - Presidente da FEPI por ter me dado essa oportunidade e João Paulo Barreto Tukano que era Assessor da FEPI por ter me recebido como sua estagiária, pude aprender muitas coisas sobre o trabalho com os povos indígenas do Amazonas, na época tinha 19 anos. Após, entrei para o Movimento Estudantil Indígena do Amazonas – MEIAM, onde tínhamos sempre reuniões na Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira - COIAB, assim sendo, tive a oportunidade de conhecer mais sobre os povos indígenas de todo o Estado do Amazonas.

Em 2009, tive que fazer o estágio obrigatório no Hospital e Pronto Socorro 28 de agosto, nesse momento, percebi o quanto os pacientes e seus acompanhantes indígenas ficavam perdidos sem orientações, alguns por vergonha de perguntar e outros por não entender o fluxo do hospital, e também procuravam bastante por benzedores, pajé, curandeiros e remédios caseiros, esses pacientes eram oriundos da Casa de Saúde Indígena – CASAI/ Manaus e Municípios do AM.

Percebi que eu gostava e tinha muita curiosidade sobre a saúde indígena, eu tinha uma grande vontade de conhecer mais sobre a Saúde indígena e então, elaborei o Trabalho de Conclusão de Curso com o tema: “Saúde entre os povos indígenas da Região do Alto Rio Negro no município de São Gabriel da Cachoeira: a medicina tradicional e a medicina ocidental; a valorização do conhecimento tradicional”, que foi defendido em 2010, o que gerou grande repercussão na faculdade, porque na época eu fui a primeira aluna a trazer essa temática para o curso de Serviço Social na faculdade.

Depois da conclusão do curso, retornei para São Gabriel da Cachoeira para atuar como Coordenadora do Pró - jovem Adolescente, no Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, onde 100% eram jovens indígenas de diversas etnias do município. No mesmo ano, fui convocada pela Secretária de Assistência Social – SEMAS a mudar de função e assumir a vaga de Assistente Social do Centro de Referência Especializado de Assistência Social - CREAS, onde pude perceber como muitas crianças e adolescentes indígenas tinham seus direitos violados. Foi uma

experiência incrível para o meu amadurecimento profissional no Serviço Social, com apenas 23 anos.

1.2 Do serviço social a Antropologia Social

No final de 2011, participei de um Processo Seletivo para concorrer a vaga de Assistente Social no Distrito Sanitário Especial Indígena – Alto Rio Negro no município de São Gabriel da Cachoeira / DSEI-ARN, que após entrevistas de seleção, fui selecionada para atuar como Assistente Social no Distrito Sanitário Especial Indígena no município de Santa Isabel do Rio Negro que é subordinado ao DSEI - Alto Rio com sede em São Gabriel da Cachoeira. O grande diferencial da Saúde Indígena é uma conquista dos povos indígenas, e que na cidade os usuários é quem procura atendimento de saúde, nas comunidades a Equipe Multidisciplinar da Saúde Indígena – EMSI é que leva o atendimento até aos indígenas em suas aldeias. Nas aldeias, os indígenas vão até o centro comunitário para serem atendidos pelos profissionais e os demais usuários que não podem ir ao centro comunitário por algum motivo, aguardam em sua casa o atendimento domiciliar. A preservação e valorização da medicina tradicional estavam sempre presentes, pois eles valorizam os pajés, rezador, curador benzedores, parteiras e plantas medicinais.

Um episódio que marcou a minha ida para a antropologia, foi que um certo dia, eu estava em um momento de lazer no final de semana com amigos enfermeiros e dentistas do Dsei, quando fui acionada para comparecer ao Hospital do Município de Santa Isabel do Rio Negro e chegando ao local, soube que um indígena havia “matado” seu filho dentro do hospital e a polícia estava aguardando o responsável lá fora para prendê-lo por assassinato. Entrei no hospital, procurei o pai da criança e perguntei o que tinha acontecido, logo ele me disse: “esse aí não é meu filho, o macaco trocou ele, o espírito do meu filho já está longe”, na hora fiquei sem reação, mas logo lembrei de meus avós que sempre falavam sobre a troca de espíritos de criança e seres encantados se não tivesse o *bi'in* e resguardo. Segundo os indígenas da região do Alto Rio Negro, grande parte das doenças da região são causadas por seres encantados, que por algum motivo em que se quebra a regra da natureza essa doença surge, outro meio de surgimento de doença é por causa de feitiçaria, em que é causada por um pajé ou benzedor, em que a pessoa fica doente e geralmente, médico não descobre o diagnóstico.

Eu entendi o que a família da criança do hospital me relatou, ele estava agindo conforme sua cultura, porém, para os não indígenas isso é assassinato e inflige o Art. 7 do Estatuto da Criança e Adolescente que diz que a criança tem direito a proteção a vida, esse seria meu pensamento como Assistente Social que era a função que atuava no Dsei naquela época, mas pensei como vou falar para o delegado que o indígena matou a criança, porque o macaco trocou o espírito da criança?

Após alguns meses conversando sobre esse caso com Gersem Baniwa que é uma grande Liderança Indígena do Alto Rio negro, ele me disse que era para eu cursar o Mestrado em Antropologia Social e assim ter mais propriedade para falar nesses casos. Resolvi buscar conhecimentos através do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFAM, onde me inscrevi para concorrer a uma vaga com o tema: “*Mutawarisá*: benzimento entre os Baré de São Gabriel da Cachoeira - Alto Rio Negro”, o qual consegui a vaga para ingressar em março de 2014.

O interesse na pesquisa antropológica sobre o benzimento entre o povo se deu, principalmente, a partir das histórias narradas entre meus avós maternos, seus irmãos, e demais parentes nos sítios Nanã, *Paraúa*, e Carapanã, nas aldeias Ilha do Açaí e São Joaquim, nos locais onde participava das festas de santo, e na residência dos meus avós em São Gabriel da Cachoeira (local onde frequentava a escola). Abaixo uma imagem sobre um evento para vagas afirmativas ao lado da Liderança Gersem Baniwa no ano de 2014, quando iniciava o mestrado.



Foto 06: Evento sobre políticas afirmativas

Fonte: Arquivo pessoal, 2014.

A ideia de realizar a pesquisa sobre o benzimento dos Baré me faz lembrar da infância. Pois sempre que um parente adoecia, minha avó solicitava a presença de um benzedor para a sua cura. E, embora a presença de crianças não fosse permitida para não atrapalhar o benzimento, sempre observava sorrateiramente. Durante os benzimento, era solicitado o auxílio a santos católicos, como Santa Ana e São Joaquim, para os quais pediam em orações e saúde ao enfermo, oferecendo em troca doações de alimentos, esmolas em dinheiro, frutas e ladainhas rezadas em latim e português nas datas comemorativas das festas de santo, como o de São Joaquim.

Essas festas indicam processos sociais (religiosos), nesse caso, rituais, nos quais estamos engajados. Nessas festas, a grande maioria dos rezadores atua com a ajuda de santos católicos. Contudo, o “*mutawarisá*” (*bi'in*) e o uso de plantas medicinais fazem parte do benzimento Baré, como elementos tradicionais. E foi diante do contexto vivenciado tanto na minha infância quanto na atualidade, que me interessei pela compreensão dos *bi'in* Baré, usados tanto no passado quanto na contemporaneidade, e também para conhecimentos devido à experiência adquirida na Saúde Indígena, como mencionei acima, tendo a dissertação de mestrado defendida no ano de 2016, conforme imagem abaixo, onde consta meu orientador Prof. Dr. Frantomé Bezerra Pacheco e Prof.^a. Dra. Ana Carla dos Santos Bruno.



Foto 07: Defesa de dissertação de Mestrado.
Fonte: arquivo pessoal, 2016.

Em 2017, participei da Organização Não – Governamental - ONG Usina da Imaginação, onde atuava como pesquisadora na infância indígena, conhecendo quais os métodos utilizados para o desenvolvimento e crescimento da criança, utilizando os conhecimentos tradicionais passados de geração a geração pelos antepassados. Nessa época, eram feitas entrevistas com mães e rodas de conversas em um determinado local estratégico com periodicidade semanal em diversos locais e diversos povos indígenas.

Em 2019, fui convidada pelo Dr. Frank Quirino, que na época era o Coordenador Distrital de Saúde Indígena do Alto Rio Negro, para trabalhar na função de antropóloga do Dsei - Alto Rio Negro. Pois o Coordenador do Dsei Dr. Frank Quirino me deu a missão de entrar na área do povo Hupd'äh para compreender os motivos que levavam os Hupd'äh a atentarem contra a própria vida e assim levando ao suicídio, para assim, elaborar estratégias com o objetivo de diminuir esses casos. Tive que entrar em todas as aldeias do igarapé Japu, localizado no Médio Walpés em São Gabriel da Cachoeira. Abaixo a imagem após uma reunião na Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro – FOIRN, da direita para esquerda Jovânio Baré – Presidente do Conselho Distrital de Saúde Indígena - CONDISI, eu, Marivelton Baré – Diretor Presidente da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro - FOIRN e Frank Quirino – Coordenador do DSEI ARN.



Foto 08: Presidente do Condisi, eu, Presidente da FOIRN e Coordenador do Dsei.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2020.

A cada retorno da viagem, o Coordenador do Dsei Dr. Frank solicitava um relatório do que foi analisado e visto para traçar metas com intuito de diminuir os casos de suicídio no Japu. A cada viagem, o interesse pelo tema “suicídio” aumentava, a curiosidade dobrava, e por atuar no Dsei, pesquisando sobre o suicídio entre o povo Hupd’äh, resolvi aprofundar o tema no Doutorado, para não apenas ser um tema de pesquisa e sim entender melhor o suicídio entre os Hupd’äh e colaborar de alguma forma para minimizar o suicídio, seja ele por questões sociais ou espirituais. Então 2019, participei do Processo Seletivo do PPGAS-UFAM para cursar o Doutorado em Antropologia Social com o tema “O grito silencioso, um labirinto escuro e a noite escura da alma do povo Hupd’äh do igarapé Japu de São Gabriel da Cachoeira – AM para ingressar em 2020.

1.3 A pesquisa de campo

A pesquisa é liberada pelo Comitê de ética em pesquisa e Comissão Nacional de ética em pesquisa CEP/CONEP⁶, onde segui todas as regras passando pela

⁶ Conforme documento em anexo.

Federação das Organizações Indígenas - FOIRN que encaminhou para Funai regional de São Gabriel da Cachoeira e posteriormente para Funai Brasília. O projeto de pesquisa foi cadastrado na plataforma Brasil.

O ingresso no Doutorado foi desafiador, pois no ano que iniciaria em 2020 veio a pandemia, morava em São Gabriel da Cachoeira, o município estava um caos, todos no momento pensando em como evitar que a doença chegasse ao município e como se proteger dela, pois era uma doença nova e sem muito tratamento eficaz, estávamos no isolamento, internet precária no local, senti dificuldade de mexer naqueles portais que o PPGAS criou e sem ter auxílio de quem ajudar como mexer no portal e com internet com conexão ruim, tudo ficou mais difícil. No início de 2021, perdi o meu tio muito próximo, o irmão caçula da minha mãe, o que cuidava de mim e dos meus irmãos quando éramos pequenos, a família toda arrasada, triste e sem ânimo para nada, nesse ano quase não tinha ânimo para assistir aulas e fazer a pesquisa de campo, e principalmente sobre o tema que fala sobre morte e luto, para mim foi muito difícil fazer a pesquisa depois disso, mais aos poucos fui voltando às pesquisas.

Depois da pandemia, a liberação para entrada em áreas indígenas nessa região ficou, limitada, para evitar que pessoas de fora da comunidade levassem a doença até eles, era necessário apresentar teste de Covid negativo, antes de entrar em campo, mas fui continuando a pesquisa e conseguindo dados.

Os Hupd'äh habitam o interior da floresta, onde não tem orelhão e muito menos internet. O único meio de comunicação é somente a radiofonia, que fala diretamente com o setor de resgate de saúde do Distrito Sanitário Especial Indígena, com os polos base e onde tiver rádio fonia. Além disso, nem todas as aldeias possuíam rádio. Mesmo antes da chegada da pandemia, os Hupd'äh não gostavam de conversar com estranhos, pois não falam a língua portuguesa. Eu sempre conversava com eles através de um agente de saúde ou professor que traduzia as falas entre eles e eu. E para isso, foi necessário que eu passasse bastante confiança, o que consegui através de várias entradas na aldeia e estadias longas como antropóloga do Dsei – ARN antes de entrar no Doutorado.

No polo base Marabitaná do Waupés pertencente ao DSEI ARN, houve em 2018, 07(sete) casos de violência autoprovocada. Entre as aldeias, estão 03 (três) em Santa Cruz do Cabari; 03 (três) em Santo Atanásio e 01 (um) em Santa Rosa, todos jovens e adolescentes entre 12 a 22 anos. Ainda, dos 07 (sete) casos, 06 (seis) usaram o método do enforcamento e 01 por envenenamento, sendo notificados 15

(quinze) tentativas de suicídio em 2018. Em 2019, foram notificados 03 casos de suicídio no primeiro semestre, sendo 01(um) na aldeia Águas Vivas, 01 (um) em Santa Cruz do Cabari e 01 (um) em Santo Atanásio, com faixa etária entre 18 a 20 anos, entre eles 02(dois) casos foram por enforcamento e um por envenenamento. Em relação às tentativas neste ano corrente, foram notificadas 07(sete) tentativas no primeiro semestre de 2019 (SIASI, 2019).

No polo base São José de Anchieta em 2018 houve um caso de suicídio na aldeia Santo Antônio do Tury com um adolescente de 17 anos, enquanto no polo base São José II, 06 (Seis) tentativas de suicídio em 2018 e 06(seis) tentativas no primeiro semestre de 2019. Entretanto, nos anos de 2018 e 2019, ocorreram 06 (seis) suicídios do sexo masculino e 05(cinco) do sexo feminino entre a adolescência e o início dos 20 anos, usando o método de enforcamento e envenenamento. O local escolhido por esses adolescentes para o suicídio na maioria das vezes é a roça.

A pesquisa de campo foi realizada com os Hupd'äh do Alto Rio Negro da região do igarapé Japu e vila Fátima localizada no Distrito de Yauarete. Para efeitos de fundamentação teórica, foi utilizado fontes de informação de pesquisadores sobre o Alto Rio Negro que pesquisaram sobre os Hupd'äh, assim para fundamentar o Capítulo I sobre o histórico de São Gabriel da Cachoeira – Alto Rio Negro foram utilizados os autores Orlando Baré (2010), Cabalzar (2006), Barbosa (2004), Luciano (2011), Ricardo (2006) e Almeida (2007). E para complementar o histórico do contato dos Hupd'äh foi usado Ramires (2006), Pozzobon (1998) e Marques (2015). Para fundamentar o 2º capítulo com a temática sobre o suicídio trago os autores Maximiliano (2016), Pechincha (2018), Orellana (2013), Walter Coutinho (2011), Moreira (2017), Montardo (2002), Menezes (2017), Tancredi (2023), Vieira (2017), Sousa (2020), Miguel Aparício (2015), Gentil (2000). Para fundamentar o terceiro capítulo com a temática pajelança como forma de proteção, trago os autores Renato Athias (2000), Marques (2019), Ramirez (2006) e Wright (1996).

A pesquisa foi desenvolvida usando tradutor, como agentes de saúde, professor de cada aldeia onde foi realizada a pesquisa, pois além de conviverem diariamente na comunidade, são eles que dominam a língua Hupd'äh e a língua Portuguesa.

Para alcançar os referidos objetivos, foi utilizado o método etnográfico de observação participante, entendido na perspectiva de uma descrição densa (Geertz, 1989), ou seja, tomando a experiência etnográfica e seu registro para além de uma

mera descrição, explicitando o contexto sobre o qual as práticas assumem significado através da interpretação dos símbolos ligados às concepções imanentes da cultura estudada. Portanto, o acompanhamento direto das atividades exercidas pelas pessoas que foram envolvidas na pesquisa, incluindo o diálogo, as rodas de conversa e conversas individuais.

Para conseguir a confiança e fazer com que eles falassem comigo sobre esse assunto, foram necessárias diversas idas às comunidades, chegando com eles para conversar sobre assuntos pertinentes a vivência naquele local, deixando-os a vontade para falar sobre o que quisessem, acompanhava-os nas atividades cotidianas, ia tomar banho no igarapé com as adolescentes Hupd'äh e percebia o quanto era divertido estar ali com eles, pude perceber que estava adquirindo a confiança deles, pois já me contavam as coisas naturalmente. E foram me contando sobre os casos de suicídios de seus amigos, ou em alguns casos, o próprio relato deles como sobreviventes. Mas sempre era um assunto delicado de falar, então, tinha um certo limite para encerrar o assunto e mudava para outro assunto para não ir muito a fundo naquele momento. A confiança que se desenvolve com a comunidade é de suma importância, pois nos permite ter acesso a diversas informações, as vezes, até informações inesperadas que não faziam parte do foco da pesquisa inicial, mas que ajudam no entendimento de certas questões, pois é no momento deles e quando estiverem à vontade para falar sobre o suicídio, tinham vezes que falavam sobre o assunto dentro do igarapé.

O foco do meu trabalho foi aprofundar o diálogo com sobreviventes e famílias que perderam membros ao suicídio, via uma série de entrevistas abertas e semiestruturadas. A essas entrevistas focadas são somadas as discussões mais abertas e informais que surgem sobre o tema. Também realizei entrevistas abertas com as lideranças e benzedores das comunidades sobre a incidência do suicídio e seus entendimentos do fenômeno.

Usei o início da noite, quando as lideranças e benzedores Hupd'äh se reuniam para comer o *ipadu*⁷ e fumar tabaco, para ouvir e observar histórias, narrativas, os comportamentos e conversas informais espontâneas que vieram contribuir para a investigação etnográfica. Lembro em uma noite que eu estava na comunidade Santa Rosa e estava rodeada por lideranças Hupd'äh do sexo masculino, uma mulher

⁷ Planta de folhas elípticas, que após o preparo é ingerido.

Hupd'äh se aproximou, era esposa de um dos membros da roda e me falou “tu está comendo *ipadu*?” eu respondi que sim, e percebi que ela ficou meio assustada e disse “as mulheres aqui não comem *ipadu*, só os homens, mais tu pode, porque tu não é Hupd'äh”. Então continuei conversando e comendo *ipadu* junto com o uso do tabaco para falar sobre o tema da pesquisa.

Mas não é só a aproximação física da convivência que abre possibilidades de pesquisa etnográfica. Segundo o engenheiro Calil Júnior (2008), “Para o encontro com a alteridade não basta apenas o movimento de ir até onde os nativos estão, é preciso outros deslocamentos psicológicos, culturais, sociais, etc – a fim de que esse encontro se efetive”. (Calil Júnior, 2008, pg.124). No meu caso, foi justamente a aproximação com as lideranças e benzedores, nas rodas de *Ipadu*, e a confiança de ouvir outras teorias espirituais sobre o suicídio entre os Hupd'äh, que permitiu um entendimento mais profundo do tema do que os profissionais de saúde, se permitiam com sua perspectiva medicalizada. Pois para falar sobre esse assunto delicado, até o psicológico tem que estar bom para ouvir relatos de pessoas que sobreviveram a tentativas de suicídio por não querer mais viver, porque nesse momento em que se houve um indígena falar que não quer mais viver e prefere a morte, passa milhões de coisas na nossa cabeça, um sentimento de tristeza, lembrava de quem perdi, mas sempre focada no campo de pesquisa.

O suicídio é um tema extremamente delicado em qualquer situação social. No caso dos Hupd'äh, torna -se ainda mais sensível, devido à grande atenção que o fenômeno tem atraído na mídia regional e nacional no Alto Rio Negro, e o intenso foco das autoridades regionais, nacionais de saúde sobre a questão do suicídio indígena desde uma perspectiva epidemiológica, psiquiátrica e cultural. Foi talvez justamente essa abordagem medicalizada e intervencionista de médicos que levou ao pouco sucesso das intervenções anteriores realizadas sobre o tema.

1.4 Contextualização histórica do suicídio

A palavra suicídio surgiu em 1737, criado pelo Botânico Francês René Louiche Desfontaines com origem no latim: *sui* que significa “si mesmo” e *cæderes* que significa “ação de matar”, que vê a necessidade recorrer a morte como saída para acabar com o sofrimento insuportável que dá agonia e desespero. Pois é uma ação voluntária e que tem intenção de tirar a própria vida, e que depois de vários

pensamentos e planejamento, chegam a conclusão que a morte significa o fim de tudo (Assumpção Jr. 2018; Solomon, 2018).

O tema suicídio vem sendo assunto de pesquisas e de discussões atuais em vários ambientes institucionais, nas políticas públicas, ciências e na cultura. O termo suicídio pode ser descrito como morte voluntária, intencional ou autoprovocada, tanto nos casos em que a pessoa se mata ou negligentemente se deixa morrer.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) diz que “o suicídio é um ato deliberado, iniciado e levado a extremo por uma pessoa com absoluto conhecimento ou expectativa de um resultado fatal”. Então, o ato de tirar a própria vida é uma apresentação profunda da dor emocional, um ato que na maioria das vezes, surge como resultado de uma procura desesperada por alívio, quando não se vê mais saída e que a única solução é a morte.

O dia 10 de setembro foi decretado pela Organização Mundial da Saúde – OMS, como o Dia Mundial da Prevenção do Suicídio que surgiu em 2003. A cor amarela foi escolhida para representar a campanha, por causa da experiência vivenciada pela família Emme em 1994, em que o adolescente de 17 anos chamado Mike Emme tirou sua própria vida, ele era conhecido pelo seu jeito caridoso e seus conhecimentos em mecânica, pois ele refez e consertou um Mustang 1968, e o pintou ele amarelo. No dia do seu funeral, os amigos de Mike colocaram uma cesta com fitas amarelas para quem quisesse pegar e usar, pois nessa fita tinha mensagem que dizia “se você precisar, peça ajuda”. Essa atitude causou uma grande repercussão, que em poucas semanas o tema sobre o suicídio apareceu em vários locais e muitos jovens pediram ajuda. Desde então, a fita amarela foi escolhida como símbolo do programa que incentiva aqueles que têm pensamentos suicidas a buscar ajuda.

No Brasil, a campanha de prevenção ao suicídio setembro Amarelo, teve início em 2015, com a iniciativa do Centro de Valorização da Vida - CVV, do Conselho Federal de Medicina - CFM e da Associação Brasileira de Psiquiatria – ABP.

O Brasil teve a ideia de realizar eventos para abrir espaços para debates sobre o suicídio e alertar a população sobre a importância de falar sobre esse assunto. Percebe-se que no mês de setembro, os locais públicos são iluminados com a cor amarela, tem escolas que distribuem fitinhas amarelas, alguns profissionais da saúde colam lacinhas amarelas na camisa, nessa época, há muitas palestras em escolas, nos postos de saúde entre outros órgãos.

No ano de 2000, a OMS também elaborou uma cartilha para aconselhar profissionais da mídia na abordagem sobre o suicídio. As orientações seguem o padrão de noticiar de forma responsável, usar o termo suicídio consumado e não suicídio bem-sucedido, oferecer informações de locais e números de telefone de pessoas preparadas para ajudar a quem precise, não publicar fotos, cartas de despedidas, nem informar o método usado, dentre outras disposições (OMS, 2000).

Até em respeito aos familiares e amigos que estão sofrendo com a perda da pessoa, então, é sempre importante manter sigilo e cautela, pois é doloroso para a família assistir uma reportagem em que fala sobre como o suicídio aconteceu, de que forma e qual foi o suposto motivo.

Outra ação de âmbito governamental em 2006, aconteceu através da Portaria n.º 1.876, que estabeleceu as diretrizes nacionais para prevenção do suicídio, e lançou o manual para profissionais da saúde⁸. Em 2011, a Portaria n.º 3088 instituiu a Rede de Atenção Psicossocial – Raps para pessoas com sofrimento ou transtorno mental, objetivando seu atendimento desde a atenção básica até a atenção hospitalar, incluindo serviços de urgência e emergência sob a coordenação dos centros de atenção psicossocial – CAPS⁹. A criação desta rede de apoio foi de suma importância, uma vez que tirou o foco das ações de saúde mental, somente da atenção especializada e as colocou em todos os níveis de atendimento.

Para a psicóloga Isabel Quental (2017), ao observar o suicídio como problema de saúde pública e social, dá-se maior visibilidade e clareza ao mesmo, abrindo capacidade para que todos ajudem para seu enfrentamento e solução. Pode-se observar que várias ações têm sido realizadas, não obstante também persistem as dificuldades de prevenção e de protocolos para se atender com a situação.

O suicídio no geral continuamente teve um perfil ilusório na história ocidental, por ser invisível, que carrega o presságio do Mal. Segundo o antropólogo Maximiliano Loiola (2016):

“O suicídio, portanto, é representado no arcabouço discursivo, seria algo que sempre existiu, e ao mesmo tempo seria também um fenômeno dinâmico, transformando- -se, neste caso, complexificando-se e agravando-se diante do contexto dos dias de hoje” (Maximiliano, 2016 p. 152).

⁸ <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/suicidio-prevencao/acoes-do-ministerio-da-saude>

⁹ <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/suicidio-prevencao/acoes-do-ministerio-da-saude>

Portanto atualmente a prioridade de tentativas de suicídio e a reincidência do suicídio relacionam-se com acontecimentos biopsicossociais e preocupam os profissionais de saúde, considerando as estatísticas oficiais. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), cerca de 800 mil indivíduos tiram a própria vida a cada ano. Este número equivale a uma morte a cada 40 segundos no mundo. A despeito desse quantitativo, a OMS chama a atenção para a quantidade reduzida de países que incluem a prevenção ao suicídio entre suas prioridades de saúde pública, afirmando que, apenas 28 países relatam possuir uma estratégia nacional direcionada ao tema, além da debilidade de alguns países no fornecimento de dados de qualidade¹⁰.

O suicídio é uma das três causas de morte entre jovens entre 15 a 29 anos de idade, isso incluindo indígenas e não indígenas do Brasil, incluindo o Amazonas, uma vez que é considerado problema de saúde pública e nos entendemos que isso faz com que seja um pedido de socorro dos jovens para as famílias. O suicídio é uma morte que chama a atenção das pessoas, por ser uma morte autoprovocada e chama atenção os motivos que levam a pessoa a atentar contra sua própria vida.

É oportuna a diferenciação entre o suicídio exatamente declarado da tentativa de suicídio e da ideação suicida. A tentativa de suicídio seria a ação com intenção destrutiva de automutilação ou de intoxicações medicamentosas. E a ideação suicida dizer respeito ao querer tirar a vida. (Cavalcante; Minayo, 2004).

No Brasil, a própria residência é o local mais usado de suicídios que atingem os 51%, seguida pelos hospitais de 26%. Os principais meios usados são pelo método do enforcamento (47%), armas de fogo (19%) e envenenamento (14%). Entre os homens dominam o enforcamento (58%), arma de fogo (17%) e envenenamento por pesticidas (5%). Entre as mulheres, enforcamento (49%) também está em número um, seguido de fumaça e fogo (9%), precipitação de altura (6%), arma de fogo (6%) e envenenamento por pesticidas (5%) (Lovisi et al., 2009).

É necessário advertir que um motivo nacional por mortalidade por suicídio esconde essenciais variações regionais. Pesquisas epidemiológicas realizados nas duas últimas décadas confirmam taxas mais elevadas em homens, idosos, indígenas e em cidades de pequeno e de médio porte populacional (Minayo, 2012).

¹⁰ <https://brasil.un.org/pt-br/80964-oms-quase-800-mil-pessoas-se-suicidam-por-ano>

Portanto, o suicídio ocorre em nível nacional, porém, o que diferencia são os motivos que levam a pessoa a cometer o ato, o suicídio entre indígenas e especificamente entre os Hupd'äh, traz um olhar diferente ao modo que tudo acontece e o que traz o modo de proteção adaptado ao conhecimento tradicional, como veremos a frente.

Espero que o resultado desta pesquisa contribua com o combate ao suicídio nas aldeias Hupd'äh do Igarapé Japu, valorizando os conhecimentos tradicionais para o enfrentamento e diminuição de casos e tentativas de suicídio.

1.5 Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida com procedimentos da antropologia, pelo método etnográfico com base nos livros Etnografia da prática escolar de Marli Eliza Dalmazo Afonso de André (2012) e Etnografia e observação participante de Michael Angrosino (2009).

Segundo o antropólogo Michael Angrosino (2009), o método etnográfico surgiu por meio do orgulho e vaidade de antropólogos de que as hipóteses injustificadas pelos filósofos sociais eram insuficientes para compreender as categorias humanas. Para os antropólogos, apenas indo ao campo, um cientista seria capaz de obter o funcionamento e o conhecimento da experiência e vivência humana.

Essa informação é bem válida, pois para quem trabalha com povos indígenas e principalmente com povos de recentes contatos é de suma importância a entrada em campo, porque só assim se compreende o que estamos procurando em nossas pesquisas. Então, o método etnográfico é essencial e foi muito usado nas idas as aldeias Hupd'äh.

Para o antropólogo François Laplantine (2003), a Etnografia começou a surgir depois que o cientista percebeu que deveria ir a campo materializar seu próprio estudo, e que a observação direta fazia parte da investigação. O autor destaca que, no início do século XX, houve uma grande revolução na área da antropologia, considerando que:

“[...] ela põe fim à repartição de tarefas, até então habitualmente divididas entre observador (viajante, missionário, administrador) entregue ao papel subalterno de provedor de informações, e o pesquisador erudito, que tendo permanecido na metrópole, recebe, analisa e interpreta - atividade nobre! - Essas informações” (Laplantine, 2003, p. 57)

Desse modo, Boas e Malinowski passaram a ser considerados os fundadores pais da Etnografia e sendo assim, o trabalho etnográfico de campo ganha importância nas pesquisas que almejavam conhecer a cultura do outro ou de si próprio. Ambos estabeleceram a ideia de que o pesquisador deveria ir a campo conseguir as informações que precisam, “[...] defendiam aquilo que veio a ser conhecido como observação participante, um modo de pesquisar que coloca o pesquisador no meio da comunidade que ele está estudando” (Angrosino, 2009, p. 17).

De acordo com o antropólogo José *Guilherme* Cantor Magnani (2009), por sua vez, entende que a Etnografia é uma maneira própria de agir, em que o pesquisador entra em contato com o mundo de um grupo de pessoas não apenas para continuar ali, mas para ter uma afinidade de suas hipóteses com aquelas divididas com o grupo estudado e a partir daí conseguir um melhor entendimento.

Em seus estudos, André (2012) aponta que:

“Para uma pesquisa ser caracterizada como etnográfica, é preciso ficar atento a alguns preceitos: 1) uso de técnicas tradicionais da Etnografia como observação participante, entrevistas e análise documental pelo pesquisador; 2) interação entre o pesquisador e o objeto pesquisado, sendo o pesquisador o principal instrumento para coleta e análise de dados; 3) ênfase no processo, naquilo que está acontecendo e não no produto ou nos resultados finais; 4) preocupação com o significado; 5) trabalho de campo em contato direto e prolongado com o objeto de estudo; 6) descrição e indução, o pesquisador tem acesso a dados descritivos que são por ele ATAÍDES, F. B.; OLIVEIRA, G. S.; ANAIR ARAÚJO DE FREITAS SILVA, reconstruídos em forma de palavras ou transcrições literais; 7) busca formulações de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não sua testagem” (André, 2012, p. 28-29).

Quando entrei em campo pela primeira vez, usei muito a observação participante, fiquei mais observando os comportamentos dos Hupd’äh, fazendo amizade, mostrando interesse em saber mais sobre eles, mostrei que estava gostando de estar ali com eles, paciente, sensível, comunicava com eles sobre diversos assuntos aleatórios, nos primeiros momentos não usei escrita, para não assustar, pensei que eu escrevendo e a pessoa falando não seria legal para os primeiros momentos.

Concentrei-me na análise dos sinais que eram apresentados pelos jovens Hupd’äh que tentaram e atentaram contra a própria vida, no igarapé Japu. Antes de iniciar a pesquisa, fiz revisão da literatura que pretendia expandir para me dar suporte na pesquisa, pois muitos dados que encontramos no campo não tem em literaturas disponíveis. Durante a pesquisa, os dados de campo que ia conseguindo fizeram com

que eu buscasse teoria para embasar alguns dados que pretendia colocar na escrita da tese, pois a construção é progressiva.

Para conseguir as informações necessárias para a elaboração da escrita da tese, utilizei métodos e estratégias para a coleta de dados, como a observação e entrevista. Usei as duas juntas, ao mesmo tempo que conversava com os Hupd'äh, eu observava.

A observação etnográfica é realizada no campo a ser pesquisado e o papel do pesquisador pode ir do observador invisível ao de participante envolvido. Embora a observação pareça ser simples do ponto de vista do senso comum, ela “[...] exige um elevado grau de consciência, atenção a detalhes, e um cuidadoso registro de dados sistematicamente organizados para ser usado como ferramentas de pesquisa” (Angrosino, 2009, p. 61).

As entrevistas foram realizadas com os que tentaram o suicídio, com os familiares dos tentantes e com familiares das vítimas do suicídio dos últimos anos, para entender os motivos que levaram esses jovens indígenas a atentar contra a própria vida, sempre identificando os comportamentos ou fenômenos (por exemplo sonhos ou outros sinais cosmológicos) e apreciei diferentes entendimentos locais sobre o aparente surto do suicídio em anos recentes. Foi descrito como o suicídio é concebido do ponto de vista xamânica, e sua relação com as hierarquias Inter étnicas no Alto Rio Negro. Entrevistei ao longo do meu campo 4 benzedores, 5 lideranças, 3 agentes de saúde indígena, 8 tentantes de suicídio e 10 familiares de jovens que se suicidaram e 9 amigos de suicidas.

Pois através da entrevista pude ter um diálogo maior com os entrevistados para colher as informações necessárias. E por meio dessas conversas, deixei-os bem à vontade para que eles falassem o que queriam e assim, eu conseguiria informações que não tinha perguntado, criei um ambiente acolhedor, deixava-os escolherem o local que queriam conversar, geralmente era afastado das pessoas e sentados embaixo da sombra de alguma árvore. Quase não usava meios tecnológicos, como celulares, pois percebia que assustava ou não os deixava à vontade.

A análise de dados ocorreu durante todo o processo da pesquisa, desde que estudei o problema até finalizar, pois descrevi, analisei e interpretei os fatos, sempre levando em consideração os conhecimentos dos Hupd'äh.

Pois fazer etnografia de campo não é somente conseguir relações com os Hupd'äh, conseguir informantes, transcrever textos, e sim ter um esforço espiritual

para conseguir escrever uma realidade sociocultural, pois falar sobre suicídio é tenso demais, pesado para debater, estudar e escrever sobre o assunto, precisa que a saúde mental esteja em excelente estado, lembro - me de pessoas que falaram que eu deveria falar sobre o tema comendo *ipadu* para proteção espiritual. Pois é preciso estar ativo para estabelecer uma análise crítica sobre o que foi observado e vivenciado em campo.

A Etnografia não está à procura da verdade, mas em busca dos significados sociais, haja vista que o fenômeno parte do entendimento das pessoas, vinculadas à situação estudada. Busca-se captar nessas pessoas, os sentidos e os significados que elas dão para determinada situação social. Pois o suicídio pode ter a visão de quem está pesquisando, pode ser que para o psicólogo ou psiquiatra os Hupd'äh estão se matando por depressão ou esquizofrenia, mais para os demais pode ser espiritual e falta de xamanismo e por aí vai.

A pesquisa etnográfica pode ser utilizada para definir problemas que estão presentes no panorama social, assim o pesquisador pode escrever sobre importantes conhecimentos e realizar novas interpretações sobre algum fenômeno vivido.

A proposta dessa pesquisa é entender o suicídio entre os Hupd'äh, relatando sobre as formas que utilizam para cometer o ato, entre eles a corda e o timbó, informando sobre os sinais que apresentam e as formas de prevenção através do *bi'in* nessa região.

Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, aprofundei através de entrevistas com sobreviventes de tentativas de suicídio, ou familiares de vítimas do suicídio entre os Hupd'äh, para entender os motivos que levaram as pessoas a atentar contra a própria vida, identificar comportamentos como sonhos e vozes, e apreciar diferentes entendimentos locais sobre o aparente surto do suicídio em anos recentes. Ainda busquei fazer uma revisão da literatura teórica sobre suicídio para identificar diferentes abordagens, e trazendo ao texto os métodos utilizados para cometer o suicídio, descrevendo como o suicídio é visto pelo lado da pajelança e seus *bi'in*, as formas de prevenção pelo lado cultural desse povo, sendo divididos em três capítulos, conforme descritos abaixo.

No primeiro capítulo, faço uma contextualização sobre o município de São Gabriel da Cachoeira, desde os seus primeiros nomes, relatos históricos, incluindo os missionários no Alto Rio Negro. Relato sobre a região do Alto Rio Negro, desde sua localidade, quantitativo, assim como a quantidade dos grupos indígenas e a descrição

de povos com suas diferentes famílias linguísticas e as línguas cooficiais. Na sequência, relato a contextualização histórica dos Hupd'äh, desde sua diferença entre os índios do rio e os índios do mato, sobre sua família linguística Maku, a definição do termo Maku na região, apresentando o quantitativo e onde estão distribuídos esse total. Como a sua organização social, seus grupos locais e como é o local escolhido para habitar, como são feitas suas casas, os meios de subsistência, seu perfil epidemiológico e, por fim, falando sobre o papel do Distrito Sanitário Especial Indígena - Dsei, o trabalho da Equipe Multidisciplinar de Saúde Indígena - EMSI, sobre o atendimento nas aldeias Hupd'äh do Japu e sobre as dificuldades enfrentadas.

No segundo capítulo, faço a contextualização histórica do suicídio desde a origem do nome, sobre seu significado, relatando sobre a origem do setembro amarelo, apontando sobre o surgimento de Portarias como diretrizes para a prevenção do suicídio. Em seguida, relato sobre o suicídio e seus gatilhos, informando a relação dos espíritos e os suicídios no Japu, apresentando o quantitativo de suicídios e de tentativas de suicídio entre os Hupd'äh. Explicando os sinais que são apresentados antes do suicídio, os sonhos, as vozes e visões, apresento a relação do uso do caxiri com o suicídio. Na sequência, relato sobre as formas que os Hupd'äh usam para cometer o suicídio como a corda e o timbó e como é o luto.

No terceiro capítulo, é falado sobre os conceitos de saúde entre os Hupd'äh, relatando sobre o *Hawang* e seu significado, assim como o ritual de nomeação. O uso do *Ipadu* em rituais de *bi'in* juntamente com o uso do tabaco. O debate sobre a pajelança e os espíritos falando sobre a presença de espíritos nas aldeias do Igarapé Japu. Assim como a prevenção é necessária para afastar os espíritos dessas aldeias através do *bi'in*. Os Hupd'äh no Parauari e nas crescentes situações de vulnerabilidade e afogamentos, informando sobre o Dsei e suas implementações como forma de prevenção de diversas doenças, incluindo o suicídio, e falando sobre a Coordenação de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas Isolados e de Recente Contato - COPISO e Programa de Povos Indígenas de Recente Contato - PIRC que foram criadas para trabalho com os povos de recente contato e finalizo, falando sobre o programa medicina indígena e a contratação de pajé em São Gabriel da Cachoeira.

2 OS HUPD'ÄH DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA



Foto 09: Aldeia Hupd'äh Santa Rosa
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, 2020.

2.1 Breviário histórico do município de São Gabriel da Cachoeira

O primeiro nome do município de São Gabriel da Cachoeira foi Povoamento do Alto Rio Negro, que aparece nos primeiros registros datados de 1967, correspondendo ao período em que os Jesuítas fundaram na foz do rio Tarumã, um aldeamento de indígenas (Orlando Baré, 2010 apud Lizardo, 2016). Após a expulsão dos Jesuítas da Amazônia, a aldeia ficou abandonada. A expulsão dos Jesuítas é assim explicada pelo etnólogo Aloísio Cabalzar (2006) na obra “Povos indígenas do Rio Negro”:

“Durante a viagem numerosos remadores indígenas fugiram e Mendonça Furtado não conseguiu substituí-los devido ao povoamento dos centros missionários. Estranhando as aldeias vazias, resultados dos inúmeros descimentos de índios e de uma recente epidemia de varíola, ele atribuiu o fato ao egoísmo dos missionários jesuítas que queriam “guardar os índios para eles”. Quando voltou de sua viagem, ele reportou esse fato ao seu meio-irmão, o Marques de Pombal, então o funcionário mais poderoso da Coroa Portuguesa. Em consequência disto, Pombal tomou medidas drásticas em relação aos jesuítas” (Cabalzar, 2006, p. 79).

Relativo, questão, (Hill, 1996 apud Melo, 2009) conta que, em meados do século XVIII, resultou numa campanha de “descimentos”¹¹, que arrastou cerca de 20 mil indígenas de seus territórios de origem. Essa passagem, entre os anos de 1740 e 1750, gerou novas identidades. Também foram configuradas novas formas sociolinguísticas, modelos de organização política e, até mesmo, surgiram novas categorias etnolinguísticas que se inseriam nas fronteiras compartilhadas dos territórios Aruak.

A começar por 1665, com a repartição das aldeias, o Alto Rio Negro ficou sob o domínio da Ordem Carmelita, que aproveitou os aldeamentos Jesuítas e os expandiu durante os primeiros anos no Rio Negro. Apenas em 1759-1760 um destacamento militar se estabeleceu na região do Alto Rio Negro, construindo um forte. Para os povos indígenas do Alto Rio Negro, este período significou a destruição aproximadamente completa de seu território pelos militares, a diminuição da população no local e também da população nas aldeias em decorrência dos descimentos, onde existia uma maneira de escravidão que levava os indígenas a trabalhar nas embarcações e no lavrado. A presença militar nomeou a urgência de uma representação indígena na batalha pela terra (Barbosa, 2004).

Em 1833, formou-se um povoamento ao redor do forte com o nome de São Gabriel, dando-se a evolução da região com consequências sentidas pela população gabrielense e relatadas pelos indígenas mais velhos como uma forma de vida que incluía trabalho para os homens, novas relações com a igreja e outro tipo de aprendizados para as mulheres da região.

Contudo, o Instituto de Cooperação Técnica Intermunicipal - ICOT (1991) apud Lizardo (2016), acrescenta que em 25 de junho de 1833, no local onde se construiu o forte de São Gabriel, surgiu pouco mais tarde, a povoação que tomou o mesmo nome de forte e que foi levada à sede de freguesia. Em 03 de setembro de 1891 pela Lei Estadual nº 10, é criado o município de São Gabriel da Cachoeira¹², com território desmembrado de Barcelos e com a mesma denominação de São Gabriel.

Uma das marcas na região de São Gabriel da Cachoeira foi a chegada dos Salesianos, que consideravam que só seria atingida a consciência dos adultos e idosos através de seus próprios filhos, depois que estes tivessem sido formados numa

¹¹ Saída dos indígenas de suas aldeias.

¹² <https://www.saogabrieldacachoeira.am.leg.br/institucional/historia> acesso em 10 de agosto de 2023.

educação cristã e rigorosa. A eficácia deste método se deu pelo fato de que os indígenas que iam para as missões Salesianas e se afastavam de seu lugar de origem e de sua família, eram formados quase que exclusivamente a partir do ideário e das rotinas da missão.

Cabalzar (2006) acrescenta que a vida dos indígenas na missão Salesiana era muito rígida e seguida de disciplinas extremas. Os horários de todas as atividades eram rigorosos e deviam ser obedecidos. Havia a separação dos sexos e era proibido o uso de línguas indígenas, até mesmo por aqueles recém-chegados que não falavam uma só palavra da língua portuguesa. O rigoroso controle era justificado a partir das regras morais e cívicas da sociedade brasileira e especialmente a partir dos ensinamentos da tradição judaico-cristã da Bíblia, interpretada conforme sua vertente católica, aproveitando a grande ameaça do castigo do inferno para os pecadores que não cumprissem os mandamentos.

Segundo o antropólogo indígena Gersem dos Santos Luciano (2011) em sua obra “Os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro”:

“A interpretação radical do princípio de pureza bíblico, por exemplo levou os missionários a proibirem rigorosamente nos internatos qualquer contato social entre jovens de sexos opostos, em qualquer espaço, seja da igreja, seja na escola e nos espaços de trabalho. A obediência dos alunos indígenas era resultado, em parte da consciência da dívida infinita com Deus (impagável) e pelo medo, não dos missionários, mas do castigo do inferno, imposto por estes” (Luciano, 2011, p. 139).

Essa situação se compara com os relatos dos Indígenas mais velhos daquela época que hoje são de conhecimento público, a respeito das exigências colocadas aos alunos dos Salesianos. Alguns ex-alunos indígenas da época dos Missionários Salesianos contam hoje em dia os casos significativos da vida deles nestas casas. Conforme minha tia Eunice Salgado Baré contava para nós netos que durante as conversas no sítio, que em certo período um padre alemão ficou como diretor da casa salesiana de Pari-Cachoeira, onde as crianças não podiam tomar banho ao acordar (o que, inclusive é uma prática indispensável na rotina dos indígenas de São Gabriel da Cachoeira) e durante a celebração da missa, os indígenas não podiam olhar para o lado, pois todos deveriam manter os olhos fixos no padre, caso descumprissem seriam agredidos com tapas ou castigos. O ambiente era completamente estranho da cultural indígena, no qual ideias tais como as de pecado e que envolviam indecência

eram projetadas sobre os atos mais simples. Minha vó que foi interna no Colégio Salesiano quando criança, me contava que se desobedecessem às regras ou fossem pegos falando a língua indígena, eram castigados ou levavam palmadas nas mãos.

A desobediência dos indígenas de qualquer regra dos missionários resultava em punição e castigo, que ia desde ficar sem alimentação ou ficar em pé junto próximo a uma coluna por algumas horas, que podia ser até mesmo a levar chibatadas deferidas pelos missionários e seus assistentes. Talvez os piores castigos não fossem os de modalidade física, mas os que tinham fim moral e psicológico, como os que eles viveram nos últimos anos em que ficaram internos na Missão de Taracará, em 1978.

O combate sistemático as principais tradições indígenas, em nome dos princípios e ensinamentos bíblicos do cristianismo. As cerimônias, os rituais, as festas, as danças e os conhecimentos tradicionais dos pajés sobre medicina tradicional ou xamanismo foram condenados como demoníacos e, portanto, combatidos e eliminados em nome da nova fé cristã. “Os pajés, os chefes de cerimônia e os mais velhos, guardiões de toda sabedoria ancestral, foram os mais perseguidos por meio de injúrias e difamações. Eles eram comparados a demônios ou criminosos” (Luciano, 2011, p. 140).

A partir dessa época houve uma perda muito grande da cultura indígena e para haver a valorização e a preservação da cultura na contemporaneidade na região do Alto Rio Negro, foram necessárias uma série de iniciativas que envolvem acima de tudo o respeito e a dignidade, mobilizando não somente a sociedade não-indígena, mas a efetivação de um processo de conscientização pelo próprio indígena, em que ele precisa ser o executor e mantenedor de sua própria cultura e dos seus costumes ancestrais. Assim pode-se preservar a cultura por mais tempo no futuro. Esta pretensão está fundamentada na Constituição da República Federativa, no Art. 231 da Constituição Federal de 1988¹³, que diz:

“São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo a União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”.

¹³ https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=469704

A região do Alto Rio Negro é estabelecida como a última fronteira do noroeste da Amazônia, conhecida como “cabeça do cachorro”, por ter a forma semelhante a este animal nos mapas. Limita-se ao norte com a República da Colômbia e República da Venezuela. Localizada a 852 km em linha reta de distância da Capital amazonense Manaus. Geograficamente, é formada pelas bacias hidrográficas do Rio Negro e afluentes, como o Uaupés, o Içana, o Xié, o Tiquié e outros, conforme o mapa abaixo apresenta onde cada povo está localizado. Para chegar à região partindo de Manaus, pode-se usar os meios fluvial e aéreo. O deslocamento de barco dura 3 (três) dias, de lancha 24 h e de avião em média 1 h e 25 m. A duração da viagem de barco depende da situação do rio. Em época de seca, a duração da viagem aumenta em até 5 dias, pois no trajeto há várias praias, pedras e cachoeiras.

Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE (2024), a população de São Gabriel da Cachoeira está estimada em 56.406,00 mil habitantes e segundo o informe do Instituto Socioambiental – ISA,¹⁴ publicado em seu site, a região do Rio Negro tem mais de 109 mil quilômetros quadrados de área, habitado por 23 povos indígenas espalhados por mais de 550 comunidades, e que fazem de sua sede a cidade mais indígena do país.

A região do Alto Rio Negro, como já dito, tem a maior concentração de etnias indígenas do Brasil, sendo 23 etnias reunidas falantes de línguas das famílias Tukano Oriental, Aruak, Maku e Yanomami, conforme o quadro abaixo que divide os povos por família linguística.

Tabela 01:

Distribuição de povos por famílias linguísticas			
Tukano oriental	Aruak	Maku	Yanomami
Tukano	Baré	Hupdah	Yanomami
Dessano	Baniwa	Nadeb	
Tuyuca	Tariana	Yuhup'deh	

¹⁴ <https://www.socioambiental.org/> em 03/02/2025.

Wanana	Werekena	Daw	
Bará	Kuripaco		
Kubeo			
Barassana			
Piratapuia			
Miriti-Tapuya			
Arapasso			
Karapanã			
Makuna			
Siriano			

Segundo o Sistema de Informação da atenção à Saúde Indígena do Distrito Sanitário Especial Indígena Alto Rio Negro, residem nas aldeias indígenas rurais de São Gabriel da Cachoeira cerca de 26.062,00 mil indígenas que correspondem a 11.520,00 mil famílias, distribuídos em 595 aldeias ao longo dos rios existentes na região (Içana, Uaupés, Xié e Tiquié) (SIASI, 2023).

Essa região possui sete terras Indígenas homologadas: Terra Indígena Balaio, Terra Indígena Alto Rio Negro, Terra Indígena Médio Rio Negro I, Terra Indígena Médio Rio Negro II, Terra Indígena Cué-Cué Marabitana, Terra Indígena Uneuixi e Terra Indígena Jurubaxi.

No Alto Rio Negro, São Gabriel da Cachoeira concentra a maior população indígena em área urbana e em segundo lugar entre aqueles 36 com maior população em área rural. A área rural é considerada a região com o maior número de pessoas no país que se autodeclaram indígenas, tendo ampla representatividade indígena estendida por todo o seu território. Com 109.192,562 km² de extensão territorial e densidade demográfica de 0,47 habitantes por quilômetro quadrado, seu índice de Desenvolvimento Humano (IDH) médio de 0,609 (IBGE, 2022).

Em 2002 no Alto Rio Negro, foram reconhecidas como línguas oficiais ao lado do português, três línguas indígenas, aprovada pela lei municipal nº. 145 de 22 de novembro de 2002: o Nheengatu, o Tukano e o Baniwa. 15 anos depois, no ano de 2017, surgiu a Lei n. 84/2017 – do Município de São Gabriel da Cachoeira – AM, que dispõe sobre a Co oficialização da Língua Yanomâmi junto as demais citadas anteriores, e essas línguas são tradicionalmente faladas pela maioria dos habitantes do município de São Gabriel da Cachoeira, a região é chamada por algumas pessoas como “terra das línguas”, ou seja, a região com a maior diversidade cultural e linguística do Brasil.

O antropólogo Alfredo Wagner de Almeida (2007) em sua obra Oficialização de línguas indígenas, relata que a iniciativa de Co oficialização das línguas traz o território indígena para dentro das repartições públicas, dos logradouros públicos, das agências bancárias, das escolas, dos hospitais e dos locais de entretenimento, acrescenta ainda que:

“Quando o Brasil foi descoberto, viu que a terra já era habitada por pessoas, as quais os invasores passaram a chamar de selvagens. Com a chegada dos mesmos, trouxeram consigo suas ideologias e passaram a nos ensinar como se vestir, o que comer como viver bem como também nos ensinaram a sua língua” (Almeida, 2007, p. 51).

Apenas estamos conquistando o que foi nos tirado, pois essas línguas já eram faladas antes dos não indígenas ensinarem suas línguas para nossos ancestrais, mas ainda estamos longe de conquistar os espaços, porque línguas como inglês, espanhol e até mesmo o francês ainda são línguas ensinadas no Brasil em escolas, vestibulares e concursos. Por outro lado, as línguas indígenas Yêgatu, Baniwa, Hupd’äh, Yanomami, entre outras, quase não são lembradas. Logo, percebe-se que o Brasil não está preparado para conviver com a sua diversidade cultural e linguística.

2.3 Contextualização histórica dos Hupd’äh

O povo Hupd’äh é considerado como “povo de recente contato”. Segundo a Fundação Nacional do Índio - FUNAI, povos de recente contato são, portanto, “grupos que mantêm fortalecidas suas formas de organização social e suas dinâmicas

coletivas próprias, e que definem sua relação com o Estado e a sociedade nacional com alto grau de autonomia”¹⁵.

Em São Gabriel da Cachoeira, há a diferença entre os “índios do rio”, de fala Tukano e Aruak, e os “índios do mato”, de fala Maku, que é o caso dos Hupd’äh. Enquanto os primeiros são agricultores que fixam suas aldeias nas margens dos rios navegáveis enquanto os Maku vagam nos divisores de água, onde antes moravam por um tempo em que encontravam condições ecológicas favoráveis à caça e adequadas ao modo como eles costumam resolver seus conflitos internos, em que geralmente quando há desentendimentos entre eles, eles vão para o mato. Entretanto, devido ao cadastro feito pelo Distrito Sanitário Especial Indígena, eles acabaram criando moradias fixas para atendimento de saúde nessas aldeias.

Na região do Alto Rio Negro existem outros grupos pertencentes à família linguística dos Maku, portanto todos eles têm sua própria língua e residem no meio da floresta que ficam dentro de pequenos igarapés. Por exemplo, os Yuhupde habitam os igarapés da margem direita do Rio Tiquié, são bem poucos e possuem pouco contato com os Hupd’äh. Já os Nadëb, habitam no Rio Jurubaxi e no Rio Uneuixi, afluentes da margem direita do Rio Negro em Santa Isabel do Rio Negro.

A família linguística é diferente das famílias linguísticas Tukano ou Aruak. Praticamente todos os Maku são falantes de suas línguas que são divididos entre as línguas Hupd’äh, Yuhupde, Nadeb e Dâw. Devido à proximidade dos Tukano, os Maku da área do Uaupés (Hupd’äh e Yuhupde) são falantes da língua Tukano, sendo falantes de mais de uma língua da região, mas poucos sabem falar de forma fluente a língua portuguesa. Porém, os Nukak, que são os de contato mais recente, quase não falam outras línguas que não sejam a deles, diferente dos Dow e Nadöb, de contato antigo (século XVIII), a grande maioria fala bem na língua portuguesa e nheengatu, que é a língua geral, falada pelos Baré.

Entre os Hupd’äh, a organização social dos grupos linguísticos pode ser caracterizada em três níveis: os grupos domésticos da fogueira, organizados em torno de um casal, os grupos locais que são os conjuntos de grupos domésticos de fogueira, tendo como ponto principal o homem mais velho do grupo e os grupos regionais que são organizados territorialmente com referência a igarapés. Estes são endogâmicos,

15 <https://www.gov.br/funai>

com traços culturais específicos e dialetos próprios em que cada grupo linguístico pode abranger três ou mais grupos regionais.

A palavra Maku, de origem Aruak significa “selvagem”, na família tukano é usado o termo *boroa* ou *pohsá*, que significa “servos”. O termo *peoná*, que também é da família tukano, significa “donos dos caminhos”. Esse nome é dado pelo fato de que os maku não se transportam de canoa como os outros povos da região, eles usam os caminhos no meio do mato de pé. Entre os Dessana, o termo *wirapová*, usado para chamar os maku das suas proximidades, significa “Dessana estragado”. O termo *xiruai*, que significa "cunhado" em nheengatu, é a forma amiga pela qual os mesmos regionais se referem aos Nadub.

A palavra Maku não é encontrada no vocabulário Hup, possivelmente vem do Arawak (Baniwa) e significa “aquele que não têm fala” ou “aquele que não possui a nossa fala”. (/ma-aku/ma = prefixo privativo aku = fala) (Ramirez, 2006).

O termo Maku é altamente ofensivo aos Hupd’äh. Como diz o antropólogo Renato Athias (1995), Maku é uma palavra Aruak, que significa povo sem fala (Ma:privativo/aku:fala). Os Aruak, no início do contato com esses povos, os denominaram Maku, termo que viajantes missionários e pesquisadores passaram a usar.

Os Hupd’äh habitam a bacia do Rio Uaupés, mas diferente de outros povos, preferem o interior da floresta. São o grupo mais numeroso do grupo Maku, habitantes do interflúvio entre os rios Tiquié, Uaupés e Papuri. Dividem -se em três grupos dialetais: as aldeias do dialeto mais ocidental se situam nas matas entre o Alto Tiquié e o Rio Papuri. O território do grupo regional é a aproximação de vários territórios que ficam em torno da aldeia. Os Hupd’äh que habitam uma comunidade entre 25 a 30 habitantes costumam caçar entre 7 a 10 km ao redor da aldeia, onde há caminhos que ligam as comunidades Hupd’äh e outros levando aos acampamentos de caça.

No Sistema de Informação de Atenção à Saúde Indígena, nos dias de hoje, há 3.275 mil indígenas do povo Hupd’äh cadastrados e sendo acompanhados pelos serviços de saúde indígena do Distrito Sanitário Especial Indígena do Alto Rio Negro. Conforme os dados do SIASI (2025), os Hupd’äh estão espalhados em outras aldeias, como mostra o quadro abaixo:

Tabela 02:

Distribuição de Hupd'äh nos polos base do Dsei ARN	
Polo base	Hupd'äh
Balaio	38
Caruru do Tiquié	355
Caruru do Walpés	01
Cucuí	02
Ilha das flores	142
Juruti	06
Marabita do Walpés	656
Pari Cachoeira	147
São Gabriel do Papuri	511
São José II	981
Taperera	44
Taracuá	199
Tucumã	05
Yauaretê	188
Total	3.275

Os Hupd'äh habitam a região Inter fluvial do Rio Tiquié e Rio Papuri, afluentes da margem esquerda do Rio Uaupés na região do Alto Rio Negro, no Estado do

Amazonas. As aldeias dos Hupd'äh estão sempre próximas aos povoados Tukano, Tariano, Tuyuka e Piratapuaia, povos falantes de línguas da família linguística Tukano, habitantes das margens dos igarapés e rios da bacia hidrográfica do Rio Uaupés (Ramirez, 2006).

Os Hupd'äh se distribuem em um grande território binacional, de forma que é muito difícil determinar os parâmetros demográficos da população como um todo. Por causa do caráter interfluvial de seu local de moradia, que é pouco acessível às frentes pioneiras, aos missionários ou aos pesquisadores, as estimativas anteriores, que variam de 2 mil a 2,5 mil, são bastante precárias e pouco confiáveis, de forma que não servem para se determinar a dinâmica populacional. As pesquisas das variáveis demográficas dos Hupd'äh, permitem confirmar provisoriamente que se trata de uma população estável, que não tem aumentado e nem diminuído significativamente nos últimos decênios (Pozzobon, 1998).

Os Hupd'äh do igarapé Japu habitam em aldeias pequenas, pois esses grupos locais têm cerca de uma população de 15 até no máximo 50 Hupd'äh, e geralmente cada comunidade possui indígenas de um ou dois clãs. Cada grupo local é formado por vários grupos de fogo.

Os nomes das aldeias, são nomes de santos católicos, tais como Santa Cruz do Cabari, Santo Atanásio, Santa Rosa, Santo Antônio. A interação social dos Hupd'äh se dá a partir dos grupos de fogo, grupos locais e grupos regionais. Geralmente, um grupo local está relacionado a um clã específico. O clã é disperso, sem, não obstante, ter uma ação ou função corporativista. Em seguida do casamento, o homem vai habitar, por um certo período, com o pai de sua mulher, depois disso, ele parte para sua comunidade de origem.

Os Hupd'äh mantêm fortalecidas suas formas de organização social e suas dinâmicas coletivas próprias. São caçadores e coletores seminômades, excelentes conhecedores da floresta e gostam de viver no meio da mata.



Foto 10: Igarapé no meio da trilha para as aldeias.
Fonte: Jonata Machado, 2020.

Os Hupd'äh do médio rio Uaupés, especialmente do igarapé Japu, moram em aldeias localizadas no centro da mata, numa distância, em caminhada pelas trilhas na mata, de aproximadamente 3 horas saindo do igarapé Japu. Essa caminhada é composta por surpresas da natureza, exemplo, pode pegar na ida a aldeia um igarapé no meio da mata que alcança os pés e no retorno da aldeia rumo ao igarapé Japu onde está o bote, o igarapé pode estar beirando o pescoço, causado dificuldade para transportar a bagagem, conforme mostra a imagem acima, a equipe retornando da aldeia com destino ao porto do igarapé Japu.

As casas são feitas de palha de caraná. Algumas com paredes e outras sem parede, podendo abrigar de um a quatro grupos domésticos, ligadas por parentesco, podendo ser patrilaterais ou matrilineares. Localizadas em uma clareira próximo de um igarapé pequeno, ou seja, que não é navegável e sim somente para pegar água para ingerir, lavar roupa e tomar um banho. As roças ficam próximo das casas ou em clareiras próximas, podendo ter uma variação de tempo de duração de caminhada de 5 a 60 minutos, geralmente cada família tem em média duas roças de 50 x 50 m. A distância de uma aldeia para outra é em média de uma hora a um dia de caminhada formando assim um grupo regional.

O lugar escolhido para a criação de uma aldeia não será considerado permanente até que o mais velho do clã tenha confirmado. E essa confirmação está fundamentada especialmente no fácil acesso aos recursos necessários para sobrevivência, bem como na distância para uma zona de caça. O clã Hupd'äh difere do sib Tukano na sua distribuição astral e, principalmente, pelos laços de consanguinidade e uma ênfase maior na noção de fraternidade que permeia a estrutura social Tukano. Ao contrário do sib Tukano, o clã Hupd'äh não tem um lugar geográfico certo (Ramirez, 2006).

Os Hupd'äh pertencem a um grupo menor que habita o interior da floresta, que historicamente praticavam a caça e a coleta e fazem troca com os povos da beira do rio para conseguir farinha, peixe e outros produtos. Os Hupd'äh são caçadores profissionais e conhecem intensamente a floresta e trabalham pouco a agricultura, como as demais etnias da região. O interior da floresta em terra firme, é onde a caça é mais abundante e a vegetação mais rica em espécies utilizáveis na alimentação ou na confecção de artefatos. (Marques, 2015)

Os Hupd'äh costumam semear alguns tipos de plantas ao longo dos caminhos no meio do mato, como frutas, plantas medicinais, venenos para caça e *puçangas*. O interior da floresta é onde os Hupd'äh se sentem seguros e felizes e é para acampamento de caça que muitas famílias se direcionam, sobretudo, em períodos de fartura. Andar no mato seja para caçar, colher frutas, extrair cipó ou seguir as trilhas para visitar parentes de outras aldeias, é de fato um momento feliz. Segundo eles o momento de mais escassez de frutos do mato e caça é entre junho / julho a novembro/dezembro.

Então, caracterizá-los apenas como caçadores, coletores, nômades, seminômades para diferenciá-los dos outros povos indígenas da região do Alto Rio Negro, parece ser só bom em um primeiro nível de análise, no qual as diferenças são estabelecidas mais no que diz respeito, talvez, aos sistemas técnico-econômicos de cada uma delas. Este modelo, dessa região como um todo, em que se enquadram essas relações étnicas e da utilização da terra, está emblemático a preservar um equilíbrio entre os recursos humanos necessários para organização do solo, os recursos da selva e o impacto das atividades humanas sobre estes recursos e para preservar um equilíbrio cultural nas relações entre os vários povos indígenas dessa região.

Cada aldeia possui uma média de 8 acampamentos de caça entre 7 a 10 km ao redor. Quando a aldeia ultrapassa de 30 ou 40 habitantes, ela se divide em duas ou mais aldeias, pois se for uma aldeia grande, os Hupd'äh caçadores são obrigados a ir além de 10 km para encontrar caça suficiente para alimentar a família. Outra situação é que quando os Hupd'äh habitam mais de 5 anos a mesma aldeia, eles procuram outro local para morar e caçar, e as caminhadas são muito importantes para os Hupd'äh, porque resolvem conflitos internos.

Na aldeia tem uma liderança, que coordena as caças coletivas, onde geralmente é um homem de meia idade, forte para entrar no mato para caçar, com grande experiência de caça, que reúne uns seis grupos com cabeças compostas pelos filhos ou genros.

A família doméstica dos Hupd'äh é tipicamente composta por marido, esposa, filhos solteiros e alguma outra pessoa que pode ser parente próximo do marido ou da esposa. Em uma residência, moram em média em torno de 8 pessoas. Geralmente as mulheres Hupd'äh se levantam na madrugada para preparar a refeição dos maridos antes de irem caçar. Após a saída dos homens, as esposas e crianças se alimentam do que tiver para comer no momento e após vão para roça plantar ou colher mandioca.

As aldeias indígenas dos Hupd'äh variam entre 25 e 30 habitantes - cerca de seis grupos domésticos. O grupo doméstico Maku se compõe de marido, esposa, filhos solteiros, em algumas famílias tem parentes próximos do marido ou da esposa, alguns viúvos ou solteiros. Em geral, cada grupo doméstico possui sua própria fogueira, onde o grupo se reúne para comer ou dormir.

A estrutura social dos Hupd'äh obedece aos critérios da terminologia dravidiana de parentesco com casamentos preferenciais na troca de irmãs classificatórias. Os casamentos dentro da classe de relativos incluem primos cruzados bilaterais. A exogamia na estrutura social Hupd'äh é o clã patrilinear e patrilocal de preferência e o mais importante dentro da ideologia da filiação patrilinear praticada pelos Hupd'äh é a regulamentação dos casamentos. Ou seja, de acordo com eles mesmos, o casamento preferencial se dá entre os parentes classificatórios, ou seja, entre os primos cruzados bilateralmente em uma mesma geração (Ramirez, 2006).

Os Hupd'äh possuem três grupos regionais e três línguas, eles são separados pelos rios, e nessas margens habitam outros povos indígenas. Todos os Hupd'äh adultos do mesmo grupo regional se conhecem, sabem o nome do outro e também pelas relações de parentesco.

Durante o final de ano, há uma grande quantidade de Hupd'äh que desce para a sede de São Gabriel da Cachoeira e ficam alojados no sítio Parauari, em busca de retirada de documentos pessoais e atrás de benefícios sociais como o Bolsa Família. A falta de itens necessários para sobrevivência faz com que saiam de suas aldeias em busca de receber o dinheiro do auxílio para comprar itens como pilha, sabão, sal, tabaco etc.

Lembro que na época da chegada do Covid 19 no ano de 2020, grande maioria dos Hupd'äh estava no sítio Parauari e a equipe do Dsei se dirigiu até o local para informá-los que uma nova doença estava se aproximando do município de São Gabriel da Cachoeira – AM. Foram passadas informações da gravidade da doença e algumas formas de prevenção. Como se sabe, os povos indígenas, especificamente o povo Hupd'äh, têm o hábito de cumprimentar o outro com o aperto de mão e o contato corporal que, caso seja negado, pode ser considerado uma afronta à pessoa ou ao povo, que pode entender que a pessoa não gosta dele, que tem nojo ou algo do tipo. Os Hupd'äh tiveram que retornar para suas aldeias de origem para fugir do contágio dessa doença nova. A vantagem é que, como foi falado, os Hupd'äh habitam o interior da floresta, o que torna o acesso difícil, especialmente em época de seca, que não tem como ter acesso as aldeias devido à quantidade de árvores caídas e o igarapé seco.

Na floresta, os Hupd'äh se sentem mais à vontade, uma vez que, como o acesso não é fácil, por ter horas de caminhada do igarapé até as aldeias, eles não se sentem ameaçados tão facilmente como se tivessem habitando as margens dos rios. Uma vez que, na floresta, eles caçam e colhem frutos da natureza necessários para a sobrevivência, sem precisar ir até as margens dos grandes rios.



Foto 11: Igarapé Japu com árvores caídas.
Fonte: Jonata Machado, 2023.

A produção de artesanatos é uma característica extraordinária dos povos indígenas da região, os produtos são usados nas cerimônias de Dabucuri, para a troca ritualizada, onde cada grupo, tanto os que dão e os que recebem, celebram a sua própria identidade através das danças e músicas ritualizadas. O *aturá* serve para usar no dia a dia, seja para carregar frutas ou mandiocas, como também para guardar coisas dentro da casa, como objetos. Como são caçadores e não agricultores, eles trocam caça por farinha. Também trocam *aturá* (cesto de transportar mandioca) por alguma outra coisa do interesse deles com outros povos indígenas da região, pois são ótimos para confeccionar *aturá*. Abaixo apresento uma imagem de uma mulher Hupd'äh tecendo o *aturá* ao lado de seus filhos.



Foto 12: Mulher Hupd'äh tecendo o *aturá* ao lado de seus filhos.
Fonte: Machado, Jonata, 2023.

Os Hupd'äh, de acordo com versões Tukano do mito de origem, foram os últimos a sair para este mundo. De modo sequente, são considerados como sendo inferiores, os mais baixos de uma ordem hierárquica que regula as relações Inter étnicas em toda a bacia do Rio Uaupés e dessa forma, sujeitos à realização de trabalhos inferiores, que somente os clãs menores da classe realizam (Ramires, 2006).

O antropólogo Bruno Marques (2015) concorda que os Hupd'äh são considerados os últimos povos indígenas a terem contato e os últimos a surgirem, por isso são considerados de um clã inferior.

Segundo o linguista Henry Ramirez (2006):

“Por isso, não são ‘considerados como gente (masa) segundo os Tukano. Para os Tukano, os Hupd'äh são posá, ou seja, gente estragada. Hoje, são os Hupd'äh que ainda conservam bastantes tradições e expressões culturais dos povos da bacia do Uaupés” (Ramirez, 2006, p. 12).

Os Hupd'äh mesmo com suas tradições culturais e isolados no meio da floresta, longe dos demais povos da região, apresentam um perfil epidemiológico diferente dos demais povos, típicos das sociedades de recente contato. Convivem com alto nível de doenças transmissíveis como Tuberculose, malária, hepatites virais, gripe e Covid – 19, alto índice de desnutrição, pois a insegurança alimentar é agravada pela perda de territórios tradicionais e mudanças no padrão alimentar. As doenças diarreicas agudas são bastante comuns entre eles, principalmente por fatores ambientais, pois nas calhas de rios, a cheia e seca impactam de igual forma na potabilidade de água que é ingerida. Existe também alto índice de mortes por suicídio. A população Hupd'äh está atualmente com o maior índice de suicídios comparando com as demais etnias da região, e também com maior número de tentativas, o que traz grande preocupação para as autoridades e profissionais de saúde na região.

2.4 Saúde indígena- DSEI Alto Rio Negro

A Secretária de Saúde Indígena – SESAI, tem como principal atribuição no Ministério da Saúde -MS, coordenar e executar o processo de gestão do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (Sasi-SUS) em todo Território Nacional, tendo como principal finalidade promover e ampliar a oferta de ações e serviços de saúde voltados aos diferentes perfis epidemiológicos e contextos culturais da população indígena, fomentando a medicina indígena como principal diretriz do cuidado.

A Secretaria de Saúde Indígena conta com mais de 22 mil profissionais de saúde, sendo que destes, 52% são indígenas, e promove a atenção primária à saúde e ações de saneamento, de maneira participativa e diferenciada, respeitando as especificidades epidemiológicas e socioculturais destes povos¹⁶.

O Distrito Sanitário Especial Indígena – DSEI faz parte da Secretária Especial de Saúde Indígena - SESAI, vinculada ao Ministério da Saúde, que promove a saúde das populações indígenas no país todo. O Subsistema de Saúde Indígena implementa programas específicos para atender às necessidades de saúde das aldeias indígenas, trabalhando com prevenção de doenças, vacinação, cuidados pré-natal e materno-infantil, etc.

O Dsei Alto Rio Negro é responsável pela gestão e execução das políticas de saúde voltadas para as populações indígenas que vivem na região do Alto Rio Negro,

16 <https://www.gov.br/saude/pt>

no estado do Amazonas. Este distrito atende uma grande área geográfica e 22 etnias indígenas, cada um com suas próprias línguas, culturas e desafios específicos de saúde.

As atividades do Dsei incluem atenção básica à saúde, vigilância epidemiológica, atendimento especializado, prevenção de doenças, promoção da saúde e ações de saneamento básico, entre outros serviços fundamentais. É uma iniciativa fundamental para garantir que os direitos à saúde das populações indígenas sejam respeitados e atendidos de forma adequada. Em cada um dos 34 Dsei existe uma Casa de saúde indígena – CASAI.

O Dsei atua acompanhado da colaboração com lideranças indígenas locais, organizações não governamentais e outras entidades para desenvolver políticas de saúde que respeitem e considerem as especificidades culturais e sociais dos povos indígenas da região do Alto Rio Negro.

A participação das lideranças indígenas e das próprias aldeias na gestão e no planejamento das ações de saúde indígena é necessário. A promoção da saúde indígena com respeito às práticas e tradições culturais locais é um objetivo central do sistema.

As principais funções do Dsei Alto Rio Negro incluem: garantir o acesso à atenção básica em saúde, promover ações de vigilância epidemiológica para prevenção e controle de doenças, proporcionar atendimento especializado no momento que for necessário, além de corporificar ações de promoção da saúde e educação sanitária dentro das comunidades indígenas. Ele possui como propósito essencial garantir o acesso universal, integral e igualitário à saúde para essas aldeias, respeitando suas especificidades culturais e sociais. Os profissionais Dsei passam frequentemente por capacitações.

A saúde indígena em São Gabriel da Cachoeira é atuada pelo Dsei Alto Rio Negro, que conta com 25 polos base no território. Para atender a população Hupd'äh do igarapé Japu existe a Equipe Multidisciplinar de Saúde Indígena - EMSI do polo base Marabitana do Walpés que conta com uma equipe de médico, enfermeiro, 2 técnicos de enfermagem, dentista e um auxiliar de dentista.

No Igarapé Japu existem 11 aldeias que: são Vila Nova, Jacaré Banco, Jacaré Banquinho, Santa Cruz do Cabari, Piracema, Santo Expedito, Santo Antônio, Santa Rosa, Santo Atanásio, Boca do Traíra e Águas Vivas. Dessas 11 aldeias, apenas 3 delas possuem contato via rádio fonia, que são Santa Cruz do Cabari, Boca do traíra

e Santo Atanásio. Infelizmente, as aldeias do Japu ainda não têm telefone (orelhão) e Internet.

Tudo começa com um planejamento feito para verificar como serão os atendimentos, fazendo um calendário pelas datas, especificando por data as aldeias que serão atendidas pela equipe de saúde indígena. Para planejar, tudo depende da logística e do estado em que o igarapé estará nessa época do ano. Às vezes, as aldeias do igarapé Japu são as primeiras a serem atendidas pela equipe e, se o igarapé estiver seco demais, deixam o atendimento pro final para esperar se o igarapé vai encher. Também há épocas que a equipe não consegue entrar no igarapé e fazer seus atendimentos e tudo depende da logística do Dsei, onde é solicitado helicóptero para entradas em área Hupd'äh do igarapé Japu. A foto abaixo mostra o igarapé Japu em época de seca, que dificulta a entrada da equipe para as aldeias.



Foto 13: Igarapé Japu na seca.
Fonte: Jonata Machado, 2023.

São 3 dias de planejamento antes de entrar em área, 30 dias em área indígena, seguidos de 15 dias de folga. Quando a equipe retorna de área indígena, confecciona o relatório. Enquanto isso, nesse momento, uma outra equipe segue para a área indígena, fazendo o revezamento. A equipe se une dias antes para fazerem o rancho da equipe para 30 dias e é dividido o valor pela equipe toda, incluindo o barqueiro que é a pessoa que transporta a equipe pelo rio.

O barqueiro é um membro importante, porque é ele que conhece o canal no rio, onde tem pedras, areia e em que parte da cachoeira o bote passará, para toda equipe viajar em segurança. Por isso, é um dos elementos mais importantes para a tarefa das equipes. Os barqueiros são naturais da cidade, que se criaram viajando pelos rios da região.

Muitos médicos, dentistas e enfermeiros não são indígenas de São Gabriel da Cachoeira, alguns vêm de outros estados, mais também grande parte da equipe é natural de São Gabriel, pertencendo a povos do Alto Rio Negro. Todos os técnicos de enfermagem são indígenas da região, o que na maioria das vezes, atuam como intérpretes para o enfermeiro, médicos ou dentista que não sabem a língua indígena daquela aldeia. Além disso, o técnico acaba sendo também um mediador, facilitando o atendimento em ambas as partes. Por Exemplo, quando entra um técnico de enfermagem que fala Tukano no igarapé Japu, ele faz a mediação entre o médico ou enfermeiro e o Hupd'äh.

A equipe de planejamento dá preferência a falantes da língua tukano para entrar em locais onde existem Hupd'äh, porque a grande maioria dos Hupd'äh não fala português e alguns preferem dialogar na sua língua ou em tukano. Então, a presença de técnicos tukano facilita muito o atendimento, principalmente de médicos dentistas e enfermeiros.

Outro ponto importante na hora do planejamento da equipe é a presença de integrantes do sexo masculino, porque o igarapé Japu quando está seco, possui muitas árvores caídas, dificultando a entrada do bote e obrigando muitas vezes a equipe a empurrar o bote, que às vezes atola, precisa tirar as coisas do bote e depois colocar novamente, passar por baixo de árvores caídas, onde se faz necessário cortar as árvores com terçado, como mostra a imagem abaixo.



Foto 14: Técnico cortando os galhos para travessia do bote.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2020.

Chegando no porto das aldeias, por exemplo, como o de Santa Rosa, é necessário andar em média 4 horas do porto do igarapé onde fica amarrado o bote até a aldeia. Não obstante a dificuldade imposta pela longa duração da caminhada, a característica do solo também se apresenta como mais um obstáculo, pois o chão do caminho é composto por muitas raízes das árvores, o que muitas vezes dificulta a caminhada por machucar os pés, dependendo do tipo de calçado utilizado. O que chama atenção é que os Hupd'äh andam nesses mesmos caminhos descalços e ligeiros, provavelmente pelo fato de terem mais habilidade e estarem mais habituados com a caminhada nesses locais.

O carregamento dos materiais que serão usados na aldeia é retirado do bote e dividido entre a equipe como o rancho e os medicamentos. Quanto aos pertences pessoais, cada um carrega o seu. O quantitativo de rancho é levado somente o necessário para a quantidade de dias de permanência na aldeia. No retorno da aldeia ao bote, ou seja, até o igarapé, alguns Hupd'äh se prontificam a ajudar a carregar, porém, mediante troca por sabão, pilhas, tabaco, roupas ou alimentos disponíveis para dar. Como a equipe já sabe como funciona, levam o que for ser trocado separado e dão aos Hupd'äh.



Foto 15: Hupd'äh ajudando no retorno da equipe.
Fonte: Adilson Joel, 2020.

Os Hupd'äh adoram receber presentes das equipes, até porque eles não têm como comprar, não são assalariados, vivem através da troca. Lembro que sempre que eu entrava na aldeia, alguma mulher me oferecia *aturá* em troca de roupas, até hoje guardo com muito carinho.

Alguns dos itens mais procurados para troca geralmente são pilha, tabaco e sabão. Como não existe energia ou gerador nessas aldeias, eles procuram bastante pilha, porque usam para colocar em lanterna para iluminar durante a noite que fica uma escuridão. Dentro das casas, o que faz a iluminação são as fogueiras feitas com galhos de árvores, mais que logo se apagam. O tabaco é muito usado pelos Hupd'äh homens durante a noite, onde sentam ao redor da fogueira e ficam comendo *Ipadu*, fumando o tabaco e conversando sobre diversos assuntos.

Os atendimentos nas aldeias funcionam da seguinte maneira: quando a EMSI chega nas aldeias Hupd'äh, é recebida pelo Agente Indígena de Saúde. Ele faz parte da equipe e é um Hupd'äh que reside na aldeia. O chefe da equipe, que é o enfermeiro, explica como vai funcionar o atendimento, então dependendo do horário da chegada na aldeia, acarretará no funcionamento dos atendimentos, mas sempre é chegando na aldeia que o Ais já avisa aos Hupd'äh para irem ao centro social para os atendimentos.

A EMSI precisa ter paciência, porque a frequência aos atendimentos acontece de acordo com os horários dos Hupd'äh. Por exemplo: a equipe marca o início dos

atendimentos às 8:00 h e eles começam a chegar a partir das 9:00 h. A equipe precisa realizar os programas que são Saúde do idoso, saúde da criança, imunização, saúde da mulher que são PCCU e pré-natal. Assim como funciona a triagem na cidade, na comunidade é feito da mesma forma. Os técnicos de enfermagem pesam e medem pressão dos que serão atendidos.

As maiores dificuldades que as EMSI sentem são em relação às barreiras culturais e linguísticas que podem dificultar na comunicação. As EMSI que entraram lá relataram que a maior dificuldade que sentem em relação ao atendimento com os Hupd'äh é a falta de confiança dos Hupd'äh no sistema de saúde. O Enf. Jonata diz que “como trabalhei muito tempo lá, comigo não tinha essa dificuldade, outras equipes relataram que quando não tem essa confiança, a dificuldade de eles virem para o centro comunitário é maior, por isso tem que fazer a visita domiciliar”.

A maior dificuldade de todas as equipes que entram é na coleta do PCCU do preventivo, pois as mulheres fogem, seja por vergonha de mostrar as partes íntimas e também por medo de sentir dor. Porém, isso acontece até nas cidades com mulheres não indígenas, que já têm mais informações sobre o exame, imagina com as Hupd'äh, com as quais são necessárias palestras da enfermagem para explicar a importância do exame e, mesmo assim, às vezes ainda há resistência.

Para alcançar as metas, a estratégia consiste em educação em saúde em primeiro lugar. Para os que têm resistência, a equipe oferta brindes e rancho. Após os atendimentos, é feita a visita domiciliar para ir atrás dos que faltaram e dos acamados. Nesses atendimentos que o AIS informa à equipe sobre quem tentou o suicídio ou quem infelizmente não sobreviveu.

Em caso de tentativa de suicídio, o tentante é encaminhado para atendimento psicológico ou é medicado. Em alguns casos, pode ser encaminhado para o Centro de Apoio Psicossocial - Caps no município e fica morando como paciente na Casa Saúde do Índio – CASAI, e tem alta quando já está fora de perigo.

Porém a entrevista com o Enfermeiro Jonathan de Souza Machado, que trabalha há muito tempo nessa área, disse que “É difícil rádio ne, geralmente já pegamos com óbito, porque é imediato, nunca vi sobreviver, pois o timbó é questão de minutos, 30 min ou 1 h no máximo vai ao óbito. Mas, se acontecesse a gente ia, como é difícil acesso, a gente ia levar para Yauarete, porque lá tem um suporte básico melhor, tem hospital lá, Unidade Mixta, tem pista de avião, aí solicita remoção para

São Gabriel da Cachoeira e vai pro Hospital de Guarnição ou se conseguir contato com Dsei pra remoção ser de helicóptero, mais é difícil”.

A equipe sempre participa de cursos, palestras, realizadas pela educação permanente do Dsei, que inclui palestras realizadas por antropólogos, etc. que falam sobre a importância da valorização cultural da medicina indígena, onde sempre são valorizados os conhecimentos tradicionais, e isso é passado à equipe: para valorizar esses conhecimentos e, o mais importante: respeitá-los.

Por fim, é necessária a implementação de mais melhorias nessas aldeias, como a inclusão de mais políticas públicas para esse povo, com a ajuda do Dsei Alto Rio Negro é possível alcançar esse acesso, como veremos no terceiro capítulo.

3 SUICÍDIO ENTRE OS HUPD'ÄH



Foto 16: Aldeia Hupd'äh
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2023.

As taxas de mortalidade por suicídio mais elevadas são recorrentemente encontradas em indígenas no momento em que são comparadas a populações circunvizinhas, até mesmo em São Gabriel da Cachoeira município brasileiro com maior taxa de indígenas. Compreender como o suicídio é representado em contextos indígenas específicos é uma dimensão qualitativa, pouco explorada e relevante (Maximiliano, 2016).

Segundo a antropóloga Mônica Pechincha (2018):

“Há muitos poucos estudos realizados sobre o tema dos suicídios no âmbito da etnologia sul-americanista. No Brasil, há mais de três décadas nos deparamos com o dramático caso dos Kaiowá; também se fez notável, em seguida, o caso dos Suruwahá. Na sequência, foram notificadas ocorrências de ondas de suicídios entre os Ticuna, entre indígenas da região do Alto Rio Negro e, mais recentemente, entre os Karajá, os Matsés, e os Y'ekuana. Em outros países da América do Sul, encontram-se registros entre os Aguaruna, no Peru, entre os Embera, na Colômbia, entre os Yukpa, na Venezuela, entre os Pa'i Tavyterã, no Paraguai, e chegam notícias sobre os Mapuche, no Chile. Todos estes casos guardam muitas especificidades, a começar pelas distâncias culturais e pelas trajetórias históricas” (Pechincha, 2018, p. 224).

Entender como o suicídio é representado em contextos indígenas, especialmente entre os Hupd'äh é uma tarefa qualitativa, pouco explorada, e relevante, já que permite deduzir como localmente se explica o fenômeno, e em que bases culturais se constrói essa explicação. "Além disso, entre os jovens, o suicídio despontou como a principal causa de morte em Santa Isabel do Rio Negro, São Gabriel da Cachoeira e Tabatinga, sendo responsável por mais de 25% dos óbitos nesses municípios" (Orellana, 2013, p.661).

A partir de 2004 começou a acontecer um surto de suicídios em São Gabriel da Cachoeira, com ocorrência de vários suicídios em diferentes locais no mesmo dia, o que foi tomando proporções que antes não se conhecia na cidade.

Em 2004, ocorreram dois suicídios na área urbana e cinco no interior do município, envolvendo moradores das aldeias Santa Maria, Vila São Pedro e Monte Cristo, no rio Uaupés, e Santa Cruz do Cabari e Santo Atanásio, no igarapé Japu. Esse número continuou a crescer em 2005, verificando-se a ocorrência de quatro suicídios na cidade e quatro no interior (um no povoado de Cucuí, um em Santa Cruz do Cabari e dois em Vila Fátima). Além dos casos efetivados, houve ainda, no mesmo ano, dezesseis tentativas de suicídio na cidade de São Gabriel e duas no interior do município que não se consumaram. Praticamente todas as tentativas ocorridas na cidade tinham envolvimento de estudantes da Escola Estadual Irmã Inês Penha e aconteceram nos meses de outubro a dezembro do ano de 2005. Devido a inquietação entre alunos e professores, o diretor da Escola à época, solicitou à Secretaria de Estado da Educação a antecipação do fim do ano letivo, pois no dia anterior outras cinco adolescentes tinham sido encaminhadas ao Hospital de Guarnição por apresentarem vontade de se matar. O número de casos dobrou em 2006, alcançando quinze óbitos, sendo nove na cidade e seis nas aldeias (estes últimos, ocorridos no sítio Caranã e aldeia Santo Atanásio, ambos no igarapé Japu; nas aldeias Juquirá e Nova Esperança, no rio Uaupés; na aldeia São José II, no rio Tiquié; e no sítio Bacuri, no rio Negro) (Coutinho Jr, 2011).

Percebe-se que no ano de 2004 o suicídio atingiu também os Hupd'äh no Igarapé Japu. Entre 2005 e 2006, ocorreram também muitos casos de suicídio e tentativas. "21 adolescentes e jovens chegaram no mesmo biênio tristes, perturbados ou "atordoados", inclusive com "perturbações auditivas", no Hospital de Guarnição da cidade" (Coutinho Jr, 2011, p. 9-10).

Segundo o antropólogo Walter Coutinho Jr., (2011):

“Em 2007, foram registrados nove suicídios, sendo três no rio Tiquié (Vila Aparecida, Vila Nova e Santa Rosa), três no rio Uaupés (Santa Cruz do Cabari, Vila São Miguel e Vila Dom Bosco), dois no rio Papuri (ambos em Uirapixuna) e um no rio Umari (São Sebastião). Em 2008, ocorreram onze suicídios ao todo, sendo sete deles em comunidades do rio Tiquié (São Paulo, Barreira Alta, Vila Aparecida, Pirarara-Poço, Cucura e dois em São Miguel), além dos que se passaram no rio Uaupés (sítio Caranazal), no rio Içana (Tunuí-Cachoeira), no rio Negro (Tapajós) e daquele cometido por um Yanomami (r. Brigadeiro E. Gomes). Em 2009, ocorreram sete suicídios, sendo dois no Uaupés (Caruru Cachoeira e D. Pedro Massa), dois no Tiquié (Vila São Miguel e Boca da Estrada), um no Papuri (Waguiar) e dois na área urbana (ambos oriundos de Tapira Ponta, no rio Negro). No ano de 2010, foram registrados novamente onze suicídios, dos quais seis ocorreram no Uaupés (Vila Fátima, Vila Cruzeiro, Sítio São Luís, Piracema, Japu e Ilha Inambu), três no Tiquié (Pombo Igarapé, Boca da Estrada e Vila D. Bosco), um no Igarapé Japu (Santa Cruz do Cabari) e um no rio Negro (São Joaquim Mirim). Por fim, até o presente momento do exercício de 2011 foram registrados três suicídios, distribuídos pelo rio Uaupés (Piracema), Igarapé Japu (Sítio Aparecida) e rio Negro (Cucui)” (Coutinho Jr, 2011, p. 10).

A distribuição étnica de suicídios no Alto Rio Negro segue a seguinte distribuição: 18 Hupd’äh, 15 Tukano, 6 Baré, 4 Desana, 4 Tariano, 4 Pira-tapuya, 3 Tuyuka, 2 Baniwa, 1 Karapana, 1 Wanano e 1 Kubeo. (Franky, Cabrera & Mahecha, p. 11-12, 1995). Percebe-se que, dentre as etnias, a maior incidência de casos de suicídio no período ocorreu entre os Hupd’äh (Coutinho Jr, 2011).

Segundo comentários na cidade, um professor estava incentivando os jovens à leitura de um livro de São Cipriano¹⁷. Especula-se que, a partir de quando fizeram essas leituras, muitos jovens de diversos povos morreram por suicídio entre 2005-2006. Lembro que eu estava estudando em Manaus e entrei de férias, minha mãe não me deixou viajar para São Gabriel porque eu poderia cometer o suicídio. Na hora não entendi e até me assustei e preferi ficar em Manaus. A minha mãe disse que não era para eu ir porque havia um conterrâneo do povo tukano, que estudava medicina na Universidade Nacional de Brasília - UNB, e foi de férias para São Gabriel visitar a família, e em um certo dia ele cometeu o suicídio. Eu fui fazer faculdade em Manaus e amigos que estavam morando em São Gabriel nessa época entre 2005 e 2006, me contaram que parecia que uma escuridão estava cobrindo São Gabriel da Cachoeira. Parecia que a cidade estava mal-assombrada. As pessoas se referiam àquele período como uma época sombria, pois ninguém conseguia explicar o que estava

¹⁷ O Livro de São Cipriano, também conhecido como "Livro Negro" ou "Livro da Capa Preta", contém rituais e práticas de magia, incluindo conjurações de espíritos e orações para diversas situações, mas não se refere diretamente a morte ou suicídio. O livro foi compilado com base nos ensinamentos de São Cipriano, um santo católico que, segundo a lenda, foi um mago antes de sua conversão.

acontecendo, só sabiam que os jovens estavam se suicidando. Ninguém aceitava, mas não sabiam o que fazer também, pois esses tipos de morte eram malvistas.

No auge da onda de suicídios e tentativas que se abateu sobre São Gabriel da Cachoeira no final de 2005, começaram a surgir notícias sobre a possível influência, nos acontecimentos, de reuniões realizadas por um grupo de jovens no cemitério da cidade. Uma matéria jornalística mencionava a circulação de uma lista com a adesão de vinte adolescentes, pelo menos, que cometeriam suicídio e, como hipótese de motivação, a polícia investigava a possível existência de uma “seita de jovens que se encontravam em cemitérios à noite e teriam feito um pacto de morte. Segundo testemunhas, os adolescentes que tinham cometido suicídio reuniam-se em cemitérios da cidade “com o objetivo de reverenciar os mortos” (Coutinho Jr, 2011, p.16).

Segundo relato da Assistente Social do Hospital Graciete Carvalho a Gerencia da Fundação Estadual dos Povos Indígenas – FEPI apud Coutinho Jr (2011):

“Colegas dos adolescentes que haviam se enforcado revelaram a possível existência de um grupo de amigos, todos entre 12 e 17 anos, que se encontrava três vezes por semana no cemitério da cidade e “brincavam perto dos túmulos”, sempre depois do término das aulas da banda da escola. Durante uma reunião convocada no dia 09.11.2005 pelo diretor da Escola Estadual Irmã Inês Penha, foi mencionada a existência de um grupo de jovens que fazia reuniões no cemitério e outros lugares desconhecidos cujos componentes teriam feito um “pacto de morte”. Segundo um professor da escola agrotécnica existia um grupo de cinco alunas que teriam participado de uma dessas reuniões, parecendo haver “um pacto de que se uma delas for abordada a respeito do assunto todas irão realizar o enforcamento no mesmo dia” (Carvalho, 2005, p. 1 apud Coutinho Jr, 2011).

As mortes por suicídio dificilmente são contadas de forma detalhada, pois é muito difícil para família e amigos, lembro de relatos da família que morava na rua posterior da casa da minha mãe. Em uma conversa eles falaram que no dia do funeral de um rapaz que se suicidou, os familiares acreditaram ter visto uma sombra perto dele, e falavam também que um ser da escuridão o acompanhava há algum tempo. Após esse período, a prima do falecido ficou isolada e triste, pois eles tinham muito contato. Havia momentos que a família dizia que parecia que a prima conversava com o primo morto. Em algumas ocasiões tiveram que amarrá-la, pois ela tinha muita força e os parentes não aguentavam contê-la. Segundo os parentes, ela falava que o primo falecido a levantava. Diziam ainda que ela mudava de voz e falava com a mesma voz do falecido. Uma prima dessa jovem relatou que em certa ocasião ela falou algo do

tipo: “estou perdido, eu não queria fazer isso, pensei que ninguém gostava de mim, foi o que ele me disse”, referindo-se ao primo morto. Relatou ainda que ninguém sabia mais o que fazer com aquela adolescente só vivia gritando e não queria mais saber de nada. Por fim, essa jovem atormentada pela morte do primo também cometeu suicídio.

Segundo os relatos que ouvi na época, feitos por diversas famílias que perderam seus filhos, que estudavam na Escola Irmã Inês Penha, o culpado por tudo isso que estava acontecendo na cidade seria um professor dessa escola, que levava os alunos para o cemitério à noite e os fazia ler textos em Latim. Diziam ainda que haveria um pacto de suicídio entre esses alunos. Uma conhecida da cidade contou que o sobrinho via esse professor na casa usando uma capa preta, mas somente o sobrinho via e ela não via nada.

Segundo relato da Assistente Social do Hospital Graciete Carvalho a Gerencia da Fundação Estadual dos Povos Indígenas – FEPI apud Coutinho Jr (2011):

“No dia 10 de novembro atendemos uma menor de 12 anos que tentou o enforcamento. Ela referiu que às vezes escutava vozes que lhe perturbavam muito, não conseguia dormir e vinha uma grande vontade de pegar uma corda. No dia 11 de novembro atendemos a jovem A.L.G., prima da R.B.R., que também referia que não conseguia dormir porque a R.B.R. queria ficar falando com ela, e outra jovem (D.) também deu entrada no Hospital pois, segundo os familiares, estava muito triste e transtornada referindo que os jovens que morreram queriam levar ela” (Carvalho, 2005 apud Coutinho Jr, 2011, p.20).

“Durante uma semana atendemos 8 casos de manifestação de enforcamento. Teve uma que falava que via um homem de preto que a convidava para ir ao cemitério e que ele colocou o nome dela numa lista. No dia 19 de novembro (sábado) fomos chamados, eu e o Maj. Cid, para atender outra jovem de 16 anos que estava completamente atordoada. Quando cheguei na emergência do Hospital vi o desespero dos familiares segurando a jovem (I.M.) porque ela corria de um lado para o outro e colocava as mãos no ouvido, tremia e com um olhar assustado dizia que estava vendo um homem de preto e os três menores que se enforcaram e que diziam que queriam levá-la. De acordo com o amigo que a socorreu ela estava sozinha em casa, gritando num canto da casa com as mãos na cabeça dizendo que não queria ir. Segundo ele, ela falou que procurou corda e não encontrou na casa e que o homem de preto dizia que estava esperando um momento em que ela estivesse triste e sozinha para buscá-la” (Carvalho, 2005 apud Coutinho Jr, 2011, p.20).

O que chama atenção é que esses jovens e adolescentes que morreram naquela época ouviam vozes, o que justamente acontece atualmente com os Hupd’äh. Segundo informações de uma parente de um jovem que cometeu o suicídio no final de 2006, o jovem antes de cometer o ato relatou aos parentes que ouvia vozes como:

“se mata, ninguém gosta de você”. Isso gerou grande preocupação na cidade, pois lembro que retornei para São Gabriel meses depois e só se falava sobre esses assuntos na cidade e entre os meus colegas no bairro. No interior, naquela época, não havia celular e internet nas residências. O normal nas casas era ter só uma Televisão na sala que transmitia a programação dos canais locais. Quando nos reuníamos com colegas na rua para conversar, só se falava sobre esses suicídios. Lembro o quanto era sombrio. Andava na rua com medo à noite. Qualquer barulho quando estávamos reunidos nos assustava.

Portanto, desde então, os casos de suicídio em São Gabriel da Cachoeira não pararam, tanto na cidade e nas aldeias. Os suicídios foram aumentando e os casos e relatos se coincidem com a atualidade, como veremos a seguir.

3.1 O suicídio e seus gatilhos

Os Hupd'äh contam que os jovens se suicidaram depois de terem sido assombrados por espíritos de parentes mortos, os quais foram atraídos a se enforcarem. O suicídio sempre foi malvisto na região, causando medo às famílias que têm filhos jovens, por tratar-se de uma morte que não se consegue explicar e é inaceitável para famílias e amigos.

Lembro da primeira vez que ouvi falar de alguém que havia se enforcado, quando eu tinha uns 12 anos. Um amigo do irmão caçula da minha mãe havia se enforcado no município. Lembro que o município todo ficou espantado com o ocorrido e só se falava nisso. Parecia que era o primeiro suicídio na cidade. Esse caso me chamou atenção pelo fato que eu dormia no quarto dos meus avós, pois meu avô era prático de barcos que faziam viagem para Colômbia e Venezuela na época. Como ele quase não ficava no município, eu dormia junto com minha avó. Lembro que meu tio de noite corria para o quarto da minha avó assustado, dizendo que seu amigo Marccone estava no seu quarto. Na noite seguinte o episódio se repetia. Meu tio falava que seu amigo batia na janela e quando ele abria, via o falecido, que o chamava para ir ao Luizinho. Luizinho era um clube de festas que existia naquela época. Meu tio, com medo, ia para o quarto da minha vó e dormia sempre lá. Certo dia, meu avô retornou para São Gabriel e o fato foi contado a ele. Ele disse ao meu tio: “pode deixar que hoje eu vou dormir no teu quarto”. E assim aconteceu, na manhã seguinte meu avô

disse que meu tio podia dormir no seu quarto que nunca mais seu amigo iria lá e nunca mais meu tio contou relatos. Meu avô era benzedor.

O relato acima sempre me deixou curiosa e aguçou ainda mais o meu interesse pela pesquisa. Contudo, os Hupd’äh quase não gostam de falar sobre os mortos e não costumam contar detalhes sobre o suicídio ou os motivos que levou a cometer o ato. Devemos sempre deixá-los à vontade, sem pressionar ou perguntar demais, pois eles falam sobre o assunto no tempo deles.

Abaixo apresento dois quadros com dados da SIASI DSEI ARN sobre o suicídio entre os Hupd’äh: o primeiro com os números de óbitos por suicídio entre os Hupd’äh (com idades entre 10 e 29 anos) no período de 2006 a 2024, e o segundo com as tentativas de suicídio por ano no período de 2018 a 2024.

Tabela 03:

Óbitos por suicídio de Hupd’äh					
Faixa etária 10-29 anos					
ANO	QUANTIDADE	ANO	QUANTIDADE	ANO	QUANTIDADE
2006	06	2012	08	2018	18
2007	08	2013	06	2019	13
2008	10	2014	07	2020	21
2009	11	2015	12	2021	11
2010	11	2016	11	2022	32
2011	09	2017	20	2023	18
				2024	13

Fonte: SIASI DSEI ARN, 2025.

Tabela 04:

Tentativa de suicídio entre os Hupd'äh	
Ano	Quantidade
2018	01
2019	03
2020	16
2021	07
2022	18
2023	24
2024	20

Fonte: Fonte: SIASI DSEI ARN, 2025

Ao se deparar com uma tentativa de suicídio, é comum entre as famílias procurar um benzedor para tentar, por meio da intervenção espiritual, extrair da pessoa os pensamentos ruins e da vontade de se matar. A tentativa de suicídio é um ato no qual o indivíduo decide se auto agredir fisicamente, por não querer mais viver e acreditar que, com autoagressão vai conseguir atingir seu objetivo, a morte. A tentativa fica caracterizada quando o nível da autoagressão não é suficiente para alcançar objetivo pretendido, ou seja, a morte, e o indivíduo acaba por sobreviver.

O suicídio surge por meio da análise das narrativas como um fenômeno agregado a conflitos que se ancoram em aspectos socioculturais e históricos dos povos indígenas do Alto Rio Negro, que remetem a tensões intergeracionais, de gênero e no campo do parentesco. Além disso, a coordenação desses conflitos parece estar comprometida, já que estratégias tradicionais parecem perder sua eficácia simbólica e outras não foram adequadamente encontradas para substituí-las. O uso de álcool, ainda que um componente fundamental para compreensão do suicídio, não

deveria ser concebido como componente explicativo central, porém especialmente como um catalisador dos conflitos antigamente (Maximiliano, 2016).

O suicídio entre os Hupd'äh, assim como em muitos outros grupos indígenas, é um assunto complexo. Em seus relatos sobre o assunto, os Hupd'äh apresentam fatores de risco que contribuem para essa prática. De acordo com os entrevistados que sobreviveram ao suicídio e os familiares dos que morreram por suicídio, impulso para cometer o ato se deu após discussões entre membros da família, e também após a ingestão da bebida fermentada chamada “caxiri”, tradicional na região. As famílias e amigos só tomam conhecimento do suicídio ou tentativa, depois de consumado o ato. Eventualmente, aqueles que são encontrados a tempo conseguem sobreviver, quando por exemplo, alguém aparece a tempo e consegue tirar da corda, no caso de uma tentativa por enforcamento. É comum que as tentativas se repitam, e em alguns casos, os meios utilizados para o ato se tornam eficazes. O consumo do caxiri contribui para essa motivação suicida, pois o uso da bebida aumenta a impulsividade. Os Hupd'äh têm a visão de que os Hupd'äh que se suicidaram têm o espírito fraco, são pessoas tristes que precisam de ajuda, que precisam de *b'i'in*.

Observo que a antropóloga Elaine Moreira (2017), ao tratar do caso Y'ekuana, critica uma série de discursos não indígenas sobre os motivos dos suicídios, como o exagero de bebidas alcoólicas, as consequências negativas do processo de escolarização e, em especial, o discurso médico sobre a depressão. A autora acautela que estas explicações venham a ser incorporadas pelos indígenas, violando a interpretação e a ação próprias a seus modos de cuidado.

O suicídio entre os Hupd'äh pode refletir um profundo desespero gerado por esses desafios. A falta de perspectivas econômicas, o impacto da violência, o desanimo, desinteresse pelo mundo, além da pressão cultural e emocional podem contribuir para esse quadro preocupante. Além disso, questões como o choque cultural entre tradições ancestrais e influências externas, incluindo mídia e tecnologia, também desempenham um papel na dinâmica da saúde mental dentro da aldeia.

Tanto os profissionais da saúde quanto as lideranças indígenas do Alto Rio Negro associam a frequência dos suicídios entre os jovens indígenas ao uso de caxiri, falta de perspectiva de estudo e trabalho, desejo de adquirir bens de consumo, desestruturação familiar e a relação com a sociedade não indígena, marcada pelo preconceito que sofrem por parte da população que reside na cidade de São Gabriel.

Os Hupd'äh falavam que em alguns casos, os espíritos de pessoas que já morreram vinham chamar e induzir os jovens a se matarem. O que se dá a entender é que os espíritos de mortos são responsáveis em levar os vivos para a morte, que em alguns casos mediados pela angústia da saudade que se apresenta nas memórias ou nos sonhos dos vivos, induzindo-os a suicidar-se logo após ou tempos depois da morte do parente ou amigo. Os jovens que tentaram o suicídio contaram que os jovens que morreram de suicídio apareciam em sonhos chamando-os a irem com eles. Contam que esses espíritos apareciam a noite, tentando envolvê-los na corda, levando-os a desmaiar ou perder os sentidos.

Por isso, a importância da capacitação frequentemente dos profissionais que atuam com os Hupd'äh para debater sobre o tema, no propósito de reforçar a clareza sobre a temática, podendo, por vezes, diminuir as crenças errôneas que giram em torno dessas questões e que afetam à relação entre o sujeito e o profissional que o assiste.

3.2 Os sinais

O suicídio é muito complexo. Pode atingir pessoas de todas as classes sociais, idades, orientações sexuais e identidades de gênero. Porém, o suicídio pode ser prevenido, quando se consegue conhecer e perceber os sinais de alerta em si mesmo ou em alguém próximo. Esse pode ser o primeiro e mais fundamental passo. No caso dos Hupd'äh eles apresentam alguns sinais antes de cometerem o suicídio, que podem ser considerados para realizar a prevenção.

É importante perceber os sinais em que o jovem Hupd'äh comenta com alguém que sonhou com alguém próximo, seja amigo ou parente próximo. Logo ele vai começar a ver e ouvir vozes de espíritos, e, em algum momento de confraternização no qual ocorra uso de caxiri, pode acontecer o suicídio. Então, percebendo o primeiro sinal que é o sonho, que veremos mais à frente, as mudanças de comportamentos podem ajudar a evitar que o indivíduo cometa o suicídio, pois sempre é necessário conversar e entender a situação para buscar ajuda, seja no xamanismo ou em órgãos competentes da situação.



Foto 17: Jovens Hupd'äh
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Ao perceber sinais, vale a pena chamar a pessoa para conversar e dizer que tem notado que algo não vai bem. Mostrar-se disponível para ajudar pode fazer a diferença na vida deles. Eles percebem quando alguém se importa com eles, mesmo sendo bastante fechado.

A grande maioria dos jovens Hupd'äh que possuem tendência ou que planejam tirar a própria vida, mostram sinais e pedem ajuda. Esses sinais se apresentam como sonhos, visões, vozes etc. Além deles, percebe-se vários outros sinais, como tristeza, choro, ira e profundo desespero, onde o indivíduo perde a vontade de viver e para ele nada mais importa, acreditando que sumir seja a solução. Entre os Hupd'äh não são motivos financeiros causadas por desemprego, pois vivem da caça e da colheita e vivem isolados dos demais povos e da cidade. Eles acreditam que espíritos de pessoas que morreram por suicídio ficam atrás dos que ainda estão vivos. Segundo a conversa que tive com uma jovem Hupd'äh de 18 anos chamada Evanilde da aldeia Santa Cruz do Cabari, que certo dia estava bebendo caxiri e de repente apareceu com ferida em casa e disse para irmã que estava com ferida e ela não lembrava do que seria essa marca. Dia seguinte viu a irmã que tomou timbó para se suicidar e quando

a mesma surgiu em sua frente, ela desmaiou. Quando a noite chegou a jovem pediu para a irmã colocar a rede dela perto da família e fazer o fogo para iluminar a casa. A jovem contava que tinha demônio perto dela e querendo entrar no corpo dela, sonhava com formigas comendo a ferida dela. A irmã levou a jovem para o avô benzer, e o benzedor contou que precisava benzer mais vezes, porque estava forte, isso significa que a força espiritual perseguindo a jovem estava com mais força. A jovem estava morando nessa época sozinha porque a mãe estava para São Gabriel da Cachoeira e ia sempre dormir quando estava sendo perseguida por esses espíritos na casa da irmã. Segundo o relato da irmã da jovem, ela mesmo pediu para a irmã fazer oração para ela e foi quando chamaram o catequista da aldeia para rezar nela, porque achavam que é diabo que estava aparecendo no sonho dela. Um dos sonhos da jovem foi que ela estava beijando o demônio, “de repente ele vem, durante o dia e a noite” disse Evanilde. Essa jovem ficava muito assustada quando via ele, ela pensava em Jesus e Maria e depois voltava em si, eles apareciam querendo levar ela a cometer o suicídio, ela desmaiava e gritava.

No momento em que eu conversava com ela, ela ouvia a voz da mulher que morreu na aldeia Santo Antônio, pois sempre pensava nela. De repente chegou um espírito perto dela e queria entrar nela. A jovem estava tomando água com vela para afastar os espíritos. Segundo a jovem quando a vela acabava os espíritos voltavam e ficam perto dela, e acabava ficando muito fraca, com vontade de desmaiar. Antes disso acontecer a irmã da jovem disse que ela era uma jovem alegre e sorridente e que depois disso só vive triste.

Os benzedores contam que há espíritos que rondam as aldeias atrás de almas. Como eles supõem que os jovens são mais fragilizados no sentido de terem espírito mais fracos, são mais desobedientes e acabam atraindo com mais facilidade esses espíritos que falam para eles se matarem. Alguns relatam que são muitos, outros dizem que ele é preto e alto, que vaga na escuridão. Uma jovem relatou que ao sair para urinar se deparou com um espírito alto e preto que pediu para ela pegar a corda, que deveria sair desse mundo de sofrimento e que para onde ela iria era bem melhor, só que ela se assustou e correu para dentro da casa e pediu para fazerem fogo para clarear a casa, pois ela estava muito assustada. Segundo a irmã da vítima, procuraram um benzedor em Yauarete para afastar esse espírito dela.

Durante minha permanência em janeiro de 2023 na aldeia Santo Atanásio, lembro de um caso de uma jovem Hupd'äh, cujo nome fictício é Ana. Ana era jovem

de 20 anos e estava se relacionando com outro Hupd'äh e aparentemente estava feliz. A família de Ana nunca conheceu o rapaz, pois a relação durou pouco tempo. Depois de uns dias, Ana começou a andar triste pelos cantos, não conversava mais e não se via mais ela sorrir. O irmão de Ana sabia que sua irmã e o rapaz não estavam mais se falando. Certo dia de ajuri¹⁸, Ana fez uso de caxiri. Ana estava bebendo com as demais pessoas e seu irmão, quando de repente ela começou a ficar agressiva. Segundo o irmão, os olhos de Ana mudaram, como se não fosse ela. Então ele, assustado, levou a irmã para casa, onde a mesma chegou agressiva e irreconhecível, dizendo que ninguém gostava dela e foi para fora com uma corda. Ela amarrou no pescoço e se jogou de uma árvore, segundo o irmão, era como se alguém estivesse com ela. Havia uma sombra escura ao lado dela.

No momento em que um Hupd'äh comenta algo com outra pessoa e que dá a entender que está pensando em cometer o suicídio, ele deve comunicar ao Agente Indígena de Saúde ou em alguns casos, o próprio Agente Indígena de Saúde percebe e comunica a Equipe Multidisciplinar de Saúde Indígena (EMSI) quando chegam na aldeia para realizar atendimentos. Lembro-me que uma das vezes em que entrei em campo, fui informada sobre um rapaz na aldeia Santa Rosa, que um Hupd'äh havia tentado o suicídio e tinha mudado de comportamento antes de ter tentado. Logo me aproximei dele não aparentando que queria fala sobre o suicídio. Em seguida me afastei dos demais e fomos para baixo de uma árvore e sentamos no chão. Após muita conversa e depois dele ter adquirido confiança em mim, acabou falando que o amigo dele havia se suicidado há alguns meses, e que ele queria ir lá com ele, pois estava sentindo muita saudade dele. Após o encerramento da conversa, orientei a procurar imediatamente um benzedor para fechar seu corpo e afastar isso do jovem Hupd'äh. Após uns meses retornei à aldeia Santa Rosa e procurei informações sobre o rapaz e soube que ele estava bem e que os pensamentos suicidas haviam sumido.

¹⁸ Onde grupos se unem para realizar algum trabalho como limpezas ou roças.



Foto 18: Centro Social da Aldeia Santa Rosa
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Quem pretende cometer o ato, tende a se expressar não de forma clara, mas dando a entender quais são as suas intenções. Os familiares e amigos não estão conscientes do seu significado ou, quando estão, não sabem como lidar com a situação. A intenção pode ser interpretada como um simples desabafo ou, até mesmo, como uma brincadeira.

Em entrevistas com sobreviventes de tentativas de suicídio, ou com familiares de jovens que se suicidaram, é comum a menção de um amigo ou conhecido que já morreu por suicídio que convida a vítima a se juntar com ele. Em alguns casos, o suicídio aparece ocorrer de forma rápida e espontânea.

Lembro de um relato de um caso de suicídio que me chamou muita atenção, em que uma psicóloga não estava conseguindo conversar com duas jovens que estavam tentando o suicídio e ela pediu para eu tentar conversar com elas, pois elas mostravam muita resistência. Até que um dia fui até ao local e realmente quando viram as pessoas chegando, as meninas correram para o mato. Logo em seguida pedi para que todos se afastassem e que eu sozinha entraria no mato, entrei e encontrei as meninas atrás de um pé de tucumã, se esconderam de mim, então naquele momento eu não falei nada e continuei indo em direção a elas e falei de assuntos que deu a elas entender que eu não fui ali atrás delas e sim atrás de algum alimento, pois demonstrei que estava com fome e falei “tem tucumã aí? Estou com fome, vocês não me chamaram pra vir pegar tucumã não?” ficaram me olhando desconfiadas.

Fui lentamente me aproximando, até que cheguei próximo e falei sobre as frutas e o local e depois criaram uma certa confiança em mim, depois de vários minutos de conversa, disse que estava com sede e se elas não poderiam me oferecer água na casa delas, então se olharam e concordaram, então saímos do mato e seguimos para casa delas. Chegando lá a mãe queria se aproximar, porém pedi que eu ficasse mais um tempo a sós com elas, se fosse possível e a mãe concordou. Depois de várias conversas, sobre diversos assuntos, descobri que o motivo de elas tentarem se suicidar era por terem vergonha de estudar na escola de Yauarete, pois elas iam pra escola descalças e não possuíam cadernos, canetas, os materiais necessários para levar a escola, pois a família não tinha dinheiro para comprar e assim os demais jovens a rejeitavam e sentiam muita vergonha. Fiquei pensando no que falar nesse momento, e depois falei sobre elas não desistirem dos estudos, pois ali estava os caminhos para elas mudarem de vida e a sua realidade social. Retornei para São Gabriel e consegui os materiais necessários para elas levarem à escola, algumas doações de roupas e calçados e elas ficaram muito felizes e continuaram os estudos. Mas, para conseguir com que elas se abrissem comigo, eu tive que passar muita confiança.

Fatores como as influências externas como tecnologias e diferenças socioeconômicas impactam negativamente nesses jovens, pois não há apoio social, tornando os Hupd'äh mais vulneráveis. É importante pesquisar sobre determinantes sociais para informar políticas públicas eficazes e inserir programas de intervenção.

Esses entendimentos locais do suicídio como doença xamânica enviada por outro povo, ou então como ato de solidariedade ou socialidade com outros jovens suicidas, vão em conta dos entendimentos típicos ocidentais do suicídio como resultado da depressão ou do isolamento social.

3.2.1 O sonho

O primeiro sinal antes de um suicídio que demanda um certo grau de alerta, é o sonho que de acordo com os Hupd'äh sobreviventes, primeiro eles sonham com algum amigo ou parente que já faleceu e aparece no sonho dizendo que é para se juntar a ele, que onde ele está é melhor que aqui. O sonho tem uma importância muito grande na região do Alto Rio Negro, pois, segundo a crença local, através dos sonhos podemos descobrir diversas coisas que estão para acontecer. Existem os sonhos

ruins, que avisam alguma negatividade e os sonhos bons, que avisam quando algo de bom está para acontecer na vida do sonhador. Sendo assim, o sonho serve para dar sinais. Em relação a isso, a antropóloga Esther Jean Langdon (1996) diz que: “também sonhos, dança, canto e outras técnicas podem ser empregados em conjunto ou em separação para atingir a mediação xamânica”. (pg. 28). Entre os Hupd’äh, a pessoa tem sonhos ruins e procura o benzedor para afastar o mal que está por vir. Servem também como avisos, descobertas principalmente para os benzedores.

Portanto os sonhos ajudam no processo de aprendizagem. Os sonhos para os Hupd’äh e para os benzedores servem como alerta. Sonhar com pessoa falecida chamando pra ir com ela ou falando para se suicidar, não é um sonho bom. Pois os sonhos com pessoas mortas servem de aviso que alguém adoecerá ou acontecerá algo. Por isso, a importância de procurar um benzedor após sonhos com pessoas que cometeram suicídio. Dependendo do benzedor, quando a pessoa procura para falar do seu sonho, ele já sabe o motivo e faz o *bi’in*.

Segundo os benzedores Hupd’äh, o conhecimento do mundo sobrenatural é adquirido por experiências vivenciadas nos sonhos, pois, para eles, nos sonhos são reveladas muitas coisas. Acreditam que o sonho é uma viagem além deste mundo.

Antes dos benzedores dormirem, eles pedem proteção, conforme a oração que é feita, no sonho é vista. Assim o benzedor interpreta o sonho. “Quando o doente está muito ruim, o sonho já mostra, mostra o que a pessoa está passando, o benzedor vê a pessoa agoniada. Em alguns casos o benzedor sonha com o doente, antes mesmo de ele ter ficado doente”. (Lizardo, 2016, p. 68).

Os sonhos trazem mensagens que podem ser interpretadas. O sonho é inverso do que pode acontecer: se o benzedor vê a pessoa dançando em uma festa, alegre, isso significa que algo de ruim acontecerá com essa pessoa que apareceu no seu sonho. Mas se aparecer a pessoa chorando, passando mal, significa que a pessoa terá muita prosperidade e alegria mais num futuro próximo.

O benzedor através do seu sonho pegando temporal, sonhando com algo ruim, interpreta que logo chegará um doente a sua procura. Se o doente está muito mal, ele aparece no sonho do benzedor bem bonito, e se está bem, no sonho ele é visto muito mal. Como se percebe, a interpretação dos Hupd’äh é de que alguns sonhos prenunciam situações futuras que acontecerão de forma contrária ao que foi sonhado.

Pelo sonho do Hupd’äh, é possível descobrir que tipo de acontecimento está para acontecer. O sonho serve para mostrar ao indígena através dos sinais, o indígena

sonha tendo relação sexual com homem ou mulher, está encontrando doença nesse sonho. Como também, se no sonho vê santo cheio de fita, isso significa que alguém está querendo fazer alguma feitiçaria, coisa ruim contra a pessoa que sonhou ou alguém da família, quando sonha vendo caixão, ou arrancando dente lateral, significa que o pai ou a mãe falecerá.

Demais interpretações são: se sonhar se machucando, sentindo choque, se ferindo, ou seja, sentindo dor, deve procurar um benzedor para evitar o adoecimento. Em algumas aldeias Hupd'äh não têm benzedor, então deslocam-se para outras aldeias atrás de benzedor.

O sonho com algum parente ou amigo falecido chamando o vivo para ir com ele, ou puxando ele querendo pegar na sua mão, quer dizer que ele quer levar a pessoa que sonhou. Isso é o primeiro sinal de alerta, caso alguém sonhe e relate isso, deve-se imediatamente procurar um benzedor, contar o sonho e pedir o *bi'in* para proteger dos espíritos.

Segundo a antropóloga Deise Lucy Oliveira Montardo (2002) na cultura guarani “no sonho se vai ‘lá’, no qual estão presentes os elementos considerados como sendo da cultura guarani, comidas, objetos, adornos. Isto tudo se abri para a pessoa durante o sonho” (p.45). Os sonhos são capazes também de indicar uma coisa boa que possa beneficiar o nosso povo, assim como indica doenças, alertas, indicam também remédios.

Segundo diversas conversas com os tentantes de suicídio e as famílias dos que se suicidaram, percebi que o primeiro sinal que o Hupd'äh dá dias antes de cometer o suicídio, quando ele conta pra alguém de confiança, é o sonho. Tudo começa quando o tentante acaba tendo sonho com algum amigo ou parente que faleceu, na maioria dos casos por suicídio. Segundo relatos, esse Hupd'äh que aparece no sonho fala que é para o sonhador ir para o local que ele está, que é bem melhor, fala pra ele ir lá com ele, que ele está esperando. Em outras vezes fala pra se matar, pra pegar a corda e se enforcar, para sair desse mundo sofrido, com palavras do tipo: “Vem logo pra cá pra esse mundo! Aqui é melhor! Se enforca logo!”.

Isso se assemelha ao que aconteceu no início, quando começaram os suicídios em São Gabriel e nos remete ao relato do antropólogo Walter Coutinho (2011):

“Assim, A.C.S. (♀/14 anos) justificou a sua tentativa dizendo se lembrar muito de R.B.R. (♀/13 anos), que tinha se suicidado um ano antes. A falecida também teria aparecido em sonho dizendo que iria “levar as primas” dela. A justificativa da “lembrança” foi igualmente utilizada por E.S.S. (♂/17 anos),

que afirmou depois se recordar muito de D.C.B. (♂/14 anos), havendo este último se suicidado no ano anterior. Por sua vez, L.A.S. (♂/13 anos), que tentou, e A.P.S. (♂/21 anos), que consumou, eram primos, respectivamente, de R.B.R. e L.M.S. (♀/15 anos), que também tinham se suicidado no ano anterior. No caso de I.M. (♀/17 anos), que já havia protagonizado três ou quatro tentativas, o pai (muito tempo atrás) e a irmãzinha (no período recente) também tinham tentado cometer suicídio. Consta também que A.C.S. (♀/14 anos) seria colega de R. (♀/16 anos), ocorrendo a tentativa desta em 2005 e a daquela em 2006. De sua parte, J.G.N. (♀/13 anos) “viu” os amigos J.P.M.S. (♂/16 anos) e G.P.S. (♂/24 anos), que se enforcaram, “chamando” para que ela também se suicidasse; ao mesmo tempo contra a possibilidade de novas ocorrências, “fechou o corpo” dele” (Coutinho Jr, 2011, p.23).

“Uma semana antes de cometer suicídio, F.C.M. (♀/14 anos) bebeu e ficou andando desorientada pela cidade, relatando haver tido um sonho no qual estava “marcada para morrer”. Procurando retornar para sua residência, uma “pessoa de preto, mascarada e com unhas grandes” teria tentado agarrá-la, deixando-a com um arranhão. No dia, o corpo dela tinha escoriações que supunham ser resultado de um arrendimento tardio, embora um menino tenha falado que viu um “homem de preto mexendo com a irmã”. Enquanto a mãe foi até o centro da cidade, a adolescente ficou na casa com um primo de dez anos. Quando ela colocou a corda no pescoço, “o menino jura que nesse momento viu um vulto (fantasma) atrás dela”. Ele correu para a rua gritando pelos vizinhos, mas, quando estes acudiram, ela já estava morta sentada em uma cadeira” (Coutinho Jr, 2011, p. 24).

Isso faz perceber que o sonho é o primeiro sinal antes de tentarem o suicídio, pois esses que sonham com o que faleceu por suicídio, ficam pensativos ao acordarem no dia seguinte, pois ficam lembrando muito do sonho com o falecido, que seria um amigo ou parente e acabam ficando tristes. Quando eles contam o sonho, o que deve ser feito é imediatamente procurar um pajé para afastar esse espírito do falecido do jovem. Porque o segundo passo depois é começar a ouvir vozes deles pedindo para pegarem corda e se enforcar. Na primeira oportunidade de uma discussão ou no dia de caxiri, a tentativa ou o suicídio acontece. Alguns sobrevivem por serem salvos de imediato, mais nem todos têm essa sorte. Quando a tentativa de suicídio é por meio do timbó, as chances são maiores, pois a equipe de saúde do Dsei pode chegar a tempo e impedir que o veneno avance.

A importância do sonho serve para avisar ao Hupd'äh que algo ruim está se aproximando, como no caso de sonhar com pessoas falecidas pelo suicídio. É necessário contar ao benzedor tudo que sonhou, sendo assim dando uma chance para evitar um suicídio. Assim entre os Hupd'äh o sonho revela o primeiro sinal antes de um suicídio, e somente um benzedor para afastar esse acontecimento futuro.

Entre os Hupd'äh, o sonho é uma forma de aviso, os falecidos por suicídio aparecem no sonho da próxima vítima, falando que é pra pessoa se matar, sair desse mundo de sofrimento e ir encontrar eles em outro local. Então o indígena acorda

pensativo sobre o sonho, só que a maioria dos Hupd'äh guarda com eles o sonho e não fala para ninguém. Alguns contam para algum amigo ou familiar o que sonhou. Isso é bom, porque se a pessoa contar logo pra algum adulto, de preferência os pais, sobre o que sonhou, ainda há uma forma de prevenir que o suicídio aconteça. Nesse momento é preciso que os pais ou responsáveis, amigos ou parentes, levem essa pessoa que sonhou até o pajé ou rezador, para que reze nele para “cortar” o que possa vir acontecer, caracterizando então, uma maneira de prevenção ao suicídio.

3.2.2 Visão e vozes

O segundo sinal que os Hupd'äh relatam é que existem espíritos nas aldeias do igarapé Japu, que se aproximam das pessoas com uma corda. Os suicidas alegam que em alguns casos não lembram do ocorrido, como se alguém fizesse por eles. A força é maior, que ocorre geralmente quando estão sozinhos. Houve um caso em que um Hupd'äh relatou estar colhendo tucumã, quando sentiu a presença de alguém ao seu redor, e quando se deu conta, ele já havia tentado o suicídio. A mãe disse que parecia ter escutado alguém em seu pensamento falar: “seu filho quase se enforcou, cuidado, tem que mandar benzer, tem que mandar cercar”. A escuta de vozes foi relatada também por um jovem que, certo dia, estava em casa e começou ouvir vozes, ficou com medo e começou a rezar. As vozes, por sua vez, diziam que não adiantava rezar e que um homem preto e alto falava que, se morresse, a vida seria melhor. Relatam que escutavam as vozes e quando viam já estavam no colo de outra pessoa, que era algo mais forte que eles. Outro caso, o de uma jovem que relatou que desejava morrer porque não estava mais aguentado ficar em casa, pois quando ficava sozinha, ouvia vozes, via vultos ou parentes que já morreram. Alguns relatam que esse espírito pega a corda e amarra no pescoço do jovem ou pede pra ele se matar e ele fica andando pelas aldeias à noite, sendo que alguns desmaiam.

Houve um caso em que um jovem Hupd'äh bebeu caxiri com seus amigos e se afastou para urinar, quando viu um espírito que se aproximou dele e pediu pra ele se enforcar, mas ele resistiu ao apelo, e o espírito insistia. Ele relata ainda que não conseguia gritar, talvez pelo susto. Como ele demorou bastante, os amigos foram atrás dele, e ele estava resistindo à pressão de pegar a corda. Quando os amigos o encontraram, os espíritos foram embora e sumiram. Então o jovem relatou o ocorrido e disse que o espírito era um amigo dele que tinha se enforcado, tinha falecido e

estava acompanhado de mais dois espíritos que queriam colocar a corda nele. Como ele sobreviveu, contou o relato.

Casos que lembram o que Coutinho Jr (2011) diz:

“Muito Durante o velório de P.G.A.S., os indígenas presentes lembraram a ocasião em que um jovem teve uma espécie de visão ou sonho, no qual lhe apareceu um “vulto” que seria o “homem de roupa preta” com uma “corda prontinha” dizendo “esta é para você, põe a cabeça aí dentro!” As pessoas ao redor escutavam o jovem dizer que não botava, que não era para ele, fazendo o movimento de tirar a cabeça da corda até o momento em que, saindo do transe, voltou a si (“acordou”). Um dirigente da FOIRN também reportou a declaração de uma adolescente que dizia para ele que o tal “vulto” estava presente na própria sede da organização indígena enquanto ambos conversavam” (Coutinho Jr, 2011, p. 25).

Em alguns casos de suicídio, o jovem Hupd’äh começa a ter visões, como no caso de uma tentante da comunidade Santa Cruz do Cabari: ela já havia sonhado com uma amiga falecida pelo suicídio e um certo dia, foi para a roça e no retorno para casa teve a visão da imagem de um caixão no caminho da roça, o que a deixou meio perturbada. Após isso, certa noite, ela foi urinar fora da casa e viu um espírito alto e preto, que falou para ela se matar. Ela correu para dentro da casa, porém, ele conseguiu deixar uma marca nela, um arranhão, do peito até o ombro. Ela entrou na casa correndo e acordou a irmã, pedindo para acender o fogo à lenha, porque os Hupd’äh não têm iluminação elétrica nas aldeias. Após acender o fogo, contou para sua irmã o ocorrido no externo da casa, e no dia seguinte eu estava no centro social da aldeia Santa Cruz, quando a irmã da tentante me procurou e informou o ocorrido. Então a tentante se sentou e contou o que aconteceu na noite anterior. De repente a jovem Hupd’äh disse que os espíritos estavam vindo, perguntei quantos são? Ela respondeu “são muitos” e olhou para a floresta e lembro que as árvores se mexiam de um lado para o outro, o que parecia uma cena de filme de terror. Em seguida, chamei a equipe de enfermagem para darmos a mão e rezar junto com ela, pois naquele momento entendi que não adiantaria nenhum tipo de conversa e rezar seria o melhor a se fazer. Naquele dia, não havia naquela aldeia nenhum benzedor que pudesse nos ajudar.

Segundo o antropólogo Coutinho Jr (2011) conta também sobre um caso idêntico em São Gabriel da Cachoeira.

“Em outro caso, C.E.P. (3/27 anos) chegou desmaiado ao HGu/SGC; ao acordar no dia seguinte, ainda muito assustado, negou que tivesse tomado

qualquer iniciativa (“eu não tentei nada”). Segundo ele, depois de beber e consertar uma moto-serra junto com o pai, foi se banhar com a esposa e o filho pequeno e, quando saiu para urinar, teria visto “duas pessoas encapuzadas de preto” que o seguraram e colocaram algo no seu nariz (éter?) fazendo- “bambear”. Passaram um fio elétrico em volta do seu pescoço e suspenderam-no, tentando enforcá-lo, mas sua mulher gritou pelo pai dele, que conseguiu livrá-lo a tempo. De sua parte, L.A.S. (♂/13 anos) afirmou não se lembrar de nada, nem mesmo do porquê de haver tentado o suicídio, mas declarou estar com medo por ter visto um “vulto”. De fato, segundo o testemunho dos profissionais do HGu/SGC, em pelo menos três casos de suicídio, os corpos apresentaram marcas que não poderiam ter sido auto-provocadas pelos protagonistas” (Coutinho Jr, 2011, p. 24).

Percebe-se que a maioria dos casos de suicídios não havia um motivo para atentar contra a própria vida e mesmo assim tiravam sua vida, grande maioria dos entrevistados me contaram que havia uma ação espiritual e assim também diziam as testemunhas que geralmente era pessoas próximas como amigos, parentes, vizinhos e benzedores

Entre os Hupd’äh, prevalece a explicação de um “mal espiritual” que tem abatido as pessoas, nota-se, por outro lado, que tudo o que foi encontrado como motivos imediatamente anteriores ao ato do suicídio que aparece em um caso, aparece nos demais, como: briga entre casais, constrangimento do rapaz ou da moça Hupd’äh diante de várias pessoas, feitiços, ataque de espíritos de pessoas mortas, ataques de espíritos de outra ordem.

3.2.3 Caxiri e os gatilhos

Entre os Hupd’äh o caxiri é bastante usado em ajuri, onde é consumido pelos membros da aldeia que juntos vão trabalhar em serviço comunitário coletivo em prol da aldeia. Também consumido em rituais importantes como o nascimento e casamento, é uma bebida tradicional feita de mandioca, cana, batata, abacaxi entre outras frutas. É bastante consumida no Alto Rio Negro, é uma bebida compartilhada por vários povos indígenas da região e é produzido pelas mulheres. É proibida a entrada de bebida alcoólica como cachaça, camelinho, cerveja em área indígena, existe uma barreira do Exército Brasileiro na aldeia ilha das flores, antes da entrada entre os rios walpes e negro, pois se o exército pegar a pessoa transportando bebida alcoólica, ela é retirada e apreendida.

Segundo a Enfermeira indígena Rosilene Dutra Menezes (2017):

“Entre os Hupd’äh e hupdeh alto rio negrinos, existe o “caxiri” que também é produzido dentro das aldeias para as datas festivas e trabalhos coletivos, é ingerido pela população, e algumas vezes as festas tinham duração de vários dias. Atualmente, a festa termina quando a bebida se esgota. Segundo relatos, algumas vezes as festas nas aldeias com o consumo de “caxiri” também ocasionavam situações desagradáveis como violências, desentendimento entre casais e negligência para com as crianças, quando os pais não retornavam para suas casas” (Menezes, 2017 p. 12).

O caxiri foi apontado por algumas pessoas por ser o responsável de fazer os jovens criar coragem de cometer o suicídio no igarapé Japu, pelo fato de a maioria dos suicídios ocorrer quando estão sob efeitos dessa bebida. Mais penso que o caxiri apenas causa mais coragem de fazer o que já pretendia, ele causa mais impulso, quantas vezes pensamos em fazer algo, mais não temos coragem, porém quando está sob efeitos de bebida alcoólica a pessoa faz o que não teria coragem de fazer sóbria. O caxiri é assim, não que ele seja o motivo e sim o que faz com que o jovem Hupd’äh crie coragem, isso não significa que sem o efeito do caxiri ele não ria se suicidar.

Segundo o antropólogo Tomas da cunha Tancredi (2023):

“O diagnóstico da bebida alcoólica e do timbó como problemas trouxe uma série de intervenções, como palestras informativas sobre os malefícios do álcool desencorajando seu uso, a fiscalização por parte do exército sobre a entrada de bebidas e até a curiosa tentativa de eliminação da planta timbó, uma planta que cresce por toda a região de Auari. Essas intervenções trouxeram desavenças entre os Ye’kwana: Internamente, esse debate trouxe inúmeras confusões. Os mais velhos defendem que a bebida faz parte da cultura ye’kuana. Filhos e maridos cobram de suas esposas e mães que fabriquem a bebida. Algumas famílias continuam a produzi-la, outras não. Durante os trabalhos coletivos, momentos de forte unidade da aldeia, o consumo de bebidas alcoólicas passou a gerar tensão, pois, nesses momentos, a bebida tradicional é fundamental. O tema passou assim a ser mais um fator de divisão interna” (Tancredi, 2023, p. 52).

O caxiri é muito consumido pelos Hupd’äh em festividades, rituais e ajuri¹⁹ realizados na aldeia, pois essa bebida quando consumida, acaba dando mais coragem nos Hupd’äh, digamos que o que a pessoa não tem coragem de fazer “bom” sem o uso do caxiri, ela cria coragem de fazer quando está a base da bebida caxiri, o que facilita a coragem de cometer o suicídio, especialmente quem está com pensamento suicida, algumas pessoas de fora do Japu, dizem que o caxiri é o culpado pelos suicídios nessa região. Quando estava no Dsei ouvi diversas vezes os

19 Trabalho coletivo.

psicólogos falarem que era culpa do caxiri o suicídio dos jovens Hupd'äh e até tentaram proibir o uso da bebida nas aldeias.

Tancredi (2023) conta que:

“Além disso, Marco Antônio argumenta que, nos anos 1980, sua geração também fazia uso de bebida, e isso não provocava suicídios. Lembra que a sua geração tinha clareza de que ia conhecer o mundo dos brancos para poder retornar para a comunidade e avalia que “o que acontece agora é que os jovens estão fracos, não escutam e, por isso, quando bebem ficam mais fracos” (Tancredi, 2023, p. 57).

O caxiri é consumido há séculos e nunca foi motivo de ser o causador do suicídio, o problema é que os Hupd'äh quando estão sob efeito do caxiri acabam brigando por ciúmes, brigando com parentes e isso acaba sendo “gatilho” para o suicídio, pois já estão nesse enfraquecimento espiritual.

Em pesquisa de campo pude reparar que a grande maioria dos Hupd'äh que cometeram o suicídio, o fato aconteceu depois de brigas no relacionamento ou quando os pais chamam “atenção” de jovens ou no momento em que algum parente fala algo que não gostam, como, por exemplo, lembro de um relato da família de um Hupd'äh que estava muito triste, principalmente os pais do jovem, que de acordo com o relato, tudo começou em uma noite de natal, quando estavam em festividade e ao consumo do caxiri, um jovem estava ouvindo música em uma caixinha de som que pertencia ao irmão, esse irmão chegou e não gostou de o seu irmão está usando sua caixinha de som, então ele fala pro irmão “porque está usando minha caixinha? Me dá, não é teu, é meu”, o irmão se levantou segundo os amigos, pois não gostou de ter sido chamado atenção na frente dos amigos e foi para sua casa. Entretanto os amigos pensaram que ele teria ido se deitar. Só que algum tempo depois a família foi na casa e encontrou o jovem pendurado em uma corda no meio da sala já sem vida.

Interessante destacar que a família relata que dias antes do jovem cometer o suicídio, ele teria contado o sonho que teve com os amigos falecidos pelo suicídio, então percebe-se que ele já estava com esses pensamentos e já tinha apresentado o sinal, então o desentendimento com o irmão junto com o uso do caxiri fez apenas despertar o gatilho.

Geralmente em dias de caxiri, todos os Hupd'äh da aldeia e de algumas aldeias vizinhas se reúnem, seja em festa de santo ou dias de ajuri. As mulheres são responsáveis pela preparação do caxiri de alguma fruta que tiver na época, que pode ser cara, batata, cana, abacaxi etc.

Durante essas festividades acaba tendo algum desentendimento por algum motivo envolvendo algum Hupd'äh. Como podemos citar o exemplo do adolescente ou jovem que não gosta de ser chamado atenção por algum familiar, que pode ser a mãe, esposa, marido ou algum amigo, os casos do casal que briga, geralmente a esposa vai falar alguma coisa pro marido que está bebido de caxiri, e ele se irrita. A partir desses conflitos, podem surgir as ideias suicidas, que em alguns casos pode ser uma tentativa e em outros a execução do ato. Na maioria dos casos de suicídio, os Hupd'äh não avisam, apenas se afastam e cometem o suicídio, sem deixar a chance de serem salvos, pois não é essa a intenção, diferente de suicídios em cidades grandes, onde o cidadão fala que vai se jogar, chama atenção de todos, até bombeiro chega e na maioria das vezes não comete o ato.

Os fatores de risco para suicídio em jovens são vários, complexos e também não completamente compreendidos. As mudanças nessa fase da vida são muito rápidas e intensas. Com poucos anos de diferença, os entornos da vida são capazes de modificar drasticamente, com implicações diretas sobre a saúde mental dos jovens em transições acadêmicas, econômicas, afetivas e de estilo de vida (Vieira, 2017).

Em Hupd'äh com pouco idade, como em crianças e adolescentes, alguns comportamentos são capazes de parecer típicos da idade, que é bom observar ela costuma não desejar alimentar-se, não se concentra, vive com aversão, ao mesmo tempo triste. Porém a adolescência em indígenas e não indígenas possui a transição de idade e vem todas as mudanças hormonais, fazendo com que aquele adolescente risonho se torne um adolescente mal-humorado.

O suicídio deixa a humanidade em constante instabilidade e perigo, especialmente para as crianças e os jovens, o que se percebe de forma espalhada pela Amazônia. “A criança precisa ser desafinada: ela é um estranho, um hóspede a ser transformado em consubstancial” (Viveiros de Castro, 2002, p.447).

Os Hupd'äh mais velhos mencionaram que o consumo do caxiri faz com que os jovens criem contato espiritual, pois criam coragem para botar pra fora o desejo que sentem quando estão sóbrios, uma vez que guardam mágoas de discussão com algum familiar e, no momento oportuno, com o uso de caxiri, criam coragem para se enforçar. Entretanto, o caxiri não é o motivo do suicídio seria apenas um gatilho, pois os mais velhos relatam que os jovens tiram suas vidas por resultado de feitiçaria e é necessário a presença de um poderoso pajé, com grande força espiritual para conseguir expulsar o espírito mal da aldeia.

Segundo o antropólogo Tomas da cunha Tancredi (2023) que fala de demais povos indígenas semelhantes ao caso dos Hupd'äh:

“Entre os Karajá, Nunes (2017) também aponta para uma polifonia de causas e momentos em que as explicações de “feitiçaria” passaram a ser mais aceitas do que as que tendiam a apontar causas mais “mundanas” e “sociológicas”. Pimentel (2017) engloba o que os Guaraní relacionavam como “brigas familiares” dentro de uma perspectiva de anomia social e faz uma leitura da perspectiva xamânica. Bueno (2017), analisando o caso Ticuna, esgota as possibilidades de uma leitura de perspectiva xamânica para a explicação das mortes por enforcamento, apontando seus limites e recorrendo à sua análise anterior de uma “economia das emoções” para entender a dimensão dos sentimentos em conflito expressa nas relações intergeracionais” (Tancredi, 2023 p. 73).

É importante perceber que muitos dos relatos dos jovens que tentaram o suicídio, ou relatos dos familiares próximos as vítimas de suicídio na maioria tiveram o gatilho por causa de ciúmes, relações extraconjugais, desaprovação dos pais, separação de casais, rejeitados pela sociedade, se sentir inferior aos demais povos.

Para concluir os motivos que causam o suicídio, o psicólogo Ronaldo Santhiago Bonfim de Souza (2020) diz que a Pobreza, fatores históricos e culturais, baixos indicadores de bem-estar, desintegração das famílias, vulnerabilidade social, falta de sentido de vida e futuro, escassez de terras, afastamento dos jovens das atividades tradicionais de subsistência e ter um familiar que morreu por suicídio foram apontados como motivadores para as altas taxas de suicídio entre os povos indígenas. Percebe-se que o caxiri pode estar relacionado como gatilho aos suicídios nas aldeias. “Em nenhum estudo foi citada a presença de transtornos mentais associados aos comportamentos suicidas nos indígenas” (Souza RSB, 2020, p. 03).

Apesar de concordar que podem ser gatilhos, busco pensar em que os ciúmes e os conflitos como uma questão em si, já estava destinado a um motivo para pessoa cometer o suicídio.

3.3 Formas de suicídio: corda e timbó

O Suicídio nas aldeias Hupd'äh são executadas de duas maneiras, a primeira e mais comum é o enforcamento com o uso de corda de atar rede, o segundo é com o uso do envenenamento com o timbó. O suicido por arma de fogo, faca e fogo como se vê bastante em cidades grandes, nas aldeias indígenas dos Hupd'äh não acontece.

Os Hupd'äh se preocupam com a possibilidade de o timbó ser usado por suicídio em grupos. Mesmo assim, os Hupd'äh consideram que o enforcamento é um método mais fatal e rápido, enquanto o timbó age mais lentamente, de tal maneira que grande parte das tentativas de suicídio por timbó são socorridas e voltam a vida. Grande maioria dos tentantes entrevistados foram que tentaram o suicídio com o uso do timbó, ou que a corda arrebentou ou que alguém conseguiu tirar da força a tempo.

O poder da mortalidade dos métodos de suicídio deve ser contraposto à rapidez de um possível resgate e à viabilidade de tratamento das pessoas que tentam se matar. Pois uma tentativa de suicídio na aldeia que é carente de serviço médico efetivo envolve maior risco de morte, pois o resgate é mais complicado por habitarem o centro da floresta, pois a distância da aldeia até o igarapé Japu são horas de caminhada no meio do mato por trilha e da saída do igarapé até o rio Walpes demora muito, pela dificuldade de muitas árvores caídas e em período da seca que dificulta e faz ser mais lento o resgate.

Nas aldeias Hupd'äh o contato com a Equipe Multidisciplinar de Saúde Indígena – EMSI é pelo rádio fonia, pois nessas aldeias não tem telefone e não tem internet. Então o Agente Indígena de Saúde entra em contato com a equipe de saúde para um possível resgate, sendo na maioria das vezes a EMSI sabe apenas depois do suicídio ter ocorrido, devido à dificuldade de contato e de logística.

A maior parte das mortes nos suicídios dos Hupd'äh foi por enforcamento, o timbó vem na minoria. Saber dos meios que ocorrem as mortes e necessário para compreender os casos de suicídio, uma vez que na região para a análise de casos precisa se considerar os meios que utilizaram para provocar a morte deles e a presença de espíritos.

O suicídio por enforcamento com corda é o método mais usado no suicídio entre os Hupd'äh, pois o enforcamento tem como objetivo apertar uma ligadura que tem no pescoço, fazendo com que o oxigênio não suba para o cérebro, ocasionando a morte.

O enforcamento é um dos métodos do suicídio mais usado devido ao fácil acesso ao material, método simples de executar, não exige muitas técnicas complicadas e com poucas chances de sobrevivência. As pessoas que sobreviveram é porque a corda arrebentou, o galho da árvore quebrou ou que foram descobertas a tempo.

A grande maioria dos Hupd'äh que se suicidaram na área do Japu, utilizaram corda como objeto para atentarem contra a própria vida. A corda é mais usada por ser o material mais fácil de achar, pois cada casa tem corda por ser bastante usado para atar rede e segundo relatos o mais rápido para executar o ato. Infelizmente esse objeto é fatal se usado de maneira correta e se a ajuda demorar não de tempo de salvar a vítima.

Pois segundo relatos de sobreviventes, o enforcamento é o método mais rápido para não causar dor e sofrimento, querem que seja indolor e garantido a eficácia, não querem sentir nada. Alguns relatos é que procuraram a corda por momentos de raiva, outros seguidos de ouvir alguém dizer para pegar a corda e se enforçar, teve outros que falaram que o espírito já estava com a corda nas mãos, parecia que era para facilitar o ato. Deve ser bem discreto, sem ninguém saber e ninguém vê o ato, porque não querem que ninguém descubra os motivos que levaram essa pessoa a cometer o suicídio.

O timbó é uma planta venenosa conhecida por suas características alucinógenas e foi historicamente usada por alguns povos indígenas da Amazônia em rituais e cerimônias e é muito usado em São Gabriel da Cachoeira por outros povos para facilitar a captura de peixe nos igarapés, esse evento é conhecido na região, principalmente entre os Baré por "*Tinguijá*".

O efeito do suicídio causado por envenenamento do timbó entre os Hupd'äh nas últimas gerações surpreende pelas suas proporções. A morte por ingestão do timbó se consolidou como a morte ideal depois do enforcamento com corda. Os Hupd'äh dizem que a morte por envenenamento do timbó acaba trazendo novos mortos por timbó, porque a experiência dessa morte na visão de outros jovens, pode ser a saída para o outro jovem cometer o suicídio. É o método de morte mais lenta, em que após ingerir o sumo do timbó, o suicida sente dor na barriga e morre mais lentamente e também tem mais chance de viver, caso seja resgatado a tempo, pois quem busca a morte por envenenamento por timbó, pode provocar a morte de outros Hupd'äh.

O envenenamento por timbó é usado por gerações de jovens como fuga. A grande maioria procura o veneno quando está em um momento de raiva. O indígena come timbó mas esse movimento de devorar se altera de forma integral, pois o espírito do timbó, de uma forma oposta, captura a posição de humano e fábrica a transformação em peixe, efetuando-se uma troca de perspectivas, os humanos que ingerem timbó veem o espírito do timbó como jaguares predadores que os perseguem, e que tentam devorá-los. O espírito do timbó vê os humanos que comem timbó como peixes que sobem às águas do céu (Miguel Aparício, 2015).

Segundo o antropólogo Miguel Aparício (2015) diz que o:

“O timbó opera uma transformação de perspectivas na pessoa, desdobrada na sua qualidade-de-sujeito predador e na sua qualidade-de-objeto presa do timbó: realiza-se uma metamorfose em inimigo, por outro lado, uma metamorfose em peixe” (Aparício, 2015, p. 324).

Além do timbó, a mandioca também apresenta perigo, mais não é usado, mais é de fácil acesso, pois quando crua se torna um veneno. Da mandioca se faz a farinha, tapioca, beiju, curada e tucupi. O tucupi deve ser consumido somente após muito tempo fervido, pra não correr o risco de estar ainda com o veneno da mandioca. A roça dos Hupd'äh fica próximo das casas tornando o acesso à mandioca fácil.

Isso me fez lembra relatos de Tancredi (2023) que em novembro de 2022, no meio da tarde, a equipe de saúde do polo base de Auaris recebeu de um AIS Sanumá a notícia de que havia ocorrido um suicídio coletivo por fome na comunidade Sanumá Kolapoipu. A equipe de saúde subiu de bote por mais de uma hora até o local. Muitas pessoas estavam envenenadas por terem comido mandioca brava que não estava bem cozida. Algumas pessoas receberam atendimento e ficaram bem, sendo que quatro pessoas incluindo a mãe, a filha, neta e a irmã da mãe ficaram em estado grave, incluindo seus parentes, que precisaram de lavagem intestinal da mandioca brava. No final do atendimento, a equipe de saúde alegou que poderia ser suicídio. O AIS Yanomami dizia que seria um suicídio por fome, pois as crianças poderiam ter comido por que viram a mãe comer, mais a mãe sabia que a mandioca não estava bem cozida, ou então que ela estaria com muita fome e não conseguiu esperar a mandioca cozinhar por mais um tempo (Tancredi, 2023).

A situação me deixou preocupada, pelo fato de a mandioca ser um outro meio de suicídio, porque alegam que esse suicídio poderia ser por fome. Isso me fez

lembrar de uma entrada que fiz para comunidade Santa Rosa, há quatro horas de caminhada do igarapé Japu até a comunidade. Após o encerramento do atendimento da equipe do Dsei e minhas conversas com os Hupd'äh, resolvi ir esquentar uma comida que haviam guardado para mim, pois os demais já tinham jantado. Fui até a cozinha mais próxima para esquentar a comida, quando me deparei com umas dez crianças ao redor de uma panela em que havia umas raízes que olhando rápido parecia mandioca cozida, mais não perguntei o que era, como a iluminação era apenas do fogo de lenha, quase não dava de enxergar. Lembro que após esquentar a comida, vi uma criança olhando para a comida que eu esquentava, não consegui comer por saber que havia uma criança querendo se alimentar, acabei dando para aquelas crianças a comida.

Uma outra situação que preocupa é que os jovens sejam indígenas ou não geralmente não gostam que sejam chamados “atenção”, dependendo da maneira como esses jovens são abordados, acabam ficando com raiva e isso desperta a ideia suicida, especialmente entre os Hupd'äh.

Podemos dizer que em dia de caxiri, os irmãos tomam caxiri, criam coragem e acabam falando coisas para a irmã, por exemplo “tu não está fazendo as coisas da casa direito” e as vezes até batiam nas irmãs. Após um momento de raiva, a jovem vai até a mata a procura do timbó, ao encontrar, procura um igarapé, soca a raiz e o sumo juntos com um pouco de água, formando igual a um suco, toma esse líquido e espera o resultado. Nesse período em alguns casos está na proximidade de casa. Em alguns casos alguém da comunidade vê e tenta chamar a equipe do Dsei, o problema é que na maioria das comunidades não tem rádio fonia, telefone e muito menos internet. Então eles tentam provocar o vômito no Hupd'äh com intenção de expulsar o veneno, mais o efeito é em média uns 30 min, o que dificulta a chegada da EMSI na comunidade.

Segundo Enfermeiro Jonathan de Souza Machado que atua bastante tempo no igarapé Japu com os Hupd'äh, eles já pegam a vítima com óbito, por que é difícil contato com rádio fonia, pois ele ainda não presenciou sobrevivência por uso do timbó, pois a fatalidade é questão de minutos, até 1 hora no máximo dependendo. Porém relata que se ele pegasse um caso desse encaminharia para Yauarete, porque lá tem um suporte básico melhor, pois tem um hospital, unidade mista e tem pista de avião para remoção de avião para o Hospital de Guarnição de São Gabriel da Cachoeira.

Outra possibilidade seria contato com o Dsei para solicitar helicóptero para fazer os resgates na própria aldeia, mais é mais difícil conseguir helicóptero.

3.4 O luto

A morte por suicídio, independente do motivo, sempre traz um sentimento de tristeza para todos os amigos e parentes, entre os Hupd'äh não é diferente e pode ser pressagiada por um sonho, uma trovoada ou pelo canto noturno de um pássaro.

Quando um Hupd'äh morre é liberado três tipos de espírito: o primeiro (*nepi*), comparado ao reflexo de uma pessoa no espelho, sobe para o nível superior do universo, tornando-se “semente de gente”; o segundo (*nemep*), o “espírito perigoso” do morto, que fica no lugar que aconteceu a morte ou nos arredores, sendo apresentado como uma sombra escura que mora em árvores ocas da mata e sai à noite para se alimentar de frutas ou sangue de gente e animais; o terceiro vai para a casa dos animais no nível inferior do universo, subindo eventualmente à superfície vestido em formas de animais para buscar alimento. A presença dos espíritos dos mortos é um critério importante no momento de selecionar um sítio para um acampamento ou deixá-lo após a morte de uma pessoa. Quando alguém morre, amarram-se por vezes talos de maniva e cana-de-açúcar como uma espécie de parede de proteção para evitar que o *nemep* do morto volte e possa trazer doenças ou a morte para outras pessoas (Cabrera, 1999).

O espírito dos que morreram recente compõe, na realidade, apenas um dos tipos de visagens que povoam o plano terrestre, para os Hupd'äh o que persegue os vivos fazendo com que se suicidam é o *nemep*.

Portanto segundo Gentil (2000):

“A rigor, *wāhtĩ* representa toda uma classe de seres, a qual pertencem, entre outros, os fantasmas de gente (*mahsā-wāhtĩ*), isto é, almas de humanos falecidos que não conseguiram chegar na casa de criação das primeiras humanidades porque foram maus e ficam aqui na terra na forma de animal ou fantasma esperando para encarnar outra vez neste mundo (Gentil, 2000:193). Outros tipos de *wāhtĩ* mencionados pelos Tukano incluem os fantasmas de onça (*yái-wāhtĩ*), que são espíritos de pajés; os fantasmas dos sonhos (*kē'ērĩ-wāhtĩ*), que vemos ao dormir; os fantasmas-esqueletos (*ō'āri-wāhtĩ*) que são completamente feitos de ossos; os fantasmas que aparecem como amigos ou conhecidos (*wearĩ-wāhtĩ*), que sinalizam morte ou doenças; e o “começo de fantasma” (*wāhtĩ-nē'kōkaro*), “que começa existir, depois que a gente fez cerimônias para ele existir, num local desejado, ou num lugar amaldiçoado” (Ibid.). Na realidade, a aparição de qualquer tipo de fantasma

é um aviso ou sinal, para aquele que o encontra, da ocorrência próxima de doença ou morte” (Gentil, 2000, p.193).

Segundo os velhos Hupd'äh o suicídio ocorre principalmente entre os jovens. E esse problema do suicídio só será solucionado com o trabalho de um poderoso pajé, com força tanto espiritual quanto corporal, porque os espíritos que ocasionam o suicídio são muito fortes. Por esta razão, a fim de evitar um próximo suicídio após a morte de um membro da comunidade que se suicidou por enforcamento em uma árvore, segundo os Hupd'äh é necessário derrubar a árvore ou, pelo menos, cortar o galho em que ocorreu o suicídio, com o objetivo de evitar um próximo suicídio nesse local. Se o suicídio ocorre dentro de uma casa, a casa é derrubada e a família constrói outra em outro terreno.

Os Hupd'äh não guardam nenhum pertence do suicidado, tudo é jogado no túmulo, tais como as roupas, pertences e até documentos pessoais para evitar futuros suicídios. Lembro que tivemos dificuldades quando era necessário tirar a certidão de óbito ou resolver algum benefício e não tinha mais os documentos, porque a família jogou, mais devidos a várias explicações sobre a importância de guardar os documentos pessoais do falecido, creio que tenha diminuído essa prática.

Para os Hupd'äh, as práticas espirituais e culturais desempenham um papel fundamental na maneira como lidam com o luto e com a morte em um contexto geral. Suas crenças são capazes de incluir rituais específicos de luto, que variam de acordo com as circunstâncias da morte, a idade do falecido e o impacto na aldeia.

O luto entre os Hupd'äh, assim como em muitas outras culturas indígenas, é um processo complexo e profundamente enraizado em suas tradições culturais e crenças espirituais. Muitas culturas indígenas, incluindo os Hupd'äh, frequentemente têm crenças espirituais que influenciam suas práticas de luto.

Em diversas culturas indígenas, o luto é um procedimento comunitário. A comunidade desempenha o papel de apoiar a família que está passando pelo luto, oferecendo ajuda prática, emocional e espiritual durante o período de luto. Os Hupd'äh, como outras culturas indígenas, frequentemente reconhecem a importância de permitir que os enlutados tenham tempo e espaço para processar sua dor e ajustar-se à nova realidade após a perda de um ente querido.

É importante notar que as práticas de luto podem variar entre diferentes grupos dentro dos Hupd'äh e também podem ter sido influenciadas por mudanças históricas

e contatos com outras culturas. Respeitar e compreender essas práticas é essencial para um entendimento genuíno e respeitoso das experiências de luto dentro das comunidades indígenas.

Um fato essencial para saber e informar é que se alguém tirar foto de muitos Hupd'äh juntos e depois revelar a foto e queira mostrar depois no retorno a aldeia, deve ter muito cuidado ao mostrar essa foto, pois antes de mostrar deve saber se todos os Hupd'äh que compõem aquela foto estão vivos, pois se caso um deles não estava mais nesse plano, não é aconselhável mostrar essa foto, pois eles não gostam de olhar fotos de pessoas que já partiram.

Para os Hupd'äh quando uma pessoa morre pelo suicídio, ele vira “bicho” como cutia, paca e fica vagando pelas roças comendo as frutas. Eu conversando com os jovens que haviam tentado o suicídio e haviam sobrevivido questionei se sabiam que o suicida virava bicho e alguns me disseram que sim e que não queriam virar bicho. Certa vez conversando com um pai de um jovem que havia se suicidado, ele disse que os que morrem enforcados ou depois de tomar veneno do timbó viraram bicho, contou a história de seu filho, em que sua esposa, no caso a madrasta não gostava de seu filho e vivia ralhando ele, e que depois do jovem sofrer e sentir raiva colocou a corda no pescoço e morreu. Depois de uns dias a mulher começou a perceber que quando ela torrava farinha, ela jogava os restos de mandioca e sempre aparecia uma cutia para comer, pois segundo o pai era o jovem que acabou virando cutia após o suicídio e que ele ficou por lá pelas redondezas da casa, ela acabou contando para alguns vizinhos que tinha uma cutia ali naquele local que acabaram matando a cutia. Passando os dias, o jovem apareceu no sonho do pai dizendo “pai, não era cutia, era eu”. Quando o pai acordou ficou pensativo “meu filho virou cutia”. Isso é um dos demais relatos que os Hupd'äh contam sobre o que acontece com quem se suicida.

Os Hupd'äh mais velhos acreditam que os animais que aparecem nas aldeias, sejam de espíritos de jovens que se suicidaram, pois não vão para o céu e sim ficam vagando pela terra em corpos de animais, ficam com fome e comendo restos de comida e frutas da roça.

Os indígenas que morrem por suicídio não iriam para o outro plano, pois morreriam e voltariam em forma de animais, como paca, cutia, sapo, cobra, se alimentando de abacaxi, macaxeira e outros alimentos cultivados nas roças dos indígenas (Sousa, 2016).

Além de virar animais, os pajés Basílio e Virgolino da aldeia Santa Rosa relataram em conversa em roda de Ipadu sobre suicídio, que as pessoas que cometem o suicídio ficam vagando aqui na terra e que também não podem se juntar com os demais corpos. Estavam na ideia de enterrar os corpos dos suicidas separados dos demais que morreram por doenças, ou seja, criar um cemitério separado para os que partiram por suicídio.

Os trovões são as vozes das almas no céu que significa saudade das pessoas que a morte separou, ou a raiva porque quer chamar novos mortos. Relatam que quando chove muito no dia que alguém faleceu, significa que essa pessoa está chorando e que se arrependeu de ter feito o suicídio ou se for por outro motivo, essa pessoa não queria partir desse mundo.

A imagem da perda de um futuro, parece significativo para compreender o suicídio. É claro que perder o futuro imaginado não implica em pensamentos e práticas suicidas, assim como o ato de tentativa do suicídio não é a negação completa de um horizonte no qual se desenha e espera do futuro.

4 PAJELANÇA COMO FORMA DE PROTEÇÃO



Foto 19: *Ipadu* consumido pelos pajés Hupd'äh
Fonte: Wizer Almeida, 2025.

No contexto do Alto Rio Negro entre os indígenas, existem os conhecedores tradicionais que são os pajés, curadores e benzedores, pois seus conhecimentos podem ser usados para o bem, em rituais de cura e proteção contra-ataques espirituais e humanos, como também usados para fazer o mal, que onde é feito feitiçarias com intuito de fazer o outro adoecer, estragar a pele, separar, causar algum tipo de mal levando até a morte.

Entre os Hupd'äh existem dois tipos de pajé, os *bididu* que curam através de reza usando o tabaco e *chicantá* fazendo defumações, e os homens-onça que são os *nyaam hupdu*, que curam sugando a doença que está no corpo que sai em formato de espinha de peixe, pedra etc., ambos muito procurados, pois seus conhecimentos são de suma importância entre os Hupd'äh.

Segundo os dados do trabalho de campo desenvolvido entre os Hupd'äh, pude perceber que o pajé é um líder espiritual muito importante na aldeia para o processo de saúde, doença e suicídio, pois ele cura, conhece plantas medicinais e cuida dos indígenas de sua aldeia, protegendo através de rituais, entrando em contato com o espiritual e físico dos Hupd'äh, protegendo dos espíritos da mata, da água e de humanos. Porque ele faz a mediação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, o mundo espiritual existe, por isso, a importância de fazer os rituais de proteção na aldeia para evitar e impedir ataques de espíritos do mal e doenças.

4.1 Conceitos de saúde entre os Hupd'äh

O perfil da saúde e doença dos Hupd'äh tem como base a concepção de mundo e humanidade que estes possuem sobre a própria presença neste plano terrestre. O antropólogo Renato Athias (2000) diz que o corpo dos Hupd'äh e de todos os humanos está em oposição a todos os seres vivos que poderiam ser considerados como espíritos.

Para os Hupd'äh a alma significa *Hawang*, que segundo eles, é uma energia principal no corpo, como se fosse um ponto, são todos de acordo em afirmar que esse ponto fica na altura do coração, no lado esquerdo do peito, pois quando nascem, recebem o nome relativo a seu clã e depois que começam a se fortalecer com o crescimento do *Hawang* que é ainda pequeno e vai crescendo ao mesmo tempo em que o corpo físico cresce. (Bruno Marques, 2009):

Segundo o antropólogo Bruno Marques (2009):

“Os povos da família Maku, por sua vez, creem que todos os humanos têm uma alma (*hãwäg*) que se manifesta fisicamente no coração, o qual é designado pelo mesmo termo. De acordo com os Hupd'äh, a *hãwäg* foi criada por um ser mítico ligado ao herói *K'èg-Teh* e, com a morte da pessoa, dirige-se para a zona superior do cosmos a fim de juntar-se às almas dos outros mortos, ancestrais e heróis míticos” (Marques, 2009, p. 95-96).

O povo Hupd'äh considera um dos momentos mais importantes na aldeia o ritual que fazem para nomear as crianças, sendo considerado o momento de declarar a alma do corpo dos indígenas do povo Hupd'äh. O Hupd'äh que partiu desse plano retorna ao corpo do Hupd'äh que nasceu, fazendo uma troca e tendo um nome próprio no ritual, tendo elevação ao conhecimento de seu clã, tendo direito de receber vários

tipos de sopro essenciais para o corpo ter a vida que é o folego, o sopro da vida e o sopro do ancestral.

O *bi'id*²⁰ vai ser importante por toda a vida desse Hupd'äh, com objetivo de proteger e fortalecer a alma, tendo como base um crescimento físico e espiritual adequado, sendo que a pessoa que morre bem, seria aquela que morreu de velhice, por isso, o ritual no nascimento é de suma importância na vida do Hupd'äh.

Segundo o antropólogo Bruno Marques (2009):

*“B'atib”, a sombra, é o componente da pessoa que apresenta características eminentemente opostas às da alma, ligando-se às doenças e aos infortúnios, bem como à feitiçaria em geral. Está presente e ativo desde o nascimento até a morte, sediado no antebraço esquerdo (alguns Hupd'äh dizem que em ambos os antebraços), e personificando-se em toda sorte de excreções humanas, como suor, sangue, urina e fezes. Tal componente tem uma forte conexão com os *b'atib'd'äh*, os espíritos da floresta em geral, alguns dos quais são mestres de espécies de animais, habitando a zona inferior do cosmos; seres esses de hábitos noturnos particularmente daninhos aos seres humanos”* (Marques, 2009, p. 95-96).

Os Hupd'äh acreditam que antes de algo acontecer nesse mundo terrestre, já aconteceu em outros mundos, por isso, para tudo que acontece nesse mundo, precisa ter uma resposta. As doenças aparecem de diversas formas que podem – se dizer que a mais grave é aquela que é difícil de saber o diagnóstico para tratamento, o que leva a morte, pois são causadas por feitiçarias enviadas por um pajé que acontece quando outro pajé faz um feitiço provocando doenças que levam até a morte, outro tipo de doenças são causadas por seres encantados que são os espíritos da floresta, da água e do ar, cuja cura eficaz se dá através do *bi'in*, além delas existe a que é causada por envenenamento por outra pessoa ou feito por ela mesmo que é o caso do suicídio, que podem ser curadas, caso seja tratada a tempo.

Os rituais de benzimento chamada pelos Hupd'äh de *bi'in* é realizado pelo pajé em que cita palavras que as demais pessoas que estiverem por perto não conseguem ouvir, pois falam muito baixo, essa palavra que é um sopro é conhecida entre os Hupd'äh por *bi'in*, pois ficam sussurrando palavras em uma cuia ou tabaco bem próximo da boca para esse sopro entrar e fixar neles, pois ali que está o principal. O doente vai ingerir o que está na cuia ou receber a fumaça no corpo. Se o doente estiver presencialmente para o pajé, o próprio pajé irá se preparar antes, às vezes, toma *Caarpi* e sempre está com o tabaco (*hunt*) e com a coca (*puhunc*).

²⁰ *bi'in*

O *hawang* é atingido quando usam a coca (*puhunc*), o tabaco (*hunt*) ou o *Caarpi*, eles usam as plantas para sonhar e assim saber o que o doente tem, porque no sonho vai mostrar, o pajé vai ter a resposta que precisa, pois ele consegue perceber o *hawang*. Alguns Hupd'äh dizem que quando comem o *ipadu* também conseguem ver o *hawang* de outro Hupd'äh, mais diagnóstico de doença somente o pajé consegue saber, pois é mais avançado designado apenas para o poderoso pajé.

Os benzedores da aldeia Santa Rosa na qual estive realizando o campo durante o ano de 2023, comem o *Ipadu* em uma roda de conversa no período da noite e falam sobre os tipos de *bi'in* que existem para seus filhos ou quem está ali para aprender sobre o *bi'in*, pois é nesse momento que são passados os conhecimentos tradicionais. O *Ipadu* também é consumido para falar sobre o suicídio, pois é necessário proteção para falar sobre esse assunto que envolve espíritos. Abaixo imagem da pesquisadora comendo *Ipadu* junto com o tabaco na presença de benzedores Hupd'äh da aldeia Santa Rosa.



Foto 20: Eu e os pajé Hupd'äh comendo *Ipadu* com uso de tabaco.
Fonte: arquivo pessoal, 2020.

O *ipadu* é consumido juntamente com o tabaco, onde ele é colocado em um pedaço de papel de folha de caderno e fumado ao consumir o *Ipadu*. O tabaco é usado em diversos momentos, no *bi'in* através do fumo o benzedor purifica o local, limpa energias negativas, faz conexão com o mundo espiritual. A fumaça do tabaco serve para afastar espíritos que estejam por perto e auxilia no contato com os espíritos.

Segundo o antropólogo Miguel Aparício (2015):

“Podemos afirmar, nesse sentido, que o tabaco opera como um “antiveneno”. Se a ingestão de timbó deriva de um estado de raiva (*zawa*), a inalação de tabaco produz um estado de apaziguamento, que anula a tentativa de morte que o timbó contém. O tabaco é inalado, à diferença do veneno, que é “comido” – como manifesta a expressão *suruwaha* para o ato de ingerir timbó: *kunaha hawari*. No relato da morte de Dawari, o narrador Uhuzai aponta para uma lógica de devoração dos venenos que está presente em diversas narrativas: “Dawari pegou timbó, pegou tingui, pegou tabaco. Bateu primeiro o timbó, fez uma espécie de bola, colocou-a na água e a espremeu. Dawari amassou as raízes de timbó, a folhas de tingui e as folhas de tabaco” (Miguel Aparício, 2015, p.319).

Outro meio de comunicação com espíritos além do *Ipadu* e o tabaco, é o *Caapi*, que segundo o antropólogo Robin Wright (1996):

O *caapi* (*ayahuasca*) é, igualmente, um veículo de comunicação com aquelas pessoas que morreram antes, especialmente parentes próximos como o pai, a mãe e os irmãos. Quando *Uetsu* tomava essa bebida e conversava com os mortos, eles mandavam recados ou lembranças para as pessoas vivas (Id., 2004:384). Na década de 1970, um poderoso pajé avisou que, quando morresse, a sua alma sairia do corpo, mas ainda assim estaria com aqueles que aqui permanecessem. Os índios explicavam isso dizendo que o corpo tinha sido enterrado, mas o pensamento dele continuava vivo: “Sua 'alma' fez a viagem normal dos mortos, mas depois 'voltou e entrou de novo para o corpo dele, para que ele podia explicar para gente”. Em função disso, as pessoas deixavam pagamentos sobre seu túmulo e pediam sua proteção contra doenças e maus presságios (Wright, 1996, apud Coutinho, 2011, p.34).

O meio de proteção de encontro com espíritos em sonhos que são vistos como perigoso é feito através de sopro da fumaça do tabaco na pessoa que sonhou. Para isso tudo existe uma preparação, então logo pela manhã do dia, os homens Hupd'äh vão até a mata virgem colher as folhas de coca e ambauba para preparar o *ipadu*. O *ipadu* é feito com folha de coca e ambauba, onde a folha da coca (*puhunc*), é secada na panela de barro ou no forno por uns 40 a 50 min em média, após, é colocada essa folha no forno de torrar farinha e torrada como se fosse farinha, depois, retirar a folha torrada do forno e soca em um pilão até virar pó. Depois, queima a folha de ambauba

e é necessário esperar uns 30 a 40 min até ficar bem frio e é misturado o pó da folha de coca e da folha de ambauba, e bate no pilão a folha de ambas.

4.2 A pajelança e os espíritos



Foto 21: eu e pajé Basílio e Virgulino - Hupd'äh comendo *Ipadu* com uso de tabaco.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2020.

O mundo terrestre *txaa* é aquele em que os indígenas e não indígenas vivem incluindo seus corpos, que fica localizado em duas extremidades de um plano, sendo do lado leste (*mená*), onde fica o *weró ip mõi*, a casa do pai do Sol e pai da Lua e no lado oeste (*porá*), está o *txa'tuí*, onde todos os rios nascem e está o frio. Os demais mundos estão localizados embaixo da terra e das águas, *txak'mõi* e o *penddeh* que é o mundo dos umari e dos espíritos. O outro mundo está no céu (*Kagn'té mõi*, *weromeh mõi*, *txuk'mõi*), que é o mundo de *Kagn'té* em que está as estrelas e os pássaros, esses mundos são habitados por espíritos na forma de animais, frutas e energias. Já o mundo na terra este é fixo e amarrado por um cipó ou cordão (*tut*), uma energia que vem da coca (*puhunc*) (Henry Ramirez, 2006).

Para os Hupd'äh a alma fica ao contrário da sombra (*b'atib'*), a parte do Hupd'äh que se corpora as doenças e desgraças, assim como a feitiçaria em um contexto geral.

Essa sombra fica no antebraço esquerdo se materializando em secreções como suor, sangue, urina e fezes e vem acompanhando do nascimento até a morte (Marques, 2009).

Quando o Hupd'äh morre, o espírito se solta do corpo e esse espírito do morto (*b'atib' ním*), continua nesse plano por um certo período e depois de um tempo ele vai para outro mundo, porém ele pode retornar e aparecer novamente para as pessoas nesse mundo terrestre. Os espíritos de Hupd'äh falecidos (*ním*) estão conectados geralmente com o mal e atraídos por forças negativas, sempre conectados com os espíritos que moram na floresta (*b'atib'd'äh*) de tradições noturnas.

Segundo o trabalho de campo, as aldeias do igarapé Japu não é um local vazio, mas está cheio de espíritos bons e ruins, pois é necessário respeitar os locais sagrados assim como a água, aos animais, as pedras e a mata, pois eles estão ligados aos seres invisíveis que quando se sentem atacados podem levar doenças e tragédias que levam a morte.

Segundo a antropóloga Monica Soares Pechincha (2018):

“Todavia, é preciso considerar a racionalização indígena de um malefício espiritual como muito mais do que uma justificativa para o ininteligível após o acontecimento. Pois, na medida em que ações xamânicas curativas e práticas para o amadurecimento da pessoa podem estar comprometidas, a sua contraparte, a ação espiritual maléfica, persiste como argumento” (Pechincha, 2018, p.239).

Os Hupd'äh do igarapé Japu perderam os poderosos pajés e objetos sagrados, por isso, a maioria das aldeias do Igarapé Japu estão desprotegidos dos ataques das doenças e espíritos que andam nas aldeias. Atualmente, os Hupd'äh procuram pajés mais fortes em outros povos para curar-lhes das doenças do contágio com o homem branco, doenças de feitiçaria e suicídio. Os Hupd'äh dizem que durante a noite vários espíritos andam pela aldeia atrás dos jovens.

O suicídio Hupd'äh do Igarapé Japu tem relação com ataques espirituais, pois a sequência de suicídios se dá a interpretação de um resultado de uma perseguição espiritual. Pois me faz lembrar do surto de suicídio que teve com os alunos da Escola Irmã Inês Penha em que falaram que um benzedor do povo tuyuca teria benzido a escola e com isso havia uma diminuição dos suicídios, pois a explicação foi que havia uma grande presença de espíritos do mal.

Os jovens Hupd'äh da aldeia Santa Rosa contam que o suicídio é atribuído ao espírito do que morreu que fica chamando os amigos e familiares para também se suicidarem, grande parte relata terem a influência de parentes quererem levar juntos para o suicídio junto com os espíritos do mal em forma de um homem preto.

É necessário que essas pessoas que tenham contato com esses espíritos procurem pajé e benzedor para se proteger, pois é importante essa aproximação com pajé e benzedores, para serem benzidos e a casa precisa ser defumada com “*chicanta*” onde teve o suicídio por enforcamento. Em alguns casos, até padre católico se faz necessário para fazer a oração para esse espírito que acabou de partir, pois muitos dizem que quando a pessoa se suicida, ainda não é a hora da pessoa morrer e a alma fica vagando nesse plano terreno. Pois muitas famílias relatam que após o suicídio, na casa, ouvem barulhos e a família fica com medo.

A pajelança é importante, pois entre os indígenas, antes de acontecer alguma coisa ruim, é apresentado algum sinal, como vê um animal morto, vê um bicho que é raro aparecer, pássaros que cantam como o pássaro rolinho, uns dizem que quando o pássaro entra dentro de casa, vê uma cobra morta, assim como os sonhos que avisam antes do acontecimento e ainda tem os objetos que somem sem nenhuma explicação, tudo isso é agoiro, logo para evitar tragédias é necessário o *bi'in*.

Se transformar em espíritos da floresta é, na verdade, o destino para alguns espíritos de mortos: “Quando as pessoas não servem bem ao povo, se matam, enganam, atraíçoam, se fazem feitiços contra humanidades, provocam doenças, estes tipos de gentes humanos também tornam-se Duendes, espíritos maus” (Gentil, 2000, p.2016).

Para os Hupd'äh da aldeia Santa Cruz do Cabari, a tristeza é um sinal de fraqueza e facilita a proximidade de espíritos ruins, pois esse enfraquecimento influencia o pensamento de jovens e acaba convencendo-os a cometer o suicídio. Pois traz como consequência, comportamentos que antes eles não tinham, como desrespeito e desinteresse pelos conselhos dos mais velhos, não respeita os resguardos, não participa dos trabalhos cotidianos da comunidade, infidelidades nas relações seja com namorados ou conjugues.

Os espíritos se aproveitam das fragilidades dos jovens, e através de sonhos e vozes em seus pensamentos tenta induzir a cometerem o suicídio. Grande maioria dos entrevistados que tentaram o suicídio, relataram que tiveram uma experiência de uma força sobrenatural, como se não soubesse o que estava fazendo, como se uma

força externa fosse maior que a deles, acabando voltando a realidade quando eram resgatados e sobrevividos, o que se faz necessário uma intervenção de pajelança.

Acredito que tenha uma dimensão espiritual envolvida com o suicídio, pois acreditam que os espíritos dos que se suicidaram ficam na terra e não sobem para o céu, pois acreditam que ainda não seja a hora deles, pois tiraram sua vida antes do tempo e procuram os mais próximos deles que tiveram muito contato com eles em vida, por isso, é comum ouvir relatos de sobreviventes que dizem que ouviram vozes de amigos ou que sonharam com parentes ou amigos próximos chamando eles para irem com eles, tentando induzir um próximo suicídio, e se não tiver *bi'in* para afastar esses espíritos do vivo, acaba acontecendo o que não se consegue impedir sem *bi'in*, pois são batalhas espirituais que são mais forte que eles.

4.3 Prevenção

Durante o trabalho de campo realizado na aldeia Santa Cruz do Cabari em 2023, pude perceber que os benzedores estão fazendo *bi'in* para proteger os Hupd'äh dos espíritos que influenciam ao suicídio. As intervenções dos pajés no suicídio são de suma importância, pois os Hupd'äh mais velhos dizem que há presença de espíritos nas aldeias que influenciam os jovens a cometer o suicídio, pois ainda não encontraram seu caminho e com o *bi'in* há como afastar esses espíritos dos vivos.

Lembro que em uma entrada em campo, os Hupd'äh solicitaram uma reunião no centro comunitário da aldeia Santa Cruz do Cabari e falaram sobre a importância de agir para diminuir os casos de suicídio naquela região, escutei-os e perguntei o que achavam que poderia minimizar na visão deles e falaram que queriam um pajé forte e poderoso para espantar os espíritos que por ali andam, e é claro, para minimizar o suicídio nesses territórios. Falaram que para eles é muito difícil falar sobre o assunto e gostariam muito que os jovens parassem de pegar corda. Esse ritual de *bi'in* é necessário ser realizado por um período de 3 em 3 meses, onde no centro comunitário, os moradores das aldeias devem se reunir em forma de ajuri e os benzedores fazem ritual usando breu, *chicantá* e tabaco e fazem defumação na aldeia toda com breu benzido com intuito de protege-los das doenças e espantar os espíritos ruins.

É de suma importância envolver líderes comunitários, pajé, benzedores e outros membros respeitados da comunidade para reproduzir e pensar em estratégias

de prevenção que respeitem e fortaleçam sua identidade cultural. Isso pode incluir o fortalecimento das práticas tradicionais, o apoio à educação e o acesso adequado a serviços de saúde que atendam às necessidades específicas dos Hupd'äh. Abaixo a imagem do cacique da aldeia Santa Cruz do Cabari e eu em uma reunião.



Foto 22: eu, lideranças e Hupd'äh em uma reunião.
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, 2020.

Os Hupd'äh de diversas faixas etárias incluindo homens, mulheres, jovens, adolescentes e crianças se reuniram no centro social da aldeia Santa Cruz do Cabari, com presença de lideranças e aldeados.

Segundo a Agente Indígena de Saúde Tereza Cruz Ramos, da aldeia Vila Fátima, após o *bi'in* o suicídio amenizou nessa aldeia, pois um jovem Hupd'äh que morava nessa aldeia resolveu visitar os parentes no *papuri* e depois souberam que ele havia se suicidado por lá. Percebe-se que a proteção é no território, como se fizesse uma barreira na aldeia toda, se for individual é feito específico com *bi'in* de defumação nele.

É fundamental adotar formas de prevenção ao suicídio e para começar, é necessário identificar comportamentos que denotem suspeitas e gatilhos. Suspeita é quando ele muda de comportamento e apresentou os sinais, tais como sonhar com alguém que faleceu, começou a ouvir vozes e vê espíritos, os gatilhos seriam um momento de raiva principalmente em dias de caxiri.

A grande maioria dos casos de suicídio acontece em dias de caxiri, pois o caxiri faz com que o indígena crie mais coragem de fazer o que não tinha coragem de fazer quando está sóbrio. Dessa forma é fundamental ter constantemente uma família presente e acolhedora, amigos por perto e especialmente a pajelança como forma de prevenção e proteção.

Os familiares do Hupd'äh que tentou ou concluiu o suicídio, também adotam a forma de prevenção em que acreditam que quando ocorre um suicídio por enforcamento em uma árvore, é necessário derrubar a árvore ou pelo menos cortar o galho onde ocorreu o ato, se foi dentro da casa é bom derrubar a casa e construir outra, afim de evitar futuros episódios de suicídio no local, pois se não fizer isso pode atrair mais vítimas.

Na região de São Gabriel da Cachoeira anos atrás, as crianças não podiam ver corpo de pessoas mortas, era proibido pelos mais velhos, então, não se via crianças em velórios e muito menos em enterros. Nos dias atuais, percebe-se a presença de crianças em velórios ou próximo de corpos sem vida. Minha avó falava que os espíritos do morto estavam em seus velórios e não sabia que tipo de espírito estaria lá e as pessoas estariam vulneráveis a eles, por esse motivo era proibido crianças, principalmente as que não eram batizadas.

Segundo o psicólogo e antropólogo Tomas da Cunha Tancredi (2023):

“Os casos subsequentes teriam sido ocasionados pela exposição dos corpos mortos ao olhar das pessoas, algo profundamente perturbador e perigoso para os Ye'kwana. “Em outros tempos ninguém olhava os corpos dos mortos, apenas os mais velhos”. Desde então as crianças começaram a olhar os corpos e, dessa forma, teriam sido contagiadas” (Tancredi, 2023, pg. 56 -57).

É necessário a proteção das aldeias contra os espíritos que andam na noite, e que são os donos da floresta. A prevenção de fato é feita através da pajelança, pois os espíritos são invisíveis aos nossos olhos, então, com o *bi'in* e possível espantar os espíritos do local.

Isso lembra o que Tancredi (2023) conta, quando estava no seu último dia na aldeia, e uma liderança Ye'kwana foi até o polo base atrás dele para falar sobre os casos de suicídio que estavam ocorrendo nas aldeias e, pediu ajuda. O relato foi que mais um suicídio de jovem havia ocorrido e que não quiseram falar antes para ele, mas que era esse o motivo de estarem há alguns dias em ritual e resguardo, por isso, não teriam recebido ele logo no primeiro dia, por estarem ocupados nesse ritual. Relataram ainda que conversavam com Davi Kopenawa sobre a necessidade e importância de uma intervenção de muitos pajés nessa região, pois a ausência de pajé é preocupante para eles há muito tempo e que por isso, haviam solicitado psicólogos para ficar na região sem troca, ficando fixo no polo.

Pelos motivos de ausência de pajé, acabam achando necessário psicólogos para atuarem na questão do suicídio. Isso inclui nas aldeias Hupd'äh, mas para o psicólogo ter a confiança dos Hupd'äh, são necessárias várias entradas no mesmo local. Só assim, o indígena vai criar afinidade e confiança no profissional de saúde que entrar, não somente no psicólogo, e sim também os médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, assistente social, antropólogo etc, que atuam na área Hupd'äh. Porque entre os Hupd'äh é difícil se abrirem para diálogo no primeiro momento, é necessário conhecer, adquirir confiança para poder desabafar e contar o que está acontecendo com ele. Isso me lembra um fato ocorrido na aldeia Santo Antônio no igarapé Japu, quando após várias conversas com lideranças, chegamos ao assunto sobre o caso de um jovem Hupd'äh que havia tentado o suicídio, mas eles não sabiam o motivo, apenas salvaram o rapaz e não falaram mais no assunto, apenas me mostraram o rapaz. Direcionei-me discretamente próximo dele e fiquei falando sobre assuntos aleatórios, para que ele não desconfiasse que eu queria falar sobre o ocorrido. Em uma preparação de tabaco a conversa foi fluindo, ele ficou mais à vontade e acabamos falando do assunto do suicídio, o relato dele foi que estava se sentindo muito triste nos últimos dias, tudo começou quando ele sonhou com seu melhor amigo que havia falecido por suicídio, desde que sonhou, o falecido não sai de sua mente e que sentia muita vontade de ir encontrar com o amigo, pois estava sentindo saudades dele. No meio da conversa, ele disse que também sabia que os espíritos de quem se mata vira “bicho”, e que ninguém de sua família sabia que ele havia tentado o suicídio, apenas a liderança que o salvou do suicídio sabia.

Logo retornei para o centro comunitário da aldeia Santa Rosa, onde estavam os demais colegas que faziam parte da Equipe Multidisciplinar de Saúde Indígena -

EMSI e relatei a situação para a psicóloga que estava presente na equipe. No dia seguinte, a equipe se deslocou até a casa do jovem, quando vi que a psicóloga reuniu a família do jovem em um formato de círculo na área externa da casa e fez a pergunta: “por que tu queria se matar?”. Nesse momento fiquei sem reação, quando vi o rapaz virando o rosto na minha direção, como se eu tivesse quebrado a confiança dele, mas não era a minha intenção, pensei que a abordagem dela seria como a minha, individual, até a família ficou surpresa e ficou um clima tenso, achei totalmente errado esse tipo de abordagem.

Em relação a psicólogos Tancredi (2023) fala que:

“Ficava muito intrigado com esta demanda por psicólogos, que, na minha perspectiva, não teriam uma contribuição específica para trazer, tampouco me parecia que se tratava da projeção de um “suposto saber”. Talvez se tratasse apenas da constatação de que o idioma da saúde mental e a presença de profissionais faziam o problema ser visto como um fato político para além da comunidade” (Tancredi, 2023, p. 41).

Grande maioria dos psicólogos estão acostumados a atuar em clínicas e o tratamento e abordagem tem suas diferenças, é preciso na aldeia conseguir um local reservado que pode ser embaixo de árvore, igarapé, um local em que o Hupd'äh esteja bem à vontade e relaxado para falar sobre o assunto. Além de entender a cultura de cada povo.

A cultura Hupd'äh possui muitas práticas e crenças tradicionais que adaptam a vida diária e as esperanças dos Hupd'äh. Questões de mudanças no estilo de vida tradicional e o impacto do contato com os não indígenas podem contribuir para vários comportamentos, o estresse e sofrimento. O contato com a sociedade não indígena trouxe mudanças significativas para os Hupd'äh, incluindo mudanças nos sistemas de crenças, utilização de materiais que não eram do cotidiano e desafios na manutenção da conexão entre social e cultural.

Pois se percebe que os Hupd'äh gostariam de ter coisas que são do não indígena, como pilha, sabão, roupas, calçados entre outros, o desejo de ter coisas que não estão na condição financeira dos pais, pois o recurso financeiro que possuem é o bolsa família, como já mencionado anteriormente vivem da caça e pesca.

Como relatei anterior, um caso de tentativas de suicídio entre duas irmãs, e quando conversei com elas, contaram-me que estavam estudando em uma escola no Distrito de *Yauarete* e não tinham cadernos e nem vestimentas para irem à escola,

então os demais alunos de outros povos zombavam delas por não terem tais objetos, e tentaram se matar por não aguentar isso.

A partir do momento que tem o contato, não podemos retroceder e sim pensar em uma maneira em como enfrentar tais situações sociais. O adquirir de novos hábitos observados em ida à cidade, o desejo de ter e não poder, a frustração de jovens, não só Hupd'äh, mas em vários outros povos, os Hupd'äh mais velhos da aldeia dizem que os jovens de hoje são mais tristes e desanimados dos que os de antigamente, por isso, relatam que é necessário a intervenção xamânica, a proteção, dizem que os que foram bem benzidos são mais alegres e fortes.

Pois muitos Hupd'äh descem em época de final de ano para a cidade e ficam no Parauari, fica dentro da área do município de São Gabriel da Cachoeira localizadas as margens do Rio Negro que possui em média 24 acampamentos, para chegar ao local os meios de locomoção podem ser por estrada ou por rio. Todos os meses, há um aglomerado de Hupd'äh fazendo acampamento no local, porém, esse acampamento traz diversos problemas sociais como: vulnerabilidade social, doenças, malária, homicídio, desnutrição, alcoolismo, afogamento e suicídio.

Tudo começa quando os Hupd'äh deixam suas aldeias e vão para o município em busca de atendimento em CRAS, saque do auxílio brasil, bolsa família entre outros benefícios sociais. Assim, como tirar documentos pessoais e participar de processos seletivos da prefeitura. Alguns descem todo mês e outras famílias descem de 3 em 3 meses e recebem uma quantia maior devido ao valor acumulado. Devido ao fácil acesso a bebidas alcoólicas muitos bebem e acaba acontecendo casos de afogamentos, onde ele some na água e depois encontram o corpo na água sem vida, muitos questionam se foi suicídio ou escorregou e acabou caindo na água.

Segundo Maximiliano (2016):

“analogamente, as narrativas trazem a ideia de que os suicídios ocorreram no momento de explicitação de conflitos prévios mediados pelo consumo do álcool. dessa forma, tomar o álcool como variável explicativa isolada desconsidera a complexa relação que há entre o uso dessa substância e os conflitos prévios que, como visto, se assentam profundamente em dimensões relacionais complexas” (maximiliano, 2016, p. 155).

Em frente ao Parauari, há cachoeiras que se ficar próximo dela, a pessoa corre o risco de ser puxado para o meio do rio, fazendo com que o indígena se afogue. Pois nessa área além de cachoeiras, também tem muitas pedras, o que também facilita o

afogamento devido à queda na água que na maioria das vezes, a pessoa bate a cabeça nessas pedras causando inicialmente um desmaio e depois afogamento em alguns casos. A região do igarapé Japu onde os Hupd'äh habitam, é água parada de igarapé, tendo menor risco de morte por afogamento, diferente de estar no Parauari.

O alcoolismo nessa área aumenta bastante, pois alguns fazem uso indevido do recurso e acabam comprando bebidas alcoólicas e aí acaba acontecendo brigas, afogamentos e suicídio.

Esses acontecimentos acabam mobilizando os órgãos como o Dsei, prefeitura, Funai e Foirn para realizarem ações sociais voltados a saúde bucal, imunização, IST, presença de médicos, nutricionistas para verificar a desnutrição. Pois o Dsei dá suporte, pois segundo o Enfermeiro Sediel Ambrósio, é difícil controlar essa alcoolização e que o trabalho do Dsei é garantir saúde e assistência de qualidade, pois o alcoolismo também é um problema social, todo final de semana, tem equipe para atender nessa área, assim diz o Apoiador em Gestão do Dsei ARN, o enfermeiro indígena Sediel Ambrósio:

“Quando a gente tem uma ocorrência que tá tendo muita briga, a gente tem as visitas programadas, temos um plano de ação tem esse plano dentro do DSEI para povos de recente contato. Esse plano contempla uma escala de atendimento na área do Parauari, é uma escala de atendimento contínuo, esse atendimento é realizado por um planejamento com uma EMSI, que além de profissionais, a equipe técnica da DIASI também participa dessa programação, dessas visitas pra fazer supervisão e monitoramento do trabalho da equipe e avaliar o território. Após ela mensalmente tem as reuniões da sala de situação de saúde que são apresentados os relatórios resultado em que participa da reunião a FUNAI, FOIRN, a prefeitura também é convidada a participar e a SESAI participa pela equipe da COPISO a reunião programada mensal e quinzenal” (Sediel Ambrósio, 05 de mar de 2025).

A questão da vulnerabilidade durante a estadia no Parauari dos Hupd'äh, só será diminuída de forma considerável, quando os pagamentos de benefício social Bolsa Família e demais forem efetuados por meio de um banco postal em aldeias maiores em cada calha de rio ou pelo menos nas sedes de distrito. Assim, diminuiria tráfego de Hupd'äh no município e também diminuiria a distância da aldeia ao local de receber o benefício social, indo para São Gabriel para resolver outras situações.

4.4 O Dsei e suas implementações como forma de prevenção

Em São Gabriel da Cachoeira a primeira oficina referente ao Povos Isolados e de Recente Contato – PIRC, foi realizada na maloca da FOIRN em 2024, as estratégias estão sendo melhoradas, pois agora o Dsei tem um plano de ação que é específico para os povos de recente contato, em que é estruturado como resposta rápida, envolvendo um cronograma que cobre a área do Parauari no período em que houver permanência de Hupd'äh no local e em áreas onde tiver necessidade. Incluindo vários projetos para tuberculose, plano da malária, imunização plano da Tungia com objetivo de atuar em locais que tem povos de recente contato e maior incidência, assim conta o enfermeiro indígena e Apoiador em Gestão do Dsei ARN, Sediël Ambrósio:

“Não está na nota técnica, mais por uma organização interna do distrito hoje tem um programa específico que é o programa novo que foi colocado desde o ano passado que é o PIRC, assim como tem a saúde bucal, saúde da criança, saúde da mulher, tuberculose, que já são programas em pratica implementados a muito tempo no serviço. Pirc é o programa de povos de recente contato que fica sob a responsabilidade do núcleo 4 com o apoio psicossocial, então nessa parte também tem a saúde mental e por conta da proximidade dela com os usuários que fazem uso de medicação psicotrópica” (Sediël Ambrósio, 05 de mar de 2025).

Corroborando com o entrevistado, a psicóloga possui contato direto com a psiquiatra do município e os médicos dessa área estão direto em contato com a mesma para informar qualquer alteração de demanda, as informações são passadas pra responsável de saúde mental e ela direciona as demandas para chefe da DIASI, é informado ao nível central que é a SESAI. Pois a nota técnica 17 diz que é atribuição do chefe da DIASI que ela precisa monitorar e avaliar todos os indicadores da área de recente contato, ela deve elaborar estratégia e fazer orientação técnica.

Os núcleos principais e a chefe da DIASI têm essa responsabilidade de fazer esse monitoramento nos povos de recente contato, especialmente a área Hupd'äh, pois assim é relatado em entrevista com o Apoiador em Gestão do Dsei ARN Sediël Ambrósio:

“Se aumentou os casos de suicídio ou teve uma situação de violência com algum Hupd'äh, imediatamente temos que seguir um fluxo, aconteceu a violência no território, a equipe informa a área técnica de saúde mental e ele informa a DIASI e ali em conjunto agente faz reunião. Se tiver envolvido outra área técnica a gente chama pra nos ter o mesmo entendimento sobre a situação. Agente já levanta todas as informações, pega o relatório técnico da equipe, pega as notificações necessárias quando tá relacionado a violência,

faz reunião lá, faz reunião com todo os registros necessários, agente entendi tudo da mesma forma, a gente faz o reposte das informações pra COPISO pra SESAI no nível central. Toda a equipe da DIASI já está com todo entendimento, a gente trabalha aquela situação buscando solução juntamente com eles. Agente tem trabalhado seguindo fluxos anteriores, mas também criando estratégias eficazes aqui. O distrito tem tomado esse protagonismo de forma que nós temos apresentado demandas importantes que tem envolvido outras instituições” (Sediel Ambrósio, 21 de abril de 2025).

A maior dificuldade do Dsei referente ao Hupd’äh, é que o igarapé Japu é uma área complexa de se trabalhar e a maior dificuldade é uma EMSI comprometida com o trabalho, então, o primeiro ponto que o Dsei tem priorizado atualmente para diminuir a incidência do suicídio na região do Japu é garantir a composição de uma EMSI completa, que entre nessa área comprometida com o serviço de fato.

Atualmente, há três psicólogos no DSEI Alto Rio Negro, que priorizam as áreas mais vulneráveis e com maior incidência que é a área do polo base Marabitana do Waupés que cobre o igarapé Japu. Então, nessa área possui um psicólogo fixo que fica por 30 dias nesse local, tira folga e depois retorna novamente para o mesmo território, com objetivo de garantir vínculo com os Hupd’äh e que assim possa ser feito um monitoramento adequado para fazer uma leitura do perfil epidemiológico do suicídio nessa região com mais propriedade, para que possam ter mais argumentos e mais fatos para o olhar técnico e dessa forma propor sugestão coerente a realidade e as necessidades do território.

A área do Japu contempla dois médicos, sendo reversado, um médico entra no mês x e outro médico no mês seguinte. Garantindo que esse território tenha assistência de qualidade, isso só foi possível com o aumento de mais médicos no DSEI. Antes, isso não era possível, as incidências que tinham de 2020 para cá, havia muita fragilidade em continuidade do cuidado, avaliação e uma assistência de qualidade naquela região.

Outro avanço no município de São Gabriel da Cachoeira, foi a inclusão de um médico psiquiatra que é contratado pela prefeitura e presta assistência à saúde indígena. O Dsei Alto Rio Negro possui uma programação para entrada dele em territórios de maior incidência de suicídio por calha de rio, dentro do território indígena da abrangência do Dsei ARN que ele entra, ele avalia a dosagem de medicação, evolução do quadro clínico com base no relato médico desse território. Sendo assim, a visita dele é de forma estratégica de 3 em 3 meses, por exemplo, ele viaja para Yauarete, então, o enfermeiro junta os prontuários ou os pacientes que são prioridade,

pacientes em uso de medicação psicotrópica, para que o psiquiatra avalie se é necessário mudar a dosagem.

Outra atividade relacionada ao suicídio são atividades voltadas ao bem viver, pois tem se falado mais de viver do que de suicídio, dessa maneira em entrevista com o Apoiador em Gestão do Dsei ARN, o enfermeiro Sediél Ambrósio diz que:

“Porque na saúde indígena considerando que qualquer tema delicado, a gente não pode falar ele abertamente, então a orientação é que não seja falado sobre o suicídio no mês de setembro nos territórios indígenas, mas que seja fortalecidas as atividades relacionadas ao bem viver, fazer promoção da saúde, atividades esportivas na comunidade, isso é realizado no mês de setembro” (Sediél Ambrósio, 05 de mar. De 2025).

Essas atividades acontecem simultaneamente nos 25 polos base, assim como nos outros meses, o mês de setembro também, e orientado pela equipe técnica do núcleo 4 que essas ações do bem viver aconteça, então, a equipe tem liberdade de fazer uma palestra sobre o tema bem viver na comunidade com base no perfil epidemiológico que pode ser palestra, campeonato ou uma atividade esportiva.

Segundo ainda o enfermeiro Sediél, o Distrito Sanitário Especial Indígena Alto Rio Negro tem de instrumento técnico da SESAI, a cartilha do bem viver que foi lançado em 2018, e o DSEI ARN foi protagonista na época que a cartilha foi publicada, porque ela foi apresentada em São Gabriel da Cachoeira, onde a secretaria da SESAI foi para essa apresentação da cartilha junto com a equipe de saúde mental. Atualmente, essa cartilha ainda é usada pelos profissionais para fazer orientação para os profissionais que estão entrando para atuar na saúde indígena.

Referente ao suicídio, ela traz o manejo adequado, fluxograma, organograma, nos casos de família que tem tentativas de suicídio sugere que seja feito um genograma a partir dele e que seja monitorado, fortalecido a vigilância e monitoramento para toda a família. As famílias que têm casos de suicídio que já aconteceu, ela orienta que seja feito um projeto terapeuta singular que contempla todo cuidado integral na aldeia porque ele define a rede de cuidado que a equipe precisa ter junto com a aldeia e sensibiliza as famílias e a aldeia de modo geral, para que esse evento não aconteça em outras famílias, no caso de tentativas de suicídio, orienta que sejam visualizadas e a equipe esteja sempre alerta com eles.

Pois a rede de cuidado dentro do território é definida por eles, porque dentro da aldeia tem as lideranças, professores locais, cacique da aldeia etc., dependendo do

território, eles podem ter sua própria rede de cuidado que a equipe técnica do Dsei precisa conhecer. A Equipe Multidisciplinar de Saúde Indígena está ali para prestar assistência, orientação técnica, receber informação e agir antes que o suicídio aconteça.

O projeto terapêutico singular é com base na realidade da aldeia e da família em que o caso aconteça, isso está na cartilha, pois nenhuma forma 10/10 que vai servir para qualquer território, pois em São Gabriel cada território é diferente, a dinâmica de acontecimentos dos fatos é sempre diferente, embora uma aldeia esteja uma do lado da outra, polo base um do lado do outro, é necessário considerar essa diversidade e pluralidade étnica que tem na região.

4.5 Programa medicina indígena

A saúde indígena em um contexto geral está fortalecendo cada vez mais, pois o programa das medicinas indígenas está sendo implementado via ministério da saúde na política de atenção básica. O Alto Rio Negro está protagonizando essa inovação na saúde indígena, pois segundo a entrevista com o Apoiador Técnico Sediel Ambrósio, ano passado, o secretário da SESAI viajou para Genebra para participar de uma reunião da OMS, nesse evento, ele teve voz e na fala dele, sugeriu que fosse feito uma revisão e incluída como diretriz da OMS uma pauta especial sobre a saúde indígena, para que a saúde indígena fosse visualizada com todas as suas especificidade da região, essa solicitação foi acatada e foi incluída uma diretriz nova na OMS sobre saúde indígena. Com entusiasmo é relatado assim pelo Apoiador Técnico em Gestão do Dsei ARN, Sediel Ambrósio:

“A gente vai ter um programa que foi potencializado por grandes pesquisadores do rio negro, Joao Paulo, *Putira*, Higino Tenório que faleceu, mais deixou muita história, muito conhecimento dentre outros estudantes que são da área, então esse programa das medicinas indígenas antes ele era só um projeto, hoje é um programa que já tá bem estruturado e robusto e ele já está sendo implementado pelo ministério da saúde, acho que pro ano que vem agente deve ter ele incluído no programa de atenção básica, assim como tem imunização, tuberculose, saúde da mulher, saúde da criança, vai ter medicina indígena para todos. Com isso tudo foi fortalecido, mas principalmente todas as ações que acontecem no território e aqui no rio negro, agente é uma potência quando fala de benzimento de conhecedores tradicionais que a gente tem bastante, então a gente tá atualizando agora o mapa de parteiras e conhecedores tradicionais que vai do pajé, do *kumu*, do baia, atualizando ele pra gente ter pronto pra disponibilizar pra SESAI” (Sediel Ambrósio, 05 de mar. de 2025).

A saúde indígena precisa ser entendida como além da atenção primária da saúde. Porque se falamos atenção primária nos limitamos para aquilo que é básico e na realidade, na pratica eles não atuam dessa forma, sempre fazem secundaria, terciaria.

Então, fala-se sobre o subsistema da saúde indígena, a palavra sub dá a ideia de coisa pequena ou limitado, pois se tem um super sistema, que alcança muito além do que escrito na saúde indígena, e de que forma isso e visualizado? Na atuação dos profissionais, principalmente dos que entram em áreas dos Hupd'äh, pois o acesso é bem difícil pela logística, na atuação de urgência e emergência, dos suicídios que ocorrem nessas áreas isoladas do meio da floresta.

Logo, esse programa sempre aconteceu, mais que hoje está sendo oficializado pela SESAI, pois muita coisa tem partido do território do Rio Negro, fomos contemplados com a implementação de um programa importante com nomes de pesquisadores do Rio Negro, atualmente temos mais pesquisadores presentes nesses cenários como Joao Paulo Barreto que tem a história do centro de medicina em Manaus, Putira Sacuena na direção do Departamento de Atenção Primária à Saúde Indígena - DAPS em Brasília entre outros, pois é um trabalho coletivo de muitas pessoas do Rio Negro que participam dessas transformações no dia a dia, e que têm encaminhado demandas para que possam consolidar todos esses conhecimentos que hoje está trazendo esse programa que vai ser apresentado no COP 30, em Belém, pela SESAI.

Portanto, de todos os avanços da medicina indígena, esse sem dúvida nenhuma, vai ser o maior e é o motivo de muito orgulho para todos que atuam na saúde indígena ou que já passaram na saúde indígena, assim como os usuários da saúde indígena no geral.

Pois entre 2010-2012, havia um pajé que atendia no Hospital de Guarnição de São Gabriel da Cachoeira – HGU-SGC, que foi cedido pelo diretor da época que entendeu a necessidade de ter conhecedores indígenas dentro das enfermarias, pois São Gabriel da Cachoeira é o município mais indígena do Brasil, então grande parte dos pacientes é indígena. Então, quando os pacientes indígenas chegam no hospital, muitos não falam português e precisam de tradutor, sendo assim para os médicos que vêm de outras cidades sentem dificuldade no atendimento. Por esses motivos entre outros, o Diretor do Hospital de Guarnição - HGU da época deixou que o pajé participasse dos atendimentos e tivessem um local para estarem lá.

Passou os anos e a direção do Hospital mudou, o qual é dirigido por militares, pois esses militares são transferidos de cidade a cidade a cada 02 anos, que foi justamente o que aconteceu com o Hospital da Guarnição de São Gabriel da Cachoeira, então, esse novo Diretor militar não prosseguiu com a permanência do pajé dentro do hospital e deu a ordem da retirada desses atendimentos do conhecedor tradicional.

A saúde indígena tem recursos, a OMS disponibiliza recursos tanto para atenção básica, como para atenção especializada, secundária, terciária e existe um recurso na atenção especializada que se chama IAEPI, ele é um incentivo da atenção especializada para os povos indígenas, existe um recurso que é destinado ao município, mas ele é feito por adesão, então, o município que tem interesse de fazer a adesão do IAEPI, ele precisa justificar para onde é e como vai ser usado esse recurso, como conta o Apoiador em Gestão do Dsei ARN, Sediél Ambrósio:

“Acho que foi em 2020 que foi formalizado esse interesse desse recurso para o município de SGC e então foi autorizado, acho que era 60.000 mil esse valor do recursos, porém ele tem relatório pra justificar que ele está sendo usado, está sendo pago, mas ele é pago anualmente do MS, e a transferência dele é feita fundo a fundo para o município, então esse valor ele vai lá pra prefeitura e daí que é feito o uso dele” (Sediél Ambrósio, 21 de abril de 2025).

Então por isso foi contratado um pajé para que ele fizesse esse atendimento na medicina indígena, ele foi contratado com recurso da Atenção Especializada aos Povos Indígenas - IAEPI, ele foi orientado para que ele fizesse o trabalho dele tanto no CAPS, como na CASAI. Sendo assim, ele tem uma escala de atendimento que se divide em terça e quinta na CASAI, quarta e sexta no CAPS, ele possui uma sala e em sua porta está escrito “pajé-medicina indígena” e na frente de sua sala está a sala do médico psiquiatra, compondo essa equipe, também está a assistente social e a psicóloga que fazem atendimento no CAPS.

O objetivo da inclusão do pajé no CAPS foi para que ele atendesse as pessoas que buscasse atendimento por um pajé, o atendimento dele é diferenciado, em sua ficha tem opções de marcar reza, proteção, acidente ofídico, mulher grávida etc. Na CASAI, a sala do pajé foi bem organizada, ele atende quem o procura, nas consultas de pré-natal ele faz seu atendimento com a gestante que solicitar. O próximo avanço é a inclusão do pajé dentro do hospital, isso está em conversa, porque depende do

interesse do diretor nessa decisão, sendo assim, em entrevista com Apoiador em Gestão do Dsei ARN, o enfermeiro Sediél Ambrósio conta que:

“Mais o ministério público tem se manifestado no sentido de que o hospital que é militar aqui em SGC precisa estar mais adaptado para populações indígenas, eles pediram para que o distrito prepare uma qualificação para a equipe medica do hospital, para que a gente elaborasse, sugerindo uma sala adaptada e o que seria necessário que ao final dessa qualificação fosse elaborado um protocolo para parto, puerpério e a gestante indígena que fossem no hospital, elas seriam atendidas dentro desse protocolo diferenciado, respeitando etnias, diversidade, cultura. Já foi feito esse projeto, foi devolvido pro ministério público, só falta ele definir as datas que vai acontecer. Pediram pra que agente sugerisse os autores nessa qualificação agente colocou nomes de pesquisadores que vão participar” (Sediél Ambrósio, 21 de abril de 2025).

Portanto, a saúde indígena está avançando, com a inclusão de atendimento de pajé na CASAI, CAPS e futuramente no hospital, onde os profissionais de saúde e demais que atuam nessa área, terão para onde encaminhar os casos de suicídio e assim receberem *bi'in* contra o suicídio. Pois isso é necessário nos atendimentos da saúde indígena no alto Rio Negro, pois foram mais de 20 anos sem atualização, e foi atualizado agora em março de 2025, e o Rio Negro protagonizou esse momento no Norte.

5 CONCLUSÃO

Pesquisar sobre a temática do suicídio nesses últimos anos, foi desafiador em diversos aspectos na minha vida, tanto acadêmico, como pessoal, enfrentei diversas situações ao longo do doutorado e da pesquisa que não esperava, passei por uma pandemia que mudou toda uma rotina, a entrada em aldeia foi mais rígida, os meios de comunicação ficaram mais difíceis, perdi amigos, tio que era como se fosse um pai, familiares e após esse período, tive que lidar com assunto de morte e luto, para mim foi bem difícil e além do mais, tive que mudar de orientador.

Pois falar sobre morte nem sempre é um bom tema, tanto para quem perdeu alguém próximo, como para quem viu a morte de perto e para o pesquisador ouvir alguém falar que quer morrer, olhar o indígena assustado e com medo é sempre tenso.

Impossível não se sensibilizar com a família que fala dolorosamente sobre a perda de um filho de moda repentina, assim como aquele que sobreviveu que busca uma ajuda no *bi'in* para enfrentar os espíritos dali para frente, pois a maneira eficaz de proteção é fazendo o *bi'in* nas aldeias. Claro que a atuação dos demais profissionais é bem-vinda, mais o trabalho em conjunto juntando o conhecimento ocidental e o conhecimento tradicional terá uma maior eficácia.

Ao ser indígena do povo Baré tendo experiência com outro povo que no caso é os Hupd'äh, pude conhecer mais sobre a cultura, modo de pensar e agir, estratégias de sobrevivência, questões socais, reivindicação de direitos, bem estar e o respeito das diversidades culturais, pois a pesquisa me permitiu adquirir o conhecimento de seus mitos, histórias, costumes, línguas, compreensão da cultura, as praticas de cura e sua organização social. No alto rio negro existe no mês de setembro a disputa no Festibal entre o povo Baré e Tukano e achei muito legal da parte da coordenação da Baré trazer esse ano de 2025 a temática "Povo Hupd'äh, um povo esquecido no tempo", e levou ao tribrodromo um pouco da cultura dos Hupd'äh, mostrando que é gratificante falar sobre o povo Hupd'äh.

Espero que essa pesquisa possa colaborar com o acervo de informações referentes ao modo de compreender a vida e a morte entre este povo de recente contato do Alto Rio Negro, para que contribua para o entendimento do fenômeno do suicídio entre os Hupd'äh do igarapé Japu desde sua própria perspectiva, superando assim, as abordagens medicalizadas de anteriores intervenções sobre o tema.

A preservação da cultura dos Hupd'äh e o respeito por seus direitos territoriais são temas importantes na agenda indígena no Brasil, especialmente considerando o impacto das políticas de desenvolvimento e conservação tradicionalmente. O suicídio, tem características inerentes ao indivíduo, atributos do mundo social e atributos do mundo espiritual, que tornam as pessoas vulneráveis ao suicídio.

A partir de um entendimento mais profundo do suicídio Hupd'äh, espero que os profissionais que atuam diretamente com os Hupd'äh possam refletir melhor sobre as intervenções e estratégias usadas para amenizar o suicídio nas aldeias. A pesquisa, portanto, pode cooperar para o entendimento das experiências de sofrimento humano entre os Hupd'äh, que os levam a cometer a morte autoprovocada de uma complexidade psicossocial.

Percebi que os Hupd'äh do igarapé Japu, pelo fato de habitarem o centro da floresta, diferente dos demais povos que habitam as margens dos rios, faz com que tudo se torna mais difícil, tanto para eles se deslocarem, como para pedir ajuda para a equipe de saúde indígena – Dsei, que presta socorro, o resgate imediato, pois o suicídio faz com que o resgate seja rápido. A falta de comunicação também dificulta, pois é feito pelo rádio fonia, onde algumas aldeias não possuem e sendo necessário implementação de redes de internet nesses locais futuramente para facilitar a comunicação e socorro, principalmente em casos de morte por uso do timbó.

Os Hupd'äh do igarapé Japu apresentam sinais antes de cometerem o suicídio, falado no corpo do segundo capítulo que são os sonhos, as visões e as vozes que alguns chegam a escutar. Com isso, é preciso fazer com que essas pessoas que apresentam os sinais, possam contar para alguém próximo que pode ser um parente ou amigo, procurar um pajé ou benzedor para ele fazer o ritual de proteção, afastando esses espíritos ou pensamentos suicidas dessa pessoa. Pela análise dos casos, grande maioria que tentou ou cometeu o suicídio seguiu o mesmo passo a passo da apresentação dos sinais, mais passou despercebido em alguns casos, creio que se for comunicado ou procurado pajé de imediato terá como evitar mais casos de suicídio. O Dsei pode encaminhar para o psicólogo posterior ao *bi'in*, pois esses sinais quase não são percebidos com tanta importância por profissionais que atuam no suicídio, o que precisa ter um olhar diferenciado pela parte de quem atendeu esses casos.

A pajelança ainda é a maior forma de proteção, tanto de ataques espirituais, como de suicídio. Atualmente, precisa valorizar mais os pajés/benedores, não devemos deixar essa prática morrer com os benzedores atuais. Precisa incentivar os

jovens a continuar a acreditar nessas práticas, os benzedores precisam de sucessores, que são os jovens da atualidade. A saúde indígena leva a medicina ocidental as aldeias, porém o respeito e o incentivo a continuar com os conhecimentos tradicionais é de suma importância. Os profissionais de saúde jamais devem falar para eles que a eficácia está nas práticas ocidentais somente. Acredito que o trabalho em conjunto, juntando os *bi'in* e o atendimento psicológico, se for o caso, terá uma eficácia maior, pois o *bi'in* é capaz de espantar os espíritos que rondam as aldeias e não devemos jamais deixar essa prática da pajelança morrer, pois não consigo me vê daqui a alguns anos com a ausência de benzedores.

Por isso, a importância de que as políticas de prevenção do suicídio e os demais programas envolvendo saúde mental que envolva os Hupd'äh, é necessário que sejam elaborados juntamente com a presença das aldeias Hupd'äh, respeitando seus conhecimentos tradicionais e as formas de organização social para assim ter um resultado mais eficaz.

Porém, não se pode excluir a possibilidade de criar ocupações para os jovens Hupd'äh dentro das aldeias, pois as leis, portarias, palestras e todas as recomendações que envolvem a valorização da vida não terão tanta força se os profissionais da saúde que põem em prática a execução não tiverem sensibilização ou compreender o momento social que esse povo está enfrentando. Os jovens Hupd'äh estão desamparados, sem esperança para o futuro, onde nenhuma educação de qualidade dentro das aldeias eles tem.

Os profissionais que atuam na área Hupd'äh deve estabelecer vínculos, se importar com eles, no atendimento, escutar de forma atenciosa e sem julgar, para assim na hora de ouvirem algum conselho absorverem melhor. A conscientização sobre a gravidade do problema para a população e o desenvolvimento e avanço da melhoria de redes de ajuda dentro e fora da aldeia são etapas importantes para enfrentar o suicídio entre os Hupd'äh e garantir que todos os Hupd'äh da aldeia tenham o acolhimento imprescindível para encarar os desafios que encontram.

A pajelança é de suma importância desde o nascimento, passagem da infância a fase adulta, proteção contra ataques espirituais, contra doenças, os indígenas valorizam muito os *bi'in* para tudo, a forma de fazer a proteção na aldeia com a pajelança deve existir sempre, deve incentivar a continuar com os *bi'in* e não deixar essa cultura morrer, pois deve ser repassado para os jovens, eles serão os futuros pajés ou benzedores. A inclusão da medicina ocidental na aldeia não exclui a inclusão

dos *bi'in* e em nenhum momento os não indígenas devem falar algo que tire essa crença e sim incentivar a continuar a acreditar que o *bi'in* se faz presente na vida cotidiana de todos os povos do Alto Rio Negro.

Sendo assim, esta pesquisa irá contribuir para a percepção desde o campo antropológico das formas sociais pelas quais os Hupd'äh tratam, elaboram, pensam e agem sobre as mortes, suas perdas e dores diante da vulnerabilidade imposta a si mesma. Esta pesquisa pode contribuir grandemente para a elaboração de políticas públicas ligadas ao suicídio dos Hupd'äh e demais povos indígenas do Alto Rio Negro e com as informações necessárias para quem precisa conhecer mais esse povo.

Quando se perde o futuro e a vontade de viver, sentem vontade de morrer, portanto, o suicídio é o resultado de quem o perde. É de suma importância falar que todos os casos de suicídio, independente da forma e motivo, precisa de empatia. Não devemos fazer julgamentos, a escuta dele e da família deve ser de forma empática, pois deve se pôr no lugar do outro e conhecer a situação. Sempre com a ajuda de *bi'in*, creio que sem o *bi'in* todos estarão desprotegidos dos ataques espirituais, devemos lutar para o fortalecimento ainda mais da valorização do conhecimento tradicional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner. **Oficialização de línguas indígenas**. In Terra das Línguas. org. Manaus: PPGSCA-UFAM. Fundação FORD. 2007.

AMBRÓSIO, Sediél Andrade. **Depoimento (03/2025)**. Entrevistadora: Liliane Lizardo Salgado. Manaus: UFAM. Questionário eletrônico (08 questões). Entrevista concedida para a pesquisa sobre o suicídio entre os Hupd'äh do igarapé japu na região do Alto Rio Negro. 2025.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

ATHIAS, R. **Hierarquia e Fragmentação: Análise das Relações Inter étnicas no Rio Negro**. Etnologia Indígena, 2000.

ASSUMPÇÃO JUNIOR, F. B. **Suicídio na infância e na adolescência**. In: ANGERAMI, V. A. (Org.). Sobre o suicídio: psicoterapia diante da autodestruição. Belo Horizonte: Artesã, 2018.

ATHIAS, Renato. **"Hupdë-Maku e Tukano - Relation Inégales Entre Deus Sociétés Du Uaupés Amazonien, Brésil - Tese de Doutorado** Apresentada À Université de Paris X (Nanterre). 1995.

ATHIAS, Renato. **Hierarquia e Fragmentação: Análise das Relações Inter étnicas no Rio Negro**. Etnologia Indígena, 2000.

APARICIO, Miguel. **As metamorfoses dos humanos em presas do timbó**. Os Suruwaha e a morte por envenenamento. Revista de antropologia, v. 58, p. 314, 2015.

BARBOSA, Hélio Batista; Craveiro. **Na trilha da cidadania – iniciativas para a promoção dos direitos das comunidades indígenas**. São Paulo, 2004.

BRASIL. Ministério da saúde. **Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena**. 2019.

BRASIL. Ministério da saúde. **Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena**. 2023.

BRASIL. Ministério da saúde. **Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena**. 2025.

BRASIL. Ministério da saúde. **Ações do Ministério da Saúde**. 2025. <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/suicidio-prevencao/acoes-do-ministerio-da-saude>. Acesso em: 10/01/2025.

BRASIL, Nações Unidas. OMS: Quase 800 mil pessoas se suicidam por ano, 2025.

<https://brasil.un.org/pt-br/80964-oms-quase-800-mil-pessoas-se-suicidam-por-ano>. Acesso em: 02/01/2025.

CABALZAR, Aloisio. **Povos indígenas do rio negro**. 3º Ed. São Paulo. 2006.

CADRERA, Gabriel. **Gentes com Cerbatana, Canastro Ysin Canoa**. Bogotá. n 10. Pp 144-155. 1999.

CALIL JÚNIOR, Alberto. **Uma etnografia do mundo espírita virtual: algumas aproximações metodológicas**. *Ciencias Sociales Y Religión*, 10(10), 117-136. 2008.

CAMARA MUNICIPAL. Câmara Municipal de São Gabriel da Cachoeira, 2023. Disponível em: <https://www.saogabrieldacachoeira.am.leg.br/institucional/historia>. Acesso em: 10/08/2023.

CAVALCANTE, F.; MINAYO, M. **Organizadores psíquicos e suicídio: retratos de uma autópsia psicossocial**. In: Almeida-Prado MCC. O Mosaico da Violência. São Paulo: Vetor, 2004.

COUTINHO JR, Walter. **Suicídio Indígena Alto Rio-negrino. Circunstancias e enigmas da morte voluntaria no Noroeste da Amazônia**. Manaus. 2011.

GENTIL, Gabriel dos Santos. **Mito Tukano. Quatro tempos de Antiguidades. Histórias Proibidas do começo do mundo e dos primeiros seres**. Tomo I, Zurich e Bassel, Waldgut. 2000.

ICOT. Instituto de Cooperação Técnica Intermunicipal. 53 p. Edição Especial. 1991.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Censo Brasileiro de 2022**. Amazonas: IBGE, 2022. Disponível em: [https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/são – Gabriel-da-cachoeira/](https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/são-Gabriel-da-cachoeira/). Acesso em: 15/05/2022.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Censo Brasileiro de 2022**. Amazonas: IBGE, 2025. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/sao-gabriel-da-cachoeira/panorama>. Acesso em: 20/01/2025.

ICOT. Instituto de Cooperação Técnica Intermunicipal. Julho, p. **Edição Especial**, 1991.

INSTITUTO SOCIO AMBIENTAL. Rio Negro, 2025. Disponível em <https://www.socioambiental.org/>. Acesso em: 03/02/2025.

LANGDON, E. Jean Matesson. **Xamanismo no Brasil: Novas Perspectivas**. 367 p. Florianópolis: UFSC. 1996.

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2003.

LIZARDO, Liliane Salgado. **Mutawarisá: Benzimento entre os Baré de São Gabriel da Cachoeira - Alto Rio Negro**, UFAM, 2016.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola ideal e a escola real. Os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro.** UNB, 2011.

LOVISI, G.M. Santos, A.S., Legay, L., Abelha, L., & Valencia, E. **Análise epidemiológica do suicídio no Brasil entre 1980 e 2006.** Revista Brasileira de Psiquiatria. 2009.

MACHADO, Jonathan de Souza. **Depoimento (04/02/2025).** Entrevistadora: Liliane Lizardo Salgado. Manaus: UFAM. Questionário eletrônico (06 questões). Entrevista concedida para a pesquisa sobre o suicídio entre os Hupd'äh do igarapé Japu na região do Alto Rio Negro. 2025

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Etnografia como prática e experiência.** Horizontes Antropológicos, v. 15, n. 32, p. 129-156, 2009.

MARQUES, Bruno Ribeiro. **Figuras do movimento: Os Hupd'äh na literatura etnológica do Alto Rio Negro.** Rio de Janeiro, PPGAS -MN/UFRJ 2019.

MARQUES, Bruno. **Os Hupd'äh e seus mundos possíveis: transformações espaço-temporais do Alto Rio Negro,** Rio de Janeiro, 2015.

MAXIMILIANO, Loiola. **Narrativas indígenas sobre suicídio no Alto Rio Negro, Brasil: tecendo sentidos.** Fundação Oswaldo Cruz, 2016.

MATOS, Marcos Paulo Santa Rosa. Repositório Brasileiro de Legislações Linguísticas. Brasil: Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística. Disponível em: <https://direitolinguistico.com.br/repositorio>. Acesso em 10/11/2024.

MELO, Juliana Gonçalves. **Identidades Fluidas: ser e perceber-se como Baré (Aruak) na Manaus Contemporânea.** 2009

MENEZES, E.S. **Cartografia Social, identidades coletivas e conflitos territoriais,** 2017.

MENEZES, Rosilene Dutra. **uso abusivo de álcool, suicídio e sofrimento psíquico entre as etnias hupda e yuhupde do polo-base São José II, no DSEI Alto Rio Negro.** UNIFESP. 2019.

MINAYO, M. C. S. O. **Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MINAYO, M.C de S., Pinto, L.W., Assis, S.G. de, Cavalcante, F.G., & Mangas, R.M. do N. **Tendência da mortalidade por suicídio na população brasileira e idosa.** Revista de Saúde Pública. 2012.

MONTARDO, D. L. O. **Estudo da música do ritual xamanístico Guarani.** In: 23a. Reunião Brasileira de Antropologia, Gramado, 2002.

MOREIRA, Elaine. **O lugar da fala: a questão dos suicídios entre os Ye'kuana**. In: Lorena Campo Arauz; Miguel Aparício. (Org.). *Etnografias del suicidio en América del sul*. 1ed. Quito-Ecuador: Editora Universitaria Abya-Yala, v., p. 97-122, 2017.

ORELLANA, JDY. **Desigualdades na mortalidade por suicídio entre indígenas e não indígenas no Estado do Amazonas**, Brasil, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia**. Genebra: OMS, 2000.

PECHINCHA, M. **Aportes da etnografia sul-americanista ao entendimento dos suicídios indígenas: Uma tentativa de síntese a partir de noções divergentes de psique / alma**. *Anuário Antropológico*, n. v.43 n.1, p. 223–256, 1 jul. 2018.

POZZOBON, Jorge. **Identidade e Endogamia: A Organização Sócio-Espacial dos Índios Maku do Noroeste da Amazônia**. Estudos Leopoldenses, São Leopoldo, RS, v. 102, 1988.

QUENTAL, I.A. **Tentativas de suicídio: Construindo dispositivos de prevenção um desafio para o SUS**. 2017. Acesso em 15/05/2024.

RAMIREZ, Henry. **A Língua dos Hupd'äh do Alto Rio Negro**. Saúde sem limites, 2006.

RICARDO, Carlos Alberto. **Povos Indígenas do Rio Negro**. FOIRN-ISA. Ed São Paulo, 2006.

SOLOMON, A. **Um crime da solidão: reflexões sobre o suicídio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

WRIGTH, R.M. **As formas religiosas de resistência indígena**, 1996.

SOUZA, Ronaldo Santhiago, Júlia Costa de Oliveira, Juliana Alvares-Teodoro, and Maycoln Leôni Martins Teodoro. **Suicídio e povos indígenas brasileiros: revisão sistemática**, 2020.

TANCREDI, Tomás da Cunha. **Capturas do Corpo: Suicidados em Auaris, Terra Indígena Yanomami e Yekwana**. UFRJ, 2023.

VIEIRA, Daniel Chaves. **Transtornos de Humor, religiosidade e risco de suicídio em adultos jovens: Um estudo de base populacional**. Porto Alegre, 2017.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. **A inconstância da Alma Selvagem e outros ensaios de Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify. 552 p. 2002.

ANEXOS

Folha de parecer sobre solicitação de Entrada em Área Indígena



Folha de Parecer sobre Solicitação de Entrada em Área Indígena

SOLICITANTE: Liliane Lizardo Salgado

PROJETO: “Suicídio entre o povo Hup’dah do Igarapé Japu na região do Alto Rio Negro”

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL – UFAM

PARECER:

(X) Recomendado

() Não Recomendado

JUSTIFICATIVA:

A solicitante possui uma boa trajetória profissional e acadêmica com relação à temática de seu projeto, possuindo vínculos pessoais e profissionais com a área do Igarapé Japu, na qual vai desenvolver suas pesquisas. É indígena da etnia Baré, com contato e vivências desde sua infância com os Hup’dah.

Seu orientador possui qualificada trajetória acadêmica e demonstra consolidado quadro de formação de recursos humanos.

O projeto da solicitante tem consistência teórica, é objetivo e discute suficientemente sobre sua metodologia e preocupações éticas em relação aos seus interlocutores indígenas, apesar de não discutir em profundidade questões ligadas à cosmo-ontologia e ao xamanismo hup’dah, que irão auxiliá-la no seu trabalho de campo. Neste sentido, recomendo a leitura de obras de antropólogos que já trabalharam conjuntamente com este povo, nas temáticas por mim sugeridas.

Por estes motivos, sou favorável à sua solicitação de entrada no território indígena.

Porto Alegre, 23 de janeiro de 2024.

6462506

08780.000231/2023-90



MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS
FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS

ASSESSORIA DE ACOMPANHAMENTO AOS ESTUDOS E PESQUISA

Autorização de Ingresso em Terra Indígena nº 29/AAEP/2024

IDENTIFICAÇÃO			
NOME:	Liliane Lizardo Salgado	PROCESSO Nº:	08780.000231/2023-90
NACIONALIDADE:	Brasileira	IDENTIDADE:	
INSTITUIÇÃO/ENTIDADE:	Universidade Federal do Amazonas/UFAM		
PATROCINADOR:			
OBJETIVO DO INGRESSO			
Desenvolver o projeto de pesquisa científica "Suicídio entre o povo Hup'da do Igarape Japu na região do Alto Rio Negro".			
EQUIPE DE TRABALHO			
NOME	NACIONALIDADE	DOCUMENTO	
*****	*****	*****	
LOCALIZAÇÃO			
TERRA INDÍGENA:	Alto Rio Negro/Aldeias Santa Cruz do Cabari, Santa Rosa e Santo Atanásio	POVO INDÍGENA:	Hup'da
COORDENAÇÃO REGIONAL:		CTL:	
VIGÊNCIA DA AUTORIZAÇÃO			
INÍCIO:	08 de abril de 2024	TÉRMINO:	22 de abril de 2024
Autorizo.			

sei.funai.gov.br/sei/controlador.php?acao=documento imprimir web&acao origem=arvore visualizar&id documento=6902772&infra sistema=1... 1/2

03/04/2024, 09:34

SEI/FUNAI - 6462506 - Autorização de Ingresso em TI Pessoa Física

RESSALVAS:

- Esta autorização inclui licença para uso de imagem, registro fotográficos, sonoro e audiovisuais e som de voz dos indígenas, para o objeto desta autorização;
- Esta autorização não inclui acesso ao conhecimento tradicional associado à biodiversidade;
- Esta autorização não inclui acesso ao patrimônio genético;
- Remeter à Assessoria de Acompanhamento aos Estudos e Pesquisas – AAEP/Presidência/Funai, mídia digital contendo: relatórios, artigos, livros, gravações audiovisuais, imagens, sons, outras produções oriundas do trabalho realizado e informações sobre o acesso na internet.

Referência: Processo nº 08780.000231/2023-90

SEI nº 6462506

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO

1. O que o Dsei está fazendo para minimizar o suicídio entre os Hupd'äh do Igarapé Japu?
2. Quais são os trabalhos realizados?
3. Ainda tem aqueles projetos que era feito sobre benzimento (*bi'in*) pelo núcleo da medicina tradicional?
4. Que tipo de evento está sendo feito no mês do setembro amarelo nos Hupd'äh?
5. o que dizem as Notas Técnicas referente ao suicídio entre os Hupd'äh?
6. Fale sobre o programa Medicina Tradicional para todos.
7. O Parauari já faz parte do SIASI ou lá é temporário?
8. Comente sobre os casos de afogamento no Parauari, continua? Quais trabalhos são realizados lá?

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO

1. Quais dificuldades a equipe enfrenta para entrar no igarapé Japu?
2. Qual a dificuldade em trabalhar com os Hupd'äh? O que mais dificulta o trabalho?
3. O que poderia ser feito para melhorar o atendimento com os Hupd'äh na aldeia?
4. Como vocês agem quando recebe radio fonia que algum Hupd'äh ingeriu timbó?
5. Qual o trabalho de vocês em relação a resgate de suicídio?
6. Quais formas de estratégia estão usando para alcançar a meta com os Hupd'äh?